

IVAN RAMOS ESTÊVÃO

A REALIDADE, ENTRE FREUD E LACAN

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
Psicologia

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2009

IVAN RAMOS ESTÊVÃO

A REALIDADE, ENTRE FREUD E LACAN

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa

Área de Concentração: Psicologia Clínica

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2009

Ivan Ramos Estêvão

A realidade, entre Freud e Lacan

BANCA EXAMINADORA:

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

SÃO PAULO, / /2009

Para Clarissa.

Prá Bebel.

RESUMO

ESTEVIÃO, Ivan Ramos, *A realidade, entre Freud e Lacan*. São Paulo, 2009.

Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Na teoria de Freud, o conceito de realidade é central, sendo trabalhado do princípio ao fim da obra. Sustentamos que também é o caso em relação a Lacan. Articulando percepção e representação, a concepção de Freud é que a realidade se dá como atribuição de sentido. Ou seja, não há, para nós, uma “realidade” meramente dada: a realidade humana se constrói. Já Lacan, expressamente a partir de Freud, enfatiza a importância da relação do sujeito com o Outro na atribuição de sentido que é matriz da realidade humana. A exposição sobre Freud se vale da análise do conceito de representação e de sua importância na teoria da neurose, passando pelos conceitos de realidade psíquica, de fantasia e da teoria de constituição do indivíduo, terminando na idéia, tardia e crucial, de desamparo. Quanto a Lacan, retomamos a concepção de registro do simbólico e as concepções de significante e significado, e suas articulações com os tempos do Édipo e a constituição do sujeito. O estádio do espelho, as estruturas clínicas, a constituição do registro do imaginário e os esquemas R e L são referidos como elementos de explicitação da constituição da realidade a partir da relação com o Outro. Terminamos na referência ao registro do real a partir da introdução do objeto *a*. Em Freud e Lacan, de modos distintos, mas não excludentes, a realidade é pensada a partir da intersubjetividade e da situação de desamparo constitutiva do sujeito (Freud) ou de falta (Lacan).

Palavras-chave: Freud; Lacan; realidade; real; significante; representação.

ABSTRACT

ESTEVIÃO, Ivan Ramos, *A realidade, entre Freud e Lacan*. São Paulo, 2009.

Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

In Freud's theory, the reality concept is central, it have been worked from the beginning to the end of it. We sustain that it is the same with Lacan. Articulating perception and representation, Freud's conception is that reality is a sense production. It means there isn't, to us, a reality merely given: human reality is built. Lacan, starting in Freud, emphasizes the importance of the relation between the subject and the Other on producing the sense that is the matrix of human reality. The exposition about Freud uses analyses of the concept of representation and its importance on neuroses theory, passing thru concepts of psychics reality, fantasy and the theory of individual constitution, getting to the crucial and late idea of helpless. In the matter of Lacan, we retake the conception of register of symbolic and conceptions of (significante) and meaning and its articulation with Oedipus age and the constitution of the subject. The mirror stadium, the clinical structures, the construction of the imaginary register and, the schemas R and L are referred as elements of explicitation of reality constitution from the relation to the Other. We finish on the reference on the register of real starting from the introduction of *a* object. In Freud and Lacan, in different ways, but not excluding each other, reality is thought from the inter subjectivity and the constitutive helpless situation of the subject (Freud) or lack (Lacan).

Words-key: Freud; Lacan; reality; real.

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Nota prévia sobre referência e citações	10
Introdução	11
Parte I: Freud	20
Capítulo I: Realidade e representação	20
1. Realidade	20
2. Representação.....	23
3. Palavra, coisa, objeto	28
4. Percepção.....	32
5. Tradução.....	35
6. Pulsão	40
7. A representação intolerável	44
Capítulo II: O interno e o externo	47
1. Juízo de existência e teste de realidade	47
2. Sedução, fantasia e realidade psíquica	51
3. A realidade da histeria	54
4. Atribuição de sentido.....	55
Capítulo III: Realidade e fantasia	60
1. Desejo e fantasia.....	60
2. Constituição psíquica e realidade	68
3. Princípio de prazer e princípio de realidade	73
4. Narcisismo.....	76
5. Fantasia e delírio	81
6. Desamparo e atribuição de sentido.....	95
Parte II: Lacan	102
Capítulo I: Freud, Lacan e a ciência	102
1. Clínica e experiência	103
2. Do olho para o ouvido	107
3. Cientificidade e teorização	111

Capítulo II: Significante e significação	114
Capítulo III: A constituição do sujeito	120
1. O sujeito e o Outro.....	120
2. O estágio do espelho e o registro imaginário	124
3. A falta	133
4. A significação do falo.....	136
5. A castração	140
Capítulo III: O campo da realidade	147
1. O esquema L e o esquema R	147
2. A psicose	156
3. O real e a realidade	162
Considerações finais	171
Bibliografia	176

AGRADECIMENTOS

À professora Miriam Debieux Rosa, pela orientação segura, mas, em especial, pela paciência e confiança além do limite do dever. Ao professor Christian Dunker e à professora Irene Cardoso pela leitura precisa e pelas valiosas indicações feitas no exame de qualificação, sem as quais dificilmente este trabalho chegaria a bom fim.

A Daniel Alencar, Marcelo Checchia, Maurício Hermann e Ricardo Trinca, amigos que são também interlocutores. Aos colegas do grupo de orientação, em especial, às amigas Marta Cerruti, Patrícia Porchat e Sandra Berta. A Marcos Medeiros, bom amigo e antagônico companheiro de trabalho docente.

À turma da Psicologia: Agnaldo, Alexandre, Ana Carmen, Ana Paula, Carolina, Christiane, Daniela, Eliete, Elisângela, Izildinha, Fabíola, as Fernandas, Ilídio, João e João Pedro, Júlia, Larissa, Leonardo, Lygia, Marcelo, Maria Elisa, Mariana, Mariliz, Miriam, Myrna, Nádia, Natália, Paulo, Raquel e Raquel, Ricardo e as Valérias. E, muito em especial, à Angela Biazi Freire.

Aos meus queridos alunos, que contribuíram decisivamente para que eu fosse obrigado a precisar os conceitos que buscava ensinar.

Aos amigos André Cristo, Liliam Kellian, Luciana Barbieri, Natália Barbieri e Paula Fonseca, com quem estou em falta (“não posso, tenho que escrever o doutorado”...).

À Ana. Ao Zé e à Marisa. À Júlia e à Helena. Ao Fê e ao Chico. À Xane.

À Capes.

Nota prévia sobre referências e citações

Quanto a Freud, o texto de base é a edição alemã. Seguido pela *Edição Standard Brasileira*, ainda na versão antiga, malgrado suas notórias e notáveis deficiências. Ao mesmo tempo, vali-me constantemente da tradução argentina da editora Amorrortu, provavelmente a melhor que já foi feita. Nas notas, as obras serão citadas pelas respectivas siglas: ESB = *Edição Standard Brasileira* e GW = *Gesammelte Werke*. Seguidas de volume, em algarismos romanos e página, em arábicos.

Os títulos dos textos de Freud serão citados, em geral, segundo a versão da Edição Standard, com as modificações inevitáveis. Algumas obras mais conhecidas ou importantes para o presente trabalho serão referidas no texto pelo nome original, tentando evitar a ressonância de traduções consagradas. É o caso de *Entwurf* para o *Projeto para uma psicologia* (ao qual se acoplou o equívoco complemento “científica”), *Aphasien*, para o texto *Sobre as Afasias* ou *Die Traumdeutung* para *A interpretação dos sonhos*.

Dado que ainda não se conseguiu forjar uma terminologia psicanalítica consistente em português, não encontrei alternativa senão o desconfortável expediente de utilizar ou lembrar, sempre que me pareceu necessário, os termos alemães. Mantive algumas correções já consagradas: por exemplo, não traduzir *Kultur* por *civilização*, *Trieb* por *instinto*, *Ich* por *ego*, ou acompanhar a decisão da nova edição da Imago de continuar a traduzir o *Es* freudiano por *id*, ao invés de *isso*.

Quanto a Lacan, a situação é mais fácil, embora esteja longe de ser confortável, e o trabalho foi feito a partir das traduções brasileiras, mantendo sobre a mesa o texto francês disponível, isto é, a edição estabelecida por Jacques-Alain Miller (ainda parece cedo para outra opção), só eventualmente me aventurando a textos estabelecidos por outros editores. A leitura de Lacan nos obrigou a lançar mão também, algumas vezes, da tradução francesa de Freud dirigida por Laplanche (tradução que dificilmente seria do agrado de Lacan, mas que me ajudou).

INTRODUÇÃO

O ser se diz de muitas maneiras. Aristóteles.

Em *Um antropólogo em Marte*, Oliver Sacks apresenta uma narrativa de sete casos que ele chama, já no subtítulo, de histórias paradoxais. A mais famosa é “Ver e não ver”¹: um homem, Virgil, praticamente cego de nascença, constrói sua vida a partir das soluções possíveis em relação a sua deficiência. Na verdade, tudo indica que ele consegue sair-se bem, apesar da cegueira: mora sozinho, trabalha, tem uma namorada, tudo o que é exigido socialmente. Mas é posto numa posição inusitada quando a namorada lhe pede para passar por uma cirurgia que pode lhe trazer a visão. Ele aceita se submeter e, no que tange a medicina, a cirurgia é um sucesso. Do ponto de vista anatômico, Virgil pode enxergar. No entanto, sua adaptação se mostra surpreendente: Virgil enxerga, mas não reconhece o que vê. O que está em jogo não é mais a percepção no seu sentido mais direto, ou seja, a recepção dos estímulos, e sim a interpretação desses sinais.

Como a realidade de todo mundo, a de Virgil é calcada em seus sentidos, e em seu caso em particular, como na da maioria dos cegos, principalmente na audição e no tato. Mas a entrada de um “novo sentido”, a visão, mais o confunde do que ajuda. Virgil passa a ter de aprender a ver, fato que chama a atenção, pois o senso comum imagina que os sentidos seriam apenas parte de uma certa natureza. Nada mais incorreto. O caso

¹ SACKS, O., “Ver e não ver” in *Um antropólogo em Marte*. Trad. de B. Carvalho. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

de Virgil demonstra que é preciso aprender a sentir.

O que surpreende na história é que ela nos obriga a por em questão a naturalidade que atribuímos à relação da percepção com a compreensão da realidade. Sabe-se que há toda uma tradição filosófica sustentada pela questão: o quanto podemos garantir que nossas percepções nos oferecem a realidade das coisas? Como chegar às coisas mesmas, à sua essência? Também se sabe que, desde Kant, a coisa-em-si é incognoscível.

Ora, algo dessa problemática também atravessa a psicanálise, que, acreditamos, está em condição de oferecer algumas hipóteses no sentido de explicar porque Virgil era incapaz de ver mesmo quando enxergava.

O que há de tão emblemático nesse caso? Mostrar que a realidade é construída e que não é meramente um processo de aquisição de percepções. A interpretação dessas percepções, a produção de um sentido é que determina a construção da realidade. Isso tem implicações sobre as quais a psicanálise não deixa de insistir. Em primeiro lugar, sobre os problemas da concepção da relação sujeito/objeto num modelo que, genericamente, se poderia tomar como inspirado no clássico dualismo cartesiano.

A clínica médica, segundo Foucault², consegue se firmar a partir de um discurso que se prende ao corpo, à lesão e a ausência do subjetivo; tende a estabelecer a realidade da percepção como unívoca, portanto objetiva. Dunker cita um livro de referência da clínica médica que nos fornece uma passagem paradigmática:

“O instrumento de medida é pessoal e único. A avaliação subjetiva diminui a precisão. Quem pode quantificar a náusea ou a severidade da dor? Sintomas podem ser esquecidos, suprimidos ou amplificados quando filtrados pela

² FOUCAULT, M., *O nascimento da clínica*. Trad. de R. Machado. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

grade da personalidade”³.

Se em toda a ciência moderna se afirma a idéia de uma univocidade da *realidade*, a psicanálise lembra algo diverso, talvez anterior: a ausência de unidade no próprio *sujeito* a quem se dá a realidade. Daí, por exemplo, a necessidade da crítica às “psicologias do *ego*”, feitas por Lacan em, por exemplo, *A Direção do Tratamento e os Princípios do seu Poder*:

“Para os psicanalistas de hoje, essa relação com a realidade é evidente. Eles medem as defecções em relação a ela por parte de um paciente com base no princípio autoritário dos educadores de sempre, só que se fiam na análise didática para garantir sua manutenção num teor suficiente nos analistas. [...] E não é muito tranquilizador vê-los traçar o percurso da análise na redução, no sujeito, dois desvios imputados à sua transferência e a suas resistências, mas situados em relação à realidade [...]”⁴.

Interessa aqui o conceito de realidade que Lacan imputa àqueles que critica: haveria, para tais analistas, uma realidade una, comum a todos, que seria o ponto de direção do tratamento. O analista teria condição de conduzir seu paciente para que se torne mais adaptado/côncio/encaixado com/na a realidade. O que autorizaria o analista a se posicionar como vigia da realidade seria a análise didática, pela qual o analista supostamente já passou. Lacan aponta ainda outros recursos, tais como a idéia de um *ego autônomo*⁵, capaz de levar à *happiness* sem atrapalhar a autonomia que pavimenta o *american way of life*⁶.

³ WYNGAARDEN, J. B., and SMITH, L. H., *Cecil Textbook of Medicine* (Saunders, Philadelphia, 1985) apud DUNKER, C., “Clínica, linguagem e subjetividade”, *Revista Distúrbios da comunicação*, São Paulo, 2000, XII(1), p. 41.

⁴ LACAN, “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” in *Escritos*. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998, p. 596.

⁵ Id., ib.: “Trata-se do conjunto supostamente organizado das mais dispares funções que presta seu apoio ao sentimento de inatismo do sujeito. É considerado autônomo porque estaria ao abrigo dos conflitos da pessoa”.

⁶ Id., ib., p. 597.

Ora, a psicanálise, ao contrário de tais psicologias do eu, sempre teve que se haver com o conceito de realidade, importante para Freud desde o início de sua obra, justamente porque nunca lhe pareceu como simplesmente pressuposto. A própria neurose, que tem na histeria seu paradigma, se confirma enquanto um campo de estudo na medida em que se confere valor de verdade às suas manifestações. Isto é, quando se considera que a ausência de substrato fisiológico (“de realidade”) do sintoma não faz do histérico um fingido. A histeria é real. Mas, de que realidade?

Qual o estatuto da realidade para Freud e Lacan? A questão não abre para uma nova temática. O que pretendemos é obter outro ângulo de abordagem. Apontar como há elementos de estreito contato entre as posições de ambos, como, de resto, Lacan nunca deixou de repetir. Trata-se de apresentar as respectivas concepções com o intuito de mostrar que, malgrado as diferenças teóricas e conceituais, os conceitos de realidade em Freud e em Lacan são homólogos.

Além da construção da realidade ser determinada pela atribuição de sentido, em âmbito intersubjetivo, ambos consideram que sobra algo que não se inscreve em termos de representação (Freud) ou de significante (Lacan). É o traumático, em Freud, atrelado ao conceito de desamparo; em Lacan, se traduz no conceito de real. Real e realidade não se opõem: a realidade é o campo da atribuição de sentido, da significação; o real é o que escapa à significação, é o sem-sentido, mas é motor do processo de significação. Resta, o mal-estar, resta a falta.

A realidade pensada por Freud está ligada ao próprio objeto da psicanálise, o inconsciente. Baas comenta que o inconsciente já era conhecido antes de Freud⁷, a

⁷ Nesse sentido, cf., por exemplo, CAZETO, S. J., *A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do Século XIX*. São Paulo, Escuta, 2001.

“grande invenção” freudiana está na idéia de realidade psíquica: “a ‘realidade psíquica’, por sua própria formulação, é o que rompe com toda a tradição filosófica e psicológica que precede a invenção da psicanálise”⁸. Claro que o inconsciente freudiano tem suas particularidades que o diferenciam de qualquer outro postulado anteriormente, mas a relação entre o inconsciente e a realidade psíquica é profunda. Freud mesmo faz essa ressalva:

“Nas palavras de Lipps, deve-se pressupor que o inconsciente é a base geral [*allgemeine Basis*] da vida psíquica. O inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno [*Wert*] de um processo psíquico [*psychischen Leistung*]. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica [*Das Unbewußte ist das eigentlich reale Psychische*], em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais⁹.

Na citação acima temos já um pouco do caminho de Freud. O inconsciente do *Die Traumdeutung* já é o principal ponto onde ocorrem os processos psíquicos. A consciência, aqui, é algo “menor” e tudo que é hoje consciente esteve anteriormente inconsciente, embora o inverso não seja verdadeiro. Do mesmo modo, a “realidade” confundida com o “exterior” corpóreo, “material”, não dá conta da realidade especificamente humana.

A realidade não é unívoca e nem sensivelmente intuitiva, como quer o senso comum. Não se refere apenas ao que se tem acesso pelos órgãos dos sentidos, e sim a um conjunto de representações que se apresentam aos órgãos dos sentidos e que são interpretados por outros complexos já presentes no sistema psíquico. Dessa forma,

⁸ BAAS, B., “Freud, a realidade psíquica e a tentação do transcendental”, *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 9.

⁹ *A interpretação dos sonhos*, ESB, IV, 650-651 / GW, II/III, 617-618. Ênfase do autor.

interno e externo, realidade e realidade psíquica se confundem em determinados momentos, tendo importantes efeitos sobre o indivíduo. São justamente esses efeitos que parecem intrigar Freud.

O problema da concepção de realidade está presente na obra de Freud desde seu princípio, começando em *Para uma concepção das afasias*, de 1891, e permanecendo até *Esboço de psicanálise*, de 1938, quase cinquenta anos depois, passando do *Projeto* ao *Die Traumdeutung*, sem esquecer textos cruciais como *A negação*, *Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose na psicose*.

A necessidade de rever a concepção de realidade se apresenta a partir de alguns curtos-circuitos teóricos, em primeiro lugar, a impossibilidade de explicação anatômico-fisiológica para a histeria, que põe em cheque a aceção de realidade em que Freud se formara como médico.

Frente aos fenômenos clínicos com os quais se depara, Freud se vê levado a construir uma teoria da neurose que, por sua vez, pressupõe uma teoria do funcionamento psicológico normal. Para tanto, deve articular modalidades do funcionamento psíquico tais como a percepção, a consciência, a memória, a imaginação, o pensamento. Que se conectam à realidade através do conceito de representação, a base desta construção do modelo de aparelho psíquico.

A representação não é “cópia” de uma realidade externa. Ou antes, a “realidade externa” é modalizada pelo que constitui o propriamente humano, a pulsão. Desta forma, para Freud, é antes de tudo, literalmente, “o representante da pulsão”. Devem existir chaves de tradução da realidade perceptiva que constituem a própria “realidade” tal como a efetivamos. É a partir da pulsão e da representação que se estabelece a

relação do indivíduo com a realidade.

Trata-se de pensar a constituição do indivíduo lançando mão de operadores como realidade psíquica, princípio de realidade, teste de realidade, perda ou o afastamento da realidade, incluindo a diferenciação entre “mundo externo” e “mundo interno”.

Também a necessidade de abandonar a teoria da sedução, uma vez que implicava numa inverificabilidade absoluta, faz com Freud seja levado a conceber a lembrança de sedução que aparece na clínica com um estatuto de realidade de outro tipo: a “lembrança” não é memória de um evento “externo”, mas fantasia sobre um desejo, sem, contudo, perder seu valor de verdade. Daí os temas da sexualidade infantil, o complexo de Édipo, e, em particular, relação entre fantasia e realidade psíquica.

Fantasia e realidade psíquica se relacionam segundo o entrechoque dos dois princípios de funcionamento mental: o princípio de prazer e o princípio de realidade. O princípio de prazer agencia a percepção na medida em que busca na realidade seu objeto de satisfação. No entanto, tal objeto não se dá necessariamente como presença “externa”, pois nada proíbe que seja da ordem da alucinação. Torna-se necessário o “teste de realidade”, capaz de verificar a presença do objeto. Tal teste, faz com que certos elementos do “mundo externo” apareçam como limites do princípio de prazer, ou melhor, trazendo consigo igual ou maior dose de desprazer, devem ser ou evitados ou postergados, exercício do princípio de realidade. Vale dizer, a “realidade” não se “dá” senão a partir deste jogo.

O princípio de prazer rege o inconsciente, segundo o que Freud chama de processo primário. Por sua vez, o princípio de realidade impõe o processo secundário,

isto é, as regras ditadas pela percepção e pelo pensamento. É no processo secundário que se estabelece a lei moral. Isto é, o interdito da castração.

A castração não é senão a possibilidade de atribuição de sentido à situação na qual a criança está inserida. A subjetivação da diferença sexual abre a possibilidade da identificação da criança com os pais, conseqüentemente, à sua entrada no âmbito da cultura. Ou seja, no registro da castração, a realidade é aquilo que recebe sentido.

No entanto, o ingresso na cultura implica numa perda inicial do objeto de amor, que será perpetuamente sentida como “mal-estar”. Permanece “algo” que nunca vem a receber sentido. Para fazer frente ao desamparo, o indivíduo constitui, a partir da castração, um aparelho de atribuição de sentido, matriz da realidade, que, impõe, simultaneamente, a permanência do mal-estar, a impossibilidade de se adaptar à realidade.

Na análise do conceito de realidade em Freud, alguns textos são tomados como base. Os textos fundamentais são *Para uma concepção das afasias*, o *Entwurf*, *Formulações sobre os dois princípios fundamentais do funcionamento psíquico*, *A negação*, a dupla de trabalhos *Neurose e psicose* e *Perda da Realidade Na Neurose e psicose* e, por fim, o *Abriss*.

O trajeto que fizamos com Lacan parte da conceituação freudiana e principalmente da idéia de que a realidade tem como base o processo de atribuição de sentido. Por conta disso, é fundamental retomar as idéias de Lacan sobre o simbólico e sua teoria do significante. Lacan, nos seus seminários iniciais, é insiste na importância do significante na organização da realidade.

Estabelecido o registro do simbólico, cabe entender como ele incide sobre o sujeito. Esse movimento, de rever a constituição do sujeito a partir do estágio do

espelho e dos três tempos do Édipo, serve também para precisar o registro do imaginário e sua influência também sobre a realidade.

A leitura de Lacan mostra como, aos poucos, se torna cada vez mais patente a importância do Outro como um dos eixos de atribuição de sentido na realidade do sujeito. Mas o que também ganha espaço são os conceitos de falo e de falta, que na sua articulação serão outros marcadores fundamentais, dando relevo ao significante do Nome-do-Pai e à castração no modelo lacaniano.

A formalização desse processo acontece na apresentação do esquema R, no qual Lacan introduz a idéia de campo da realidade. O campo da realidade é constituído na conjunção entre o simbólico e o imaginário. Lacan acrescenta em 1966 uma nota de rodapé que põe em jogo o registro do real a partir do conceito de objeto *a*. Assim, seguimos para a parte final do trabalho, ou seja, a relação da realidade com o registro do real.

Nesse processo foi possível estabelecer algumas convergências a respeito do conceito de realidade em Freud e em Lacan.

Quanto a Lacan, é importante uma ressalva. Optamos por lidar com os textos referentes a um determinado período de sua conceituação, a saber, os textos e seminários que vão até 1960. Claro que desenvolvimentos posteriores sobre o conceito de realidade serão feitos, contudo acreditamos que esse período fecha um arco da teoria de Lacan que vai desde a construção do registro do imaginário até o princípio de sua apresentação mais consistente sobre o registro do real.

Também aqui, alguns textos dos *Escritos* são tomados como base, tais como o *A significação do falo* e *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, além da centralização da análise nos *Seminários IV e V*.

PARTE I: FREUD

CAPÍTULO I: REALIDADE E REPRESENTAÇÃO

1. Realidade

Na “Conferência XXXV”, publicada em 1933, Freud afirma que a psicanálise não é, ela mesma, uma *Weltanschauung*, mas participa da *Weltanschauung* da ciência.

A ciência, por sua vez tem como premissa:

“chegar à correspondência [*Übereinstimmung*] com a realidade [*Realität*] – ou seja, com aquilo que existe fora de nós [*außerhalb von uns*] e independentemente de nós, e, segundo nos ensinou a experiência [*Erfahrung*], é decisivo para a satisfação ou a decepção de nossos desejos [*Wünsche*]. A essa correspondência com o mundo externo real [*realen Außenwelt*] chamamos de verdade [*Wahrheit*]¹⁰.

A *Weltanschauung* não é a Realidade (assim mesmo, com “R” maiúsculo, como em alemão), mas *uma* aproximação dela: realidade que pode ser entendida à luz da ciência, mas que poderia ser lida à luz da religião, por exemplo.

A Realidade, tomada aqui como o mundo exterior (*Außenwelt*), só pode ser entendida a partir de um modelo, seja ele um modelo científico, religioso, filosófico ou qualquer outro (Freud sugere até uma *Weltanschauung* a partir das artes). A verdade (*Wahrheit*) é a correspondência da *Weltanschauung* com a *Realität*.

A verdade seria relativa, adequada à *Weltanschauung* que guia a correspondência com a Realidade. Até porque, como diz Freud em seu texto final, o

¹⁰ *Novas conferências introdutórias, Conferência XXXV, ESB, XXII, 207 / GW, XV, 184.*

*Abriss der Psychoanalyse: “Das Reale wird immer ‘unerkennbar’ bleiben”*¹¹.

Posição “pós-crítica”, de corte kantiano¹², característica de quase todas as ciências, segundo a qual só nos aproximamos da Realidade. Ou seja, a Realidade só pode ser captada a partir de uma tradução. O modelo da Realidade, dessa forma, nunca é exatamente *Außenwelt*. Antes de tudo, deve ser interna, *Innenwelt*. Ao que tudo indica – e trabalharemos com isso – *Außenwelt* e *Innenwelt* se constituem em um jogo articulado não por uma necessidade de saber inerente a natureza humana, mas por uma articulação entre a relação prazer/desprazer. A tradução que possibilita a relação do ser humano com *Außenwelt* é mediada por um termo que já está presente na citação acima: desejo (*Wunsch*).

Nessa conjunção, na qual temos três configurações de realidade, articuladas, mas diferenciadas (o mundo interno, o mundo externo e a Realidade), o homem deve se posicionar de forma a responder aos seus desejos e seguir determinados princípios que regulam seu funcionamento, os princípios de prazer e de realidade (além daquilo que está para além do princípio de prazer).

Para tanto, deve ter em mãos alguns recursos: percepção, pensamento, julgamento, ação modificadora, recalque, delírio, entre tantos elementos que darão conta e, portanto, serão atravessados por uma determinação única: o desejo.

Há dois eixos na compreensão de Freud em relação ao conceito de realidade: a relação do neurótico frente à realidade e a relação geral do homem em relação à constituição da realidade. Desnecessário dizer que ambos estão intimamente ligados. Na

¹¹ “O real será sempre ‘incognoscível’”. *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 225 / GW, XVII, 127.

¹² Cf. FULGENCIO, L., *O método especulativo em Freud*. São Paulo, Educ, 2008.

psicanálise freudiana, como se sabe, o fio que separa normal e patológico é dos mais tênues: “não é cientificamente viável traçar uma linha de demarcação entre o que é psiquicamente normal e anormal, de maneira que esta distinção, apesar de sua importância prática, possui apenas um valor convencional”¹³.

À medida que pensa a etiologia da neurose Freud se aproxima, necessariamente, da psicologia da normalidade. O *Außenwelt* se torna chave importante para a compreensão do surgimento da neurose e se configura como um aspecto a ser trabalhado no tratamento. Mas o *Innenwelt*, pelo menos a partir do final da teoria da sedução, ganha espaço crucial, criando o que alguns¹⁴ chamam de um “desequilíbrio” interno à teoria, quando fatores internos parecem mais “intensos” na etiologia da neurose do que os externos.

Ao final da construção freudiana, tudo se mistura. *Innenwelt* e *Außenwelt* se confundem e seus limites parecem incertos. Normal e patológico também. A Realidade, seja ela qual for, perceptível, material, concreta, se torna, mais do que nunca, *unerkennbar*.

O conceito de Realidade em Freud é construído indiretamente: o autor não o tematiza explicitamente, é a construção da teoria que leva a precisá-lo. Por exemplo, a distinção “externo” / “interno” tende a se esfumar. Tanto que, embora Freud só dedique um texto bastante tardio ao tema (*A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, de 1924), ele está presente desde o início de sua elaboração, sem jamais ganhar centralidade.

¹³ *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 224 / GW, XVII, 125.

¹⁴ Por exemplo, MONZANI, L. R., *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.

Como todo conceito psicanalítico, exige o suporte da trama conceitual. Dois conceitos centrais no entendimento da Realidade são as idéias de representação (*Vorstellung*) e de percepção e sua respectiva articulação.

2. Representação

O conceito de *Vorstellung* é um dos mais antigos da psicanálise, sendo considerado por Garcia-Roza como originário do aparelho de linguagem¹⁵ proposto por Freud em *Para uma concepção das afasias*¹⁶. Nesse texto já estão presente dois conceitos que serão retomados 24 anos depois, o de *Objektvorstellung* (representação-objeto) – que será chamado, em 1915, de *Sachevorstellung* (representação-coisa)¹⁷ – e o de *Wortvorstellung* (representação-palavra).

Tanto a análise do conceito de representação quando a do *Entwurf* já estão suficientemente bem realizadas por Garcia-Roza, no entanto, na medida em que são determinantes para nosso desenvolvimento, nos vemos obrigados, até por probidade intelectual, a retomá-la.

O conceito de representação atravessa toda a obra, sem exceção. Segundo Garcia-Roza, há quem aponte para a dívida de Freud para autores tais como Kant,

¹⁵ GARCIA-ROZA, L. A., *Introdução à metapsicologia freudiana*. Vol. III. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2000, p. 242.

¹⁶ Mantemos a tradução do título de Garcia-Roza (op. cit., v. I, p. 17), fiel ao original: *Zur Auffassung der Aphasien* (Frankfurt am Main, Fischer, 2001). A tradução portuguesa, feita a partir da versão italiana, recebeu o título de *A interpretação [sic] das afasias* (Trad. de A. P. Ribeiro. Lisboa, Ed. 70, 1979) e é, na realidade, uma seleção que buscar separar, pode-se imaginar como, o que se pretendeu que fosse o conteúdo “psicológico” do conteúdo “fisiológico”. A tradução francesa, *Contribution à la conception des aphasies* (Trad. de Cl. van Reeth, Paris, PUF, 2002), efetivamente uma tradução, foi utilizada em cotejo com o original alemão. Sobre as dificuldades de tradução da obra, cf. ROSSI, E. B., “[Para a] Tradução brasileira, comentada e anotada, de *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie* de Sigmund Freud”, *Anais do SETA*, 2008, 2, pp. 441-446.

¹⁷ *O inconsciente*, ESB, XIV, 229 / GW, X, 300.

Brentano, Stuart Mill, entre tantos¹⁸, no entanto, o comentador se pergunta, em tom de proposta, se não se trata mais de uma subversão de Freud das concepções de *Vorstellung* da época do que exatamente uma “dívida”¹⁹, interpretação que fazemos nossa, até porque as tentativas de determinação das “bases epistemológicas” de Freud, embora abundantes, não parecem satisfatórias ou suficientes. A dificuldade pode ser uma indicação de que a dúvida de Garcia-Roza é razoável.

Lacan fala de quatro conceitos fundamentais da psicanálise: pulsão, repetição, transferência e inconsciente²⁰. Mas o fato é que o arcabouço freudiano implica numa quantidade alta de conceitos basilares. Por exemplo, Mezan aponta também para o conceito de recalque (*Verdrängung*)²¹ como um dos alicerces do arcabouço teórico²². E, num trabalho anterior, buscamos indicar a importância crucial do conceito de complexo de Édipo e suas articulações, como o complexo de castração²³. Ora, o mesmo vale para o conceito de representação (*Vorstellung*), que é fundamental ao longo de toda obra freudiana.

Como indicação das mudanças de sentido da noção corrente de representação, Laplanche e Pontalis tematizam a aparente incongruência da expressão *representação*

¹⁸ Por exemplo, FULGENCIO, op. cit., em especial no que diz respeito a Kant, ou, noutra perspectiva, GABBI Jr., O., *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 2003. Os exemplo são nosso, não de Garcia-Roza.

¹⁹ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., V. III, p. 242.

²⁰ *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais de Psicanálise*. (As referências completas dos Seminários estão na Bibliografia).

²¹ A tradução de *Verdrängung* será sempre *recalque*, nunca *repressão*. A questão parece já bem estabelecida na terminologia psicanalítica e podemos remeter, por exemplo, a LAPLANCHE, *A sublimação*. Trad. de A. Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 141-142. Ou ainda à nota de tradução de Nelson da Silva Jr. na abertura do livro de Conrad Stein, *O psicanalista e seu ofício*. São Paulo, Escuta, 1988, p. 13.

²² Cf. MEZAN, R., *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1982.

²³ ESTÊVÃO, I. R., *Sobre a universalidade na psicanálise: um estudo da teoria freudiana do complexo de Édipo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2003.

inconsciente, eventualmente utilizada por Freud, que apontaria para o seu desligamento do que chamam de filosofia clássica: o que antes era primordial, a representação subjetiva do objeto, fica em segundo plano²⁴. Ou seja, a representação já não é a tradução perceptiva do objeto.

Essa idéia precede os *Estudos sobre a histeria*. A noção de representação já está presente no texto de 1891, *Para uma concepção das Afasias*. Segundo a análise de Garcia-Roza, o modelo de aparelho de linguagem (*Spracheapparat*) que Freud monta no texto será a base para o modelo de aparelho neurônico do *Entwurf* e também do aparelho de memória da *Carta 52* e por fim do aparelho psíquico do capítulo VII do *Die Traumdeutung*²⁵.

No primeiro volume de *Introdução à metapsicologia freudiana*, Garcia-Roza se retrata por ter tratado o *Entwurf* como um texto pré-psicanalítico. Não seria assim. Para ele, Freud já então inicia a psicanálise, e ainda vai mais longe: no texto *Zur Auffassung der Aphasien* encontramos esboços importantes do que será a teoria vindoura. Já então há rompimento em relação à teoria vigente sobre o tema das afasias, que vinha sendo desenvolvido a partir de uma teoria das localizações cerebrais. Nela, cada modo de afasia corresponderia a um centro específico lesionado (centro de Broca – ou motor –, e centro de Wernicke – ou sensorial). Estes dois centros seriam associados por um sistema de fibras constituído principalmente pela ínsula. Sistema de fibras que seria responsável pela associação da imagem mnêmica dos movimentos com a imagem mnêmica sonora, cada uma presente em seu centro específico. No caso da lesão de um dos centros, produziam-se as afasias centrais e se houvesse destruição no sistema de fibras, tinha-se

²⁴ LAPLANCHE, & PONTALIS, *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. de P. Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 449.

²⁵ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., vol. III, pp. 242-243.

a afasia de condução: “a antiga teoria da localização afirmava uma relação ponto a ponto entre os *estímulos* provenientes do mundo externo e *representações* localizadas em determinados pontos do córtex cerebral, de tal forma que as representações corresponderiam a uma projeção dos elementos da periferia”²⁶.

Freud recusa essa concepção de representação como uma “cópia da impressão”, isto é, como cópia daquilo que é dado à percepção através de estímulos externos. O sistema de fibras de associação, na teoria da localização, não altera a impressão. Já para Freud, a passagem (transmissão) de uma impressão não se dá de forma direta sem modificações “mas através de sistemas de condução passando por estágios distintos que diminuem sua intensidade”. Garcia-Roza afirma que essa mudança na transmissão da impressão sensorial implica numa mudança de significação funcional que por sua vez pode ser entendido em termos de uma *tradução*. Ora, uma vez que ocorre uma tradução do estímulo externo, deve haver também uma estrutura de código “que estabelece a comunicação entre as excitações provenientes da exterioridade e o receptor do tecido cortical”²⁷. A impressão passa por um processo de transmissão que altera a recepção do estímulo e o traduz produzindo assim um efeito psicológico.

Logo, Freud foca a relação existente entre os processos psicológicos e fisiológicos, concluindo que *não há* uma duplicação simples do processo fisiológico nos processos psicológicos:

“Provavelmente, a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam ao se iniciarem os psíquicos, pelo contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada um de seus elementos corresponde um fenômeno psíquico. O psíquico é, assim, um

²⁶ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, p. 30.

²⁷ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, p. 31.

processo paralelo ao fisiológico”²⁸.

Tal modelo, ainda segundo Garcia-Roza, possibilita pensar na produção do novo, de algo que não está presente na impressão (no dado sensorial). A idéia de “impressão” é substituída por “correlato fisiológico” e a de “elemento” por “processo”. Os elementos sensoriais já não são diretamente correspondentes aos elementos psíquicos (as representações). O que produz o fenômeno psíquico se dá, sim, no processamento fisiológico cerebral, mas sem correspondência direta.

O modelo proposto por Freud parte do processo fisiológico cerebral que se iniciaria no córtex encefálico e difundir-se-ia por todo córtex, “ao longo de vias particulares”. Ou seja, a idéia de trilhamento do *Entwurf* já está esboçada aqui. Na medida em que determinadas áreas corticais forem novamente excitadas nessas vias paralelas, se produzirá um efeito psicológico que já foi sentido anteriormente, produzindo então uma recordação.

Por conseguinte, não é possível separar *sensação* de *associação*, “diferentes perspectivas do mesmo processo”²⁹. “Representação” não seria representação de um objeto, mas “a diferença entre duas séries de associações”.

Em relação à representação, o modelo freudiano traria mudanças cruciais.

- 1º. A representação não está mais contida em uma célula nervosa, mas é fruto de um processamento.
- 2º. Não é mais independente das associações.
- 3º. Não é mais vista como um simples efeito mecânico das estimulações recebidas pelo sistema periférico.

²⁸ *Afasiás*, pp. 30-31 / *Aphasien*, p. 98.

²⁹ Citando Freud: “‘Sensação’ [‘Empfindung’] e ‘associação’ [‘Assoziation’] são dois nomes com que designamos duas diferentes perspectivas do mesmo processo”. *Afasiás*, p. 32 / *Aphasien*, p. 100.

4º. É dada a partir da diferença entre séries de processos³⁰.

Freud abre distância, já então, em 1891, entre representação e processos fisiológicos. Não foi necessário esperar por *Die Traumdeutung*, como tantas vezes se pretendeu³¹.

Portanto, o aparelho de linguagem não pode mais ser entendido em relação a várias localizações distintas interligadas, mas sim como um sistema estrutural, no qual o funcionamento de uma área afeta não somente o processo psicológico como também o funcionamento das demais áreas.

No capítulo VI de *Aphasien* Freud propõe uma seqüência de construção do aparelho de linguagem a partir do aprendizado³². Garcia-Roza (explicitamente em chave lacaniana) aponta que aqui o aparelho de linguagem só é constituído a partir da interação com *outro* aparelho de linguagem: “Diferentemente de um ‘aparelho perceptivo’, que nos colocaria frente a coisas a serem percebidas, o aparelho de linguagem nos coloca na presença de um outro aparelho de linguagem que nos introduz no registro da troca simbólica”³³.

3. Palavra, coisa, objeto

Freud toma a “palavra” (*Wort*) como a unidade de função da linguagem, situando-a como uma *representação complexa (komplexe Vorstellung)* composta por

³⁰ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, pp. 33-37.

³¹ Tal como, em primeiro lugar, pela importância, RICŒUR, P., *De l'interprétation*. Paris, Seuil, 1965. Para uma abordagem nuançada do tema, cf. MONZANI, *Freud, o movimento de um pensamento*, op. cit.

³² *Afásias*, pp. 42-46 / *Aphasien*, pp. 116-119.

³³ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, p. 40.

elementos acústicos, visuais e cinestésicos³⁴. Constitui a “representação-palavra” (*Wortvorstellung*) a partir da “imagem acústica”, “imagem visual de uma letra”, a “imagem motora da linguagem” e a “imagem motora do escrever”.

A noção de representação complexa, formada por diversos elementos, implica que a representação mesma acontece na associação de diversos territórios da linguagem, sendo então impossível isolar representação e associação. Dessa forma, para Freud, as associações são responsáveis pelo aparelho de linguagem. A partir de Nassif³⁵, Garcia-Roza indica uma distinção entre “associação enquanto relação entre termos” e “associação enquanto ela mesma é o termo da uma relação”. A primeira é aquela que interliga, articula, os vários elementos que compõem a representação-palavra, enquanto a segunda, chamada por Freud de *superassociação*, trabalha com a diferença de uma associação em relação à outra, situação em que se estabelece uma relação entre uma representação-palavra e outra representação-palavra.

A significação da palavra aparece em relação à sua ligação com a representação-coisa (*Objektvorstellung*)³⁶:

“A palavra adquire a sua significação [*Bedeutung*] pela ligação com a ‘representação-objeto’ [...]. A representação-objeto é por sua vez um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas, etc. Da filosofia aprendemos que a representação-objeto não compreende senão isto, e que a aparência de uma ‘coisa’ – de cujas diferentes ‘propriedades’ falamos aquelas impressões sensoriais – surge apenas na medida em que naquelas impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa. [...] Em suma, a representação-objeto aparece-nos como uma representação não fechada [...], ao passo que a representação-palavra nos aparece como fechada embora susceptível de

³⁴ *Afásias*, p. 46 / *Aphasien*, p. 122.

³⁵ NASSIF, J., *Freud l'inconscient*, Paris, Galilée, 1977 apud GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, p. 43.

³⁶ *Afásias*, p. 42 / *Aphasien*, p. 116.

ampliação”³⁷.

Essa articulação, entre representações-palavras e representações-objeto implica no abandono da noção de “impressão” nos moldes como antes era proposto pelos empiristas. Não há, como visto, relação direta entre a impressão fisiológica e um componente psicológico (a idéia). A representação-coisa é constituída não por um elemento único, mas por *associações de objeto (Object Associationen)*³⁸.

A idéia de representação-objeto termina por se configurar em Freud como o processo de atribuição de sentido da representação-palavra, aproximando-se do par conceitual laciano significante/significado. Resumindo:

“1) a representação não é mais concebida como estando contida na célula nervosa (como na antiga teoria dos engramas); 2) a representação não pode mais ser pensada como independente das associações; representação e associações constituem um mesmo processo; 3) a representação não pode mais ser considerada como um simples efeito mecânico da estimulação periférica; 4) a representação deve ser entendida como a diferença entre duas séries de associações, isto é, como a diferença entre séries de processos, o que implica que o aparelho seja concebido em termos estruturais e não como uma soma de áreas corticais distintas”³⁹.

Numa leitura claramente guiada por posições lacianas, Garcia-Roza é taxativo: o aparelho de linguagem é um aparelho de atribuição de sentido. O sentido não é algo inerente à coisa percebida, mas produzida pelas associações que compõem o aparelho. A representação-objeto não corresponde à coisa percebida, muito menos a representação-palavra.

Dessa forma, abre-se espaço para se pensar em duas dimensões da realidade exterior: a coisa, como a dimensão do que é percebido, mas que não produz sentido e a

³⁷ *Afasia*, p. 46-47 / *Aphasien*, p. 122.

³⁸ *Afasia*, p. 46 / *Aphasien*, p. 121.

³⁹ GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, p. 37.

realidade externa, que é efeito da atribuição de sentido. Sem dúvida, aqui nos aproximamos da distinção entre realidade e o registro do Real de Lacan. Mas não será disso que Freud fala no *Esboço*?

Desde o princípio, o percebido e a realidade não são sinônimos. Levando às últimas conseqüências, há um equívoco em pensar em realidade externa e interna, pois a compreensão do percebido implica necessariamente na atribuição de sentido, constituída a partir de uma leitura interna. A problemática interno/externo acompanha toda a obra freudiana e será tematizada com freqüência nos estudos da Lacan.

Colocadas em outros termos, a atribuição de sentido media a relação do indivíduo com a percepção e é nessa relação que se constitui a realidade. A representação não é o correlato direto psíquico de um processo fisiológico, mas se dá em paralelo a esse processo. Mais que isso, a representação é antes de tudo efeito de um processo. Será esse processo que Freud trata no *Entwurf*.

De imediato, podemos dizer que no *Entwurf* não há equivalência direta entre neurônio e representação. A representação é entendida como efeito da circulação de Qn que segue através dos trilhamentos abertos no substrato neuronal. O trilhamento (ou facilitação) (*Bahnung*) é a alteração que um determinado grupo de neurônios (os ψ) sofre quando uma quantidade intensa de Qn (e aqui cabe lembrar que não há possibilidade de medição do Qn e, portanto, o “intenso” da frase só pode ser tomado num sentido metafórico) consegue atravessar as barreiras de contato (*Kontaktschranke*) desses neurônios. Essas alterações não são imutáveis, mas algo dessa modificação causada pela passagem de Qn permanece. Dessa forma, doutra vez que o sistema nervoso é tomado de Qn, tenderá a escoá-lo pelo mesmo trilhamento anteriormente atravessado. Tais trilhamentos, que são a base para se pensar as memórias, podem sofrer

alterações e se ligarem a outros formando uma cadeia. Quando os trilhamentos são novamente tomados de Qn, o efeito sobre o indivíduo é o resgate da memória do objeto de descarga e da ação motora que anteriormente possibilitou a descarga de Qn.

A questão diz respeito a determinadas características destas representações. Se durante o *Entwurf* Freud monta um modelo de funcionamento neuronal baseado em premissas psicanalíticas, deve oferecer explicações sobre como se distingue uma representação-lembrança de uma representação-percepção. Além disso, cabe explicar também como o sistema psíquico traduz *quantidade* (que é o que advém tanto interna como externamente) em *qualidade*. Todo um jogo neuronal, envolvendo os três sistemas propostos (ϕ , ψ e ω) será articulado a fim de possibilitar explicar esses processos. Junto, claro, a toda a gama de processos psíquicos – tais como consciência, julgamento, pensamento, etc.

4. Percepção

Antes de avançar na apresentação da teoria da representação, e aproveitando que estamos falando do *Entwurf*, é conveniente uma breve explicação acerca da teoria da percepção em Freud.

Não seria o caso de dizer que Freud formula uma teoria completa da percepção e sim que encontramos diversos momentos em que ela é trabalhada. Mas não se pode pensar uma teoria da realidade sem levar em conta a percepção. Mais que isso, é evidente que não se pode construir uma teoria do funcionamento psíquico normal sem colocar em cena a percepção.

Não é de estranhar que as preocupações de Freud se voltem para o tema tão cedo em sua obra. É no *Entwurf* que surge pela primeira vez uma teoria da percepção, apesar

de alguns elementos já estarem presentes no trabalho sobre as afasias.

De início, podemos lembrar que dois grupos de neurônios são responsáveis pela percepção: os neurônios φ e ω , mas ambos com características diferentes. O primeiro grupo, φ , são neurônios permeáveis à passagem de Q, e não sofrem alteração pela passagem. Assim, recebem as excitações quantitativas que advém dos órgãos sensoriais que por sua vez já efetuam certa “filtragem” dessas excitações⁴⁰. O que o grupo de neurônios φ trabalha é, então, com *quantidade* sem oferecer qualquer resistência e possibilitando colocar em ação o princípio inicial do sistema nervoso que é se ver livre de qualquer excitação, mais tarde conhecido como princípio de Nirvana.

Mas, se Freud é claro na questão acerca da quantidade, tem outro problema: como entender a *qualidade* das percepções? Como resposta, apresenta o grupo de neurônios ω , justamente responsável pela percepção das qualidades. Também são neurônios totalmente permeáveis, mas que não tem circulação de Q. O que captam é o *período* (*Period*) dessa circulação de Q nos outros grupos, principalmente em ψ .

Garcia-Roza dá grande ênfase à idéia de *período*. Seguindo a análise proposta por Derrida⁴¹, chama atenção para o fato de que o conceito de período introduz aqui algo que é diferença pura (não relativa à intensidade)⁴². Trata-se de pura qualidade, que se dá através da passagem de Q pelos outros sistemas.

“De onde emanam essas diferenças de período? Tudo indica os órgãos dos sentidos, cujas qualidades parecem estar representadas precisamente por

⁴⁰ “Os dispositivos das terminações nervosas constituiriam uma tela destinada a permitir que apenas algumas frações de quantidade externa agissem sobre φ , ao passo que φ , ao mesmo tempo, efetuará a descarga bruta da quantidade”. *Projeto*, ESB, I, 411 / *Entwurf*, GW, Nachtragsband, 401.

⁴¹ DERRIDA, J., “Freud e a cena da escritura” in *A escritura e a diferença*. Trad. de M. da Silva. São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 191.

⁴² GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. I, p. 111.

períodos diferentes do movimento neuronal. Os órgãos dos sentidos não só funcionam como telas de Q, a exemplo de todos os dispositivos de terminações nervosas, mas também como peneiras; pois só deixam passar estímulos provenientes de certos processos de um período particular. É provável que eles então transfiram essa diferença a φ , por comunicar ao movimento neuronal períodos que diferem de algum modo análogo (energia específica); e são essas modificações que passam através de φ , via ψ , até ω , e aí, onde estão quase desprovidos de quantidades, geram sensações conscientes de qualidades. Essa transmissão da qualidade não é duradoura; não deixa rastro e não pode ser reproduzida⁴³.

Montando o quadro da teoria da percepção, temos um modelo: a energia Q adentra o sistema nervoso via os órgãos da percepção, que já agem como um véu, diminuindo sua intensidade. Dos órgãos perceptivos, a Q é processada pelos neurônios φ que são permeáveis a ela. Dadas certas condições, pode caminhar direto para a descarga. Não obstante, Freud propõe um segundo princípio do funcionamento neurológico que implica na manutenção de certa quantidade de Q no sistema nervoso. Essa quantidade é então enviada para o sistema ψ que recebe também as quantidades de Q_n , ou seja, de fonte endógena. A passagem de Q e Q_n pelo sistema ψ tem seu período registrado e processado pelo sistema ω que oferece então ao sistema ψ os signos de realidade (*Realitätszeichen*)⁴⁴.

O conceito de *Realitätszeichen* possibilita a articulação entre a teoria da percepção e a realidade. Essa articulação responde a uma questão fundamental do sistema perceptivo: como se distingue uma representação presente na memória da presença real do objeto? Tal questão é fundamental na teoria, pois ela apresenta a função do eu. Manter certa quantidade de Q no sistema nervoso se faz necessário para que o indivíduo possa realizar alterações no mundo externo de forma a ter condições de realizar a descarga de Q. Uma vez que Q circulou por determinados neurônios do

⁴³ *Projeto*, ESB, I, 413 / *Entwurf*, GW, Nachtragsband, 403.

⁴⁴ *Projeto*, ESB, I, 431 / *Entwurf*, GW, Nachtragsband, 420.

sistema ψ , fez modificações que se não são permanentes, pelo menos deixam seus traços, produzindo os trilhamentos. Num novo estado de excitação, esses mesmos neurônios tendem a ser percorridos por Q graças ao trilhamento anterior, buscando a descarga. Tal seria a base da memória.

Ora, o problema consiste em saber se a representação do objeto que é investida no momento é uma representação-memória ou se o objeto está de fato presente, uma vez que, se o objeto está ausente, o eu deve adiar a descarga. Enfim, deve haver um como determinar a diferença entre percepção e memória.

É para responder a esse problema que Freud introduz o conceito de *Realitätszeichen*. Convém lermos toda a citação:

Provavelmente, são neurônios ω que fornecem esse signo [*Zeichen*]: o signo de realidade [*Realitätszeichen*]. No caso de cada percepção externa, produz-se em ω uma excitação qualitativa que, na primeira situação, porém, não tem nenhuma importância para ψ . Deve-se acrescentar que a excitação de ω conduz a uma descarga de ω e que desta, como de qualquer descarga, chega a informação a ψ . *Desse modo, a informação da descarga proveniente de ω constitui o signo de qualidade [Qualitäts-] ou de realidade [Realitätszeichen] para ψ .* Quando o objeto desejado é abundantemente investido [*besetzt*], a ponto de ser ativado de maneira alucinatória, também se produz o mesmo signo de descarga ou de realidade que no caso da percepção externa⁴⁵.

Ou seja, a percepção que advém do sistema ϕ chega ao sistema ψ sem gerar qualquer sentido, como puro dado *quantitativo*. É o processamento que se dá em ω que gera o signo de realidade, o sinal de que o objeto advém não do processamento interno do sistema, como uma memória, mas da exterioridade do sistema, que possibilita a descarga de Q. O que acontece aqui é que a representação ganha, literalmente, “valor de verdade”.

O que vemos aqui é um movimento que será apresentado por Freud em outros

⁴⁵ *Projeto*, ESB, I, 431 / *Entwurf*, GW, Nachtragsband, 420-421.

momentos da obra como determinante para a relação da satisfação com a alucinação. A alucinação, no caso, seria o investimento de uma representação de tal forma que a imagem seja tomada como signo de realidade.

As relações com o mundo exterior se dão por meio da descarga que exige, na maioria das vezes, uma ação específica (*spezifische Aktion*). Freud expõe aqui uma concepção que sustentará até o final de sua obra:

“Nenhuma descarga pode produzir resultado de alívio, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em ψ . Nesse caso, o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de Q no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como ação específica, só pode ser promovida de determinadas maneiras. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”⁴⁶.

Freud mostra o modo pelo qual ocorre a relação do indivíduo com os dados perceptivos: a exploração da realidade (uma idéia que Freud desenvolverá mais tarde) se dá pela procura do objeto de satisfação e também para se produzir a ação específica que leva à descarga de estímulo. O bebê, estando impossibilitado de exercer a ação específica, inicia o processo de comunicação de forma a ser auxiliado por uma pessoa, podendo realizar a descarga de Q.

Quanto à percepção, o modelo presente no *Entwurf* é um pouco modificado por Freud na conhecida *Carta 52*:

“W [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, nelas mesmas, não conservam nenhum traço do que aconteceu. Pois a consciência e a memória

⁴⁶ *Projeto*, ESB, I, 421-422 / *Entwurf*, GW, Nachtragsband, 410-411.

são mutuamente exclusivas.

Wz [*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)] é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade.

Ub [*Unbewusstsein* (inconsciência)] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações (talvez causais). Os traços Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência.

Vb [*Vorbewusstsein* (pré-consciência)] é a terceira transcrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso eu reconhecido como tal. Os investimentos provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa consciência secundária do pensamento é posterior no tempo e provavelmente se liga à ativação alucinatoria das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmos, destituídos de memória⁴⁷.

Há diferentes registros em que se colocam as percepções e como a partir deles se constituem as representações. No sistema W estão os neurônios responsáveis pela recepção das percepções, mas o primeiro registro desta percepção se dá no sistema Wz que tem como regras as associações por simultaneidade. O que se segue é a tradução do sistema Wz para o sistema Ub que organiza as representações-lembranças em termos causais. Essas representações, que serão mais tarde chamadas de representações-objeto, só são traduzidas para o terceiro registro, Vb, quando ligadas a representações-palavras, ainda chamadas representações-verbais, e seguindo determinadas regras.

5. Tradução

A *Carta* fala de uma mudança de registro temporal, mas o que nos interessa é que Freud pensa uma *tradução* entre um registro e outro. Isto é, cada vez que há a passagem de um registro para outro, se *traduz* o material psíquico, as representações originadas das percepções.

⁴⁷ *Carta 52*, ESB I, 318. Cf. também “Periodicidade e auto-análise” (6/12/1896) in *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Ed. J. M. Masson. Trad. de V. Ribeiro. São Paulo, Imago, 1986, p. 209.

Ocorrendo uma falha de tradução, originada pelo desprazer, isso pode ser visto como o processo de recalçamento. É o que será continuamente retomado como “fuga da realidade”: diante de uma realidade desprazerosa, por certas razões, o investimento é retirado de determinada representação daquele elemento da realidade e deixa de agir naquele registro e voltando a ser regido pelo registro anterior.

Cada registro é constituído em épocas diferentes da vida e cada mudança implica num rearranjo e uma retradução das percepções. Note-se: voltamos ao campo do sentido. O que se altera não é a representação, mas o *sentido* conferido a elas. Que não está na relação direta entre a representação-coisa e representação-palavra, mas nas novas articulações entre as *representações*.

Segue-se na carta uma série de relações do funcionamento destes sistemas e as então diversas patologias psíquicas, tais como a perversão, a paranóia e a histeria.

Esse modelo de percepção e representação será depois a base para um terceiro modelo de funcionamento psíquico, apresentado no capítulo VII do *Die Traumdeutung*. O sistema psíquico é dividido em instâncias, mas sem que haja qualquer relação *espacial* dos sistemas, ou seja, Freud já opera num registro puramente psicológico. O que está em jogo é passagem da excitação entre as instâncias numa determinada sequência *temporal*⁴⁸.

Aqui, o aparelho psíquico parte de uma extremidade perceptiva, sensível, e termina numa extremidade motora, ou seja, implica na recepção dos estímulos perceptivos e na possibilidade de uma ação que descarregue esses estímulos. Mas é o

⁴⁸ “Falando de modo estrito, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos numa ordem *espacial*. Seria suficiente que fôsse estabelecida uma ordem fixa pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação passar através dos sistemas numa sequência *temporal* especial”. *A interpretação dos sonhos*, ESB, IV-V, 573 / GW, II/III, 542. Ênfase da tradução.

que está *entre* essas extremidades que de fato importa: as instâncias psíquicas. Cabe ressaltar a recuperação que Freud faz da idéia de associação. A associação acontece no sistema de memória, mnêmico, mas por simultaneidade de percepção. Assim, de novo, as percepções não adquirem seu sentido por elas mesmas, ligadas à coisa, mas numa articulação entre si por via das associações.

A percepção se torna traço mnêmico e este em representação que, associada a outras representações, compõem um modelo de realidade. A representação é um efeito daquilo que se opera no indivíduo. Mas de tal modo que se torna matriz do balizamento da relação com o mundo externo e interno, ou seja, as quantidades que atingem os órgãos dos sentidos (mundo externo) e as excitações internas. Mais que isso, a representação possibilita constituir a própria realidade e conjuntamente o indivíduo.

Veja-se *Die Traumdeutung*:

“Cabe-me intercalar aqui uma observação de natureza geral que talvez tenha implicações importantes. É o sistema Pcpt., desprovido da capacidade de reter modificações, e, portanto, sem memória, que supre nossa consciência de toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Por outro lado, nossas lembranças – sem excetuar as que estão mais profundamente gravadas em nossa psique – são inconscientes em si mesmas. Podem tornar-se conscientes, mas não há dúvida de que produzem todos os seus efeitos quando em estado inconsciente. O que descrevemos como nosso ‘caráter’ baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões; e além disso, as impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância – são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes”⁴⁹.

Nos textos metapsicológicos de 1915, em particular *Recalque* e *O inconsciente*, Freud retoma de forma sistemática o conceito de *Vorstellung* deixando mais claro uma interessante divisão entre *Vorstellungsrepräsentanz* e o *Affekt*. Na verdade, desde o texto teórico de Breuer, *Estudos sobre a histeria*, essa divisão é importante. O *quantum* de afeto que representa o estado quantitativo da pulsão é componente chave na etiologia

⁴⁹ *A interpretação dos sonhos*, ESB, IV-V, 575 / GW, II/III, 544-545.

na neurose.

6. Pulsão

Continuando nesse caminho, vale recapitular brevemente o conceito de pulsão, sobre o qual sabe-se que Freud se contradiz (ou, pelo menos, tem dificuldade em evitar ambigüidades) em determinados momentos, abrindo espaço para diversas compreensões. Em certos pontos da obra, Freud situa a pulsão como advinda do corpo, ou seja, de origem somática, que se faz representar pela *Vorstellung*; em outros momentos, a própria pulsão já é tida como da ordem do psíquico⁵⁰. Numa única citação, tirada dos *Três Ensaio*s, é possível encontrar essa diferença:

“Por ‘pulsão’ podemos entender, a princípio, apenas o representante [*Repräsentanz*] psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico”⁵¹.

Aqui a pulsão é o representante psíquico que se diferencia do estímulo (*Reiz*) somático e das excitações externas. No entanto, ela não possui qualidade alguma, o que não condiz com a idéia de representação. Sua posição está situada *entre* o psíquico e o somático.

A pulsão pode tanto ser a própria *Vorstellung*, quanto se valer da *Vorstellung*

⁵⁰ Cf. GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. III, op. cit., pp. 81-82. Outro que aponta os momentos em que Freud se contradiz é James Strachey, em seus comentários introdutórios ao texto *As pulsões e seus destinos*, ESB, XIV, 129 ss.

⁵¹ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ESB, VII, 171 / GW, V, 67.

para se apresentar no universo anímico. A partir da segunda concepção, poderíamos pensar a pulsão quase (e aqui o *quase* é fundamental) como o instinto, uma força advindo do corpo, orgânica, portanto, que impele o organismo para uma ação. Mas, desde logo podemos descartar essa equivalência entre pulsão e instinto (combatida inclusive por Lacan) a partir das características de cada uma delas.

Nesse sentido, a característica que mais nos importa é a do objeto (*Objekt*) da pulsão. Freud deixa antever nos *Três ensaios* algo que explicita em *As pulsões e seus destinos*: “O objeto [...] é o que há de mais variável numa pulsão e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação”⁵². Ou seja, ao contrário do instinto, a pulsão não é ligada a um objeto natural. Freud dá margem a tal interpretação quando pensa a primeira dualidade pulsional. As pulsões de autoconservação seriam pulsões de ordem adaptativas que poderiam se direcionar a um objeto natural⁵³.

No entanto, sabemos que essa teoria é alterada substancialmente a partir de 1914, com o conceito de narcisismo e ainda mais na segunda teoria pulsional. Não parece necessário insistir sobre uma discussão já suficientemente esclarecida, mesmo que ainda haja os que advogam em favor de uma leitura de Freud que enfatize o que há de biológico em sua obra e conseqüentemente tome a pulsão por instinto⁵⁴.

Tal leitura é excluída quando se entende que a pulsão já é o próprio representante psíquico. A pulsão é da ordem do *Vorstellung* e uma de suas representações se dá na forma de *pressão*, ou seja, num registro que Freud pontua como

⁵² *As pulsões e seus destinos*, ESB, XIV, 143 / GW, X, 215.

⁵³ Cf., por exemplo, RUDGE, A. M., *Pulsão e linguagem*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998, pp. 17-18.

⁵⁴ Cf. GARCIA-ROZA, *Metapsicologia*, op. cit., v. III, pp.103-118.

quantitativo. A pulsão advém do corpo, mas a plasticidade objetal da pulsão implica num mais além da necessidade (mesmo porque a pulsão não cessa após atingir sua meta).

É dessa pressão que pode advir à idéia de afeto como vimos acima. Mas o afeto é a própria pulsão? Viera, ao comentar os textos freudianos, traz à cena o estatuto dessa distinção entre afeto e representação. O conceito da qual parte é o de *Vorstellungsrepräsentanz* e a partir dele chega ao afeto, que seria uma das facetas da representação da pulsão:

“... a pulsão e o *Vorstellungsrepräsentanz* não estão em uma relação bilateral, mas em uma certa intimidade estranha, ou extimidade. Através do conceito de representação, Freud dá conta desta relação, ao colocar que ‘o afeto é um representante da pulsão’. Entretanto, ele não dá ao afeto o mesmo lugar que à representação, pois, para esta última, ele criou o *Vorstellungsrepräsentanz*. Há, assim, uma terceira proposição implícita para se levar em conta: ‘não há *Affektrepräsentanz*’, o que indica que o afeto teria um lugar específico na metapsicologia freudiana, porém diferenciado da representação, esta sim legítima representante da pulsão”⁵⁵.

No texto *O inconsciente*, Freud oferece uma opção para o problema do registro das representações nos três sistemas: retoma as idéias de representação-palavra e representação-objeto. As representações-objeto são constituídas pelos traços mnêmicos regidos pelo processo primário e só podem se tornar conscientes quando ligadas a representações-palavra do sistema pré-consciente, regido, por sua vez, pelo processo secundário.

Ora, o processo primário tem como diretriz o princípio de prazer, enquanto o processo secundário é governado pelo princípio de realidade. Sabe-se que o princípio de realidade não é senão uma variação do princípio de prazer, contudo, a vigência do

⁵⁵ VIEIRA, M. A., *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001, p. 90.

princípio de realidade implica, como mostra o próprio nome, numa certa *realidade*.

Daí nosso interesse na representação tendo em vista a teoria da realidade em Freud. Desde o *Entwurf* a representação é a chave para a construção da realidade, seja psíquica ou externa. Em nenhum momento Freud parece confundir representação com percepção. A percepção é algo que aparece enquanto quantidade e que atinge tanto os órgãos dos sentidos quanto advém do corpo e que deve ser traduzido em termos de qualidade. Essa tradução leva a construção de representações que se dão sempre em forma de complexos de associações. Não conseguimos pensar a representação em termos de unidade representacional quando, por exemplo, a representação de uma cadeira pretendesse equivaler à cadeira na exterioridade. Como já se disse de tal pretensão, “isto não é um cachimbo”.

É interessante, pois a representação não é a percepção, mas ao mesmo tempo a representação depende da percepção. Nesse sentido Freud é taxativo: “temos de relembrar que todas as representações [*Vorstellungen*] se originam de percepções [*Wahrnehmungen*] e são repetições dessas”⁵⁶.

O sistema psíquico é, entre outras coisas um sistema de representações, mas não é *antes de tudo* um sistema tradutor dos dados da percepção em representações e, sim, constituído como um sistema de tradução, isto é, se constitui no próprio processo de tradução. É constituído enquanto está em relação com as percepções. Ou seja, não há um sistema de tradução das percepções que *antecede* as percepções que se constituirão em representações. À medida que o indivíduo se relaciona com as percepções é que estas vão constituindo o sistema de tradução.

⁵⁶ *A negação*, ESB, XIX, 298 / GW, XIV, 14.

Tal raciocínio leva a crer que o sistema de representações constituído no sistema psíquico, embora possibilite traduzir os dados perceptivos, não é faz da representação em si a própria tradução. Aqui nos aproximamos (perigosamente?) de Lacan. Afinal, qual seria a Pedra de Roseta que possibilitaria a tradução? O que leva à atribuição de sentido das representações? Em outros termos: o que, afinal, torna intolerável uma representação?

7. A representação intolerável

Em outro trabalho discutimos o assunto⁵⁷: o que torna uma representação intolerável é sua articulação com o complexo de Édipo e complexo de castração. O complexo de Édipo é visto, desde seu surgimento, como um complexo universal e nuclear em relação às neuroses. Na virada de 1920, mais precisamente em *O eu e o isso*, Freud situa o Édipo num lugar ainda mais importante: ele é o complexo constitutivo do humano, e sua superação leva a entrada nas regras culturais.

Falamos aqui do processo de constituição pelo qual, como diz Althusser⁵⁸, o filhote de homem se torna um ser cultural. Antes de 1920, há indicações em textos de Freud de que algo desse processo seja determinado organicamente e esteja vinculado ao desenvolvimento maturacional. O melhor exemplo está na primeira versão de os *Três Ensaio*⁵⁹, de 1905. É verdade que a idéia (de corte lamarkista⁶⁰...) de Freud de certas

⁵⁷ CF. ESTEVÃO, *Sobre a universalidade na psicanálise*, op. cit.

⁵⁸ ALTHUSSER, L., *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Trad. de W. J. Evangelista. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000⁴.

⁵⁹ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ESB, VII, 181 / GW, V, 78.

⁶⁰ Cf. MONZANI, L. R., “A ‘fantasia’ freudiana” in PRADO Jr., B., org., *Filosofia da Psicanálise*, São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 76.

fantasias serem transmitidas filogeneticamente⁶¹ nunca desapareceu de todo, mas o fato é as concepções de maturação e de hereditariedade perde progressivamente importância em sua obra.

A partir de 1920, ligado a toda modificação que Freud propõe em conceitos-chaves como os da teoria das pulsões, mas principalmente à evolução que vêm sofrendo os conceitos de eu e de identificação, temos um modelo de constituição que muitos chamam de estrutural. No centro desse modelo, os dois complexos intimamente relacionados, o de castração e o de Édipo.

Como se sabe, o processo é descrito em sua forma mais detalhada no *O eu e o isso* e terá ainda adendos e desenvolvimentos posteriores. Após um processo de identificação primária, em que a criança assume o seu eu-corporal (formulação presente em *Sobre o narcisismo*), Freud pensa o eu como uma instância formada a partir do isso com uma função-chave: conseguir satisfação e/ou fugir do desprazer. Temos aqui o que ele chamará de eu-prazer, respondendo ao princípio de prazer e funcionando a partir do processo primário. É a identificação primária que permite a assunção corporal já feita, segundo Freud, tendo os pais como imago identificatória⁶². O estágio do espelho de Lacan é uma proposta de esmiuçar como se dá esse processo, como veremos à frente.

A criança adentra ao narcisismo após a construção desse eu-corporal, saindo do auto-erotismo e podendo então assumir objetos totais como objetos de satisfação da

⁶¹ Cf., por exemplo, o Homem dos Lobos (*História de uma neurose infantil*).

⁶² Convém, talvez, não tomar como totalmente equivalentes o eu-corporal e o eu-prazer pois não há nada em Freud que diga que ambos são os mesmos. Não obstante, não há também nada que diga que são diferentes. O eu, antes de tudo, é um eu-corporal e, em *Introdução ao narcisismo*, Freud deixa claro que o que diferencia o narcisismo do auto-erotismo é a constituição de um eu. Ora, no momento em que o eu surge, sua função-chave é a que está colocada no texto: conseguir prazer e fugir do desprazer. Dessa forma, o eu-corporal pelo menos no início, se confunde com o eu-prazer. Se essa equivalência dura todo o tempo, já é outra discussão.

pulsão. Nesse estágio, o eixo de constituição da realidade, ou seja, de constituição das representações, é organizado pelo princípio de prazer e pela assimilação ao eu. Em *A negação*, Freud demonstra como isso se dá. Segundo Rabinovitch, Freud se vale de categorias de Brentano distinguindo representação e julgamento. Freud aponta duas categorias de julgamento, um juízo de atribuição (que Rabinovitch assimila a partir de Lacan com a *Bejahung*⁶³) e um juízo de existência: “A função do julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões. Ele afirma ou nega a posse, em uma coisa, de um atributo particular, e assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade”⁶⁴.

O interessante aqui é que, ao contrário do que se poderia esperar, no que tange à constituição, Freud dá antecedência ao juízo de atribuição frente ao juízo de existência. Assim, o eu-prazer introjeta as características dos objetos que são considerados prazerosos (bons) e relega a uma exterioridade (não-eu) os objetos que são considerados desprazerosos (maus): “Como demonstrei noutro lugar, o eu-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao eu, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos”⁶⁵.

⁶³ RABINOVITCH, S., *A forclusão: presos do lado de fora*. Trad. de L. Magalhães. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001, p. 23, n. 2, e p. 24.

⁶⁴ *A negação*, ESB, XIX, 297 / GW, XIV, 13.

⁶⁵ *Ibidem*.

CAPÍTULO II: O INTERNO E O EXTERNO

1. Juízo de existência e teste de realidade

Freud acentua o princípio da construção da relação entre interno e externo, alvo de várias discussões ao longo dos textos. Mas é o processo de juízo de existência que nos importa nesse momento. Freud o atribui à fase seguinte do eu, o eu-real (*Real-Ich*). O juízo de existência não atua sobre as atribuições do objeto (se ele é bom ou mau), mas se aquele objeto existe ou não, se é real ou não. Assim, o que está em jogo na constituição da realidade é o jogo de representações e percepções. O que o eu-real julga já não está mais vinculado ao princípio de prazer⁶⁶, mas sim ao princípio de realidade.

Segundo Porchat, nesse momento Freud fala sobre a gênese do conceito de *teste de realidade*⁶⁷, a partir da relação entre percepção e representação. Lembrando o foi dito antes: as representações, para Freud, se originam da percepção. A constituição do interno e do externo, no que tange ao eu-prazer, no estágio lógico anterior, era referente ao princípio de prazer atribuído um juízo de bom e mau. A própria produção da representação do objeto já era garantia de sua existência⁶⁸. Agora, a partir do princípio de realidade, se estabelece o teste de realidade e não adianta mais uma representação

⁶⁶ “Nesse estágio do desenvolvimento a consideração pelo princípio de prazer foi posta de lado. A experiência demonstrou ao indivíduo que não só é importante uma coisa (um objeto de satisfação para ele) possuir o atributo ‘bom’, assim merecendo ser integrada ao seu eu, mas também que ela esteja no mundo externo, de modo a que ele possa se apossar dela sempre que dela necessitar”. *A negação*, ESB, XIX, 298 / GW, XIV, 14.

⁶⁷ PORCHAT, P., *Freud e o teste de realidade*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005, p. 58.

⁶⁸ “Assim, originalmente a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado”. *A negação*, ESB, XIX, 298 / GW, XIV, 14.

existir psiquicamente: deve haver uma garantia de sua existência num para além do eu, na exterioridade. A diferença externo/interno ganha outra configuração.

Aqui temos as chaves de tradução das representações: o material de formação das representações é a percepção. Mas a atribuição de sentido a essas representações, incluindo a atribuição de existência, se dá a partir do princípio que guia o eu. O princípio de prazer e de realidade são dessa forma princípios que dão a condição de tradução das representações. Para Freud, o impulso do bebê que começa a investigar os objetos a sua volta é derivado do princípio de prazer e tem seu motor na pulsão sexual⁶⁹. Essa investigação, que se torna mais patente quando a criança adquire autonomia para se locomover andando ou engatinhando ou ainda quando inicia o comportamento comum de fazer perguntas variadas aos adultos, é na verdade uma forma de ampliar seu conhecimento a fim de conseguir satisfazer as premissas do princípio de prazer.

As percepções são o material das representações, mas o sentido das representações se dá a partir dos princípios norteadores do funcionamento psíquico. Esses dois princípios são assim as chaves de tradução inicial dos dados perceptivos e das representações.

O eu-real julga a partir do teste de realidade se o objeto da percepção que se tornou uma representação está de fato lá, na exterioridade. Mais ainda, trata-se não de um encontro com o objeto, mas sim de um reencontro:

“A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objetivo externo ainda tenha de estar lá. Portanto, o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se

⁶⁹ Nesse sentido, cf. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, ESB, XI / GW, VIII.

de que ele está lá”⁷⁰.

Falamos do jogo de constituição entre o externo e o interno que tem como chaves o princípio de prazer e de realidade. Nesse processo em que a criança constitui primeiro o eu-prazer e depois o eu-real (que é, sem dúvida, um processo gradual), há alguns marcadores chaves. Esses marcadores são os complexos de Édipo e de castração.

O movimento de construção da teoria do Édipo é longo e atravessado por diversos problemas, como trabalhamos alhures. Na teoria presente em *O eu e o isso* Freud ainda mantém uma posição de similitude entre o Édipo masculino e feminino que posteriormente será abandonada. Grosso modo, após a identificação primordial da criança com os pais, ela se torna capaz de escolha de objetos totais. Para Freud é quase natural que a criança então invista sua libido em seus pais, momento crucial do Édipo. No *O eu e o isso*, Freud “flexibiliza” o Édipo: se antes a menina tendia a investir no pai e rivalizar de forma hostil com a mãe e o menino fazia o processo inverso, amando a mãe e hostilizando o pai, aqui Freud admite que todas as combinações são possíveis e frequentes. A criança ama e hostiliza ambos os pais. Convive então com sentimentos contraditórios. Contudo, esse amor sexual é enfaticamente reprimido pelos pais dando início ao processo de castração.

Em textos subsequentes⁷¹, Freud desenvolve a teoria específica da menina, na qual a castração dá início ao Édipo positivo. Antes ela vivia o Édipo negativo, igual ao do menino, dirigindo seu amor à mãe e sua rivalidade ao pai. Mas o repúdio da mãe às investidas sexuais da menina leva a que a menina atribua a recusa da mãe ao fato de não

⁷⁰ *A negação*, ESB, XIX, 298 / GW, XIV, 14.

⁷¹ Cf. “Feminilidade” in *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. Sexualidade feminina*. Etc.

ter o falo. Desde cedo, Freud fala do *Penisneid*, a inveja que a menina sente do pênis como representante do falo. Recusada pela mãe, a menina dirige sua hostilidade para ela e volta seu amor sexual para o pai, que pode lhe oferecer algo que ilusoriamente compense a ausência do pênis: um bebê.

Dessa forma, a menina adentra ao Édipo quando se depara com o complexo de castração. A saída do Édipo feminino, para Freud, não é tão bem demarcada como a do menino. Ela sairia gradualmente, sem nenhum evento específico.

O efeito da dissolução do complexo de Édipo é radical. A criança se identifica com os pais na medida em que os abandona como objetos sexuais. Desta identificação derivam dois importantes conceitos, o supereu e o ideal de eu. Conceitos, aliás, bastante complexos e de difícil delimitação. Ressalteemos apenas que neste processo de identificação, a criança assume certas características dos pais como pertencentes a ela, constituído parte do seu eu. O supereu torna-se uma instância também, embora não só, repressora, que vigia o eu para que se mantenha no interior dos parâmetros morais recebidos junto com a identificação aos pais. O ideal de eu, por sua vez, é a idealização do que deve ser buscado pelo eu como compensação pela saída do narcisismo primário.

O complexo de castração, especialmente no menino, instaura a necessidade de recalcar os impulsos sexuais infantis, que passam pelo processo de formação reativa e de sublimação.

Ou seja, é a partir da relação com o outro, via o complexo de castração, que a criança começa a filtrar as percepções e dar sentido às representações. O princípio de realidade se torna mais imperativo e o processo secundário mais vigente. Os parâmetros que determinam a realidade são adquiridos no processo de identificação secundária com

os pais, que terá desdobramentos nas demais figuras tomadas como modelo pelo indivíduo, mais precisamente, *para* o indivíduo, isto é, para que ele se constitua como tal. Se até então o princípio de prazer era o principal organizador da realidade, cede seu lugar de predominância ao princípio de realidade.

2. Sedução, fantasia e realidade psíquica

A partir deste momento torna-se fundamental a distinção entre interno e externo. E as defesas frente ao desprazer gerado pela realidade se configuram de modo determinado. Veja-se o caso da histeria.

É interessante notar que, para ser considerada, a histeria teve de ser vista, antes de tudo, como um dado *real*. A guinada que Charcot dá em relação ao estudo da histeria se situa nesse plano da realidade: a histeria não é uma simulação, como diziam os médicos da época, ela é um fato real. Prova disso é que sua manifestação, o sintoma, pode ser tanto suprimido, quanto induzido. A indução da histeria aqui é fundamental para este estatuto. Charcot, em suas *Leçons du mardi*, no Hospital de Salpêtrière, demonstra publicamente a realidade da histeria. E é justamente nos moldes da pesquisa científica da época, que Charcot apresenta seus resultados⁷². Visto o fenômeno, cabe o passo de explicá-lo. Freud, como Janet, seguem esse caminho. Nada mais do que a visão médica do século XIX.

Foucault, no entanto, nos mostra a situação específica desse momento: a coincidência entre o corpo do doente e o “corpo” da doença, momento em que o olhar é

⁷² A hipnose é um problema à parte nesse quesito. Uma olhada no primeiro volume das *Obras Completas* deixa claro que há um esforço de Freud no sentido de demonstrar que o método hipnótico, a despeito do que se imagina dele, está longe de ser uma técnica mística mas que se adequa tanto como metodologia de pesquisa, quanto como técnica terapêutica. Cf. *Um caso de cura pelo hipnotismo*, o prefácio à tradução de *De la suggestion*, de Bernheim, etc.

soberano e em que há um privilégio particular da anatomia patológica, como diz Foucault:

“época que marca a soberania do olhar, visto que no mesmo campo perceptivo, seguindo as mesmas continuidades ou as mesmas falhas, a experiência lê, de uma só vez, as lesões visíveis do organismo e a coerência das formas patológicas; o mal se articula exatamente com o corpo e sua distribuição lógica se faz, desde o começo, por massas anatômicas. O ‘golpe de vista’ precisa apenas exercer sobre a verdade, que ele descobre no lugar onde ela se encontra, um poder que, de pleno direito, ele detém”⁷³.

Tal é o espírito da medicina do século XIX, no qual Freud se forma médico. É sobre este triplo eixo olhar / anatomia / lesão que a histeria aparece como um fenômeno questionador⁷⁴. O fenômeno histórico incide principalmente sobre o corpo, quando é apresentado por Charcot a Freud, como um sintoma anatômico. É acessível ao olhar, mas não entra em acordo com o discurso anatômico: não há lesão que justifique, fisiologicamente, o sintoma. O olhar, por mais cuidadoso que seja, não pode precisar a causa da patologia e qualquer tentativa terapêutica fracassa. Com efeito, ao que tudo indica, é a técnica hipnótica de Charcot que possibilita uma terapêutica inicial da histeria, contudo sem deslocar-se do campo do orgânico ou anatômico, fisiológico, para o do psíquico. Lembre-se que sem a primazia do olhar na medicina do Século XIX, não seria possível tomar a histeria de um novo ângulo (para a medicina classificatória, taxonômica – anterior à medicina moderna – a histeria não “aparece” como problema, é apenas um quadro entre outros).

⁷³ FOUCAULT, *O nascimento da clínica*, op. cit., pp. 1-2.

⁷⁴ Foucault, consoante sua posição filosófica, toma a medicina, mais do que como uma ciência, como um discurso, uma linguagem sobre o objeto. Cf. op. cit., pp. IX-X. Lacan, a partir do *Seminário XVII, O avesso da psicanálise*, apresenta seus quatro discursos, entre eles o discurso da histérica (cf. pp. 9-36). Desse ponto de vista, pode-se dizer que “a histeria não é uma neurose, mas a nomeação de um laço social”. Ou seja, mais do que um fenômeno patológico, a histeria se apresenta enquanto um discurso, que se coloca justamente em oposição a outro discurso, o discurso do mestre, consoante com o discurso médico em alguns pontos. Cf. JULIEN, P., *Psicose, perversão, neurose*. Trad. de P. Abreu. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2002, pp. 184-186.

É justamente no momento que Freud abandona momentaneamente o olhar, e conseqüentemente a anatomia, que começa a ser possível entender a histeria num discurso, já não mais médico, mas psicanalítico:

“Outra característica muito importante dos distúrbios histéricos é que estes de modo algum representam uma cópia das condições anatômicas do sistema nervoso. Pode-se dizer que a histeria é tão ignorante da ciência da estrutura do sistema nervoso como nós o somos antes de tê-la aprendido. Os sintomas de afecções orgânicas, como se sabe, refletem a anatomia do órgão central e são as fontes mais fidedignas de nosso conhecimento a respeito dele. Por essa razão, temos de descartar a idéia de que na origem da histeria esteja situada alguma possível doença orgânica; e não devemos apelar para as influências vasomotoras (espasmos vasculares) como causa dos distúrbios histéricos. Um espasmo vascular é, em essência, uma modificação orgânica, cujo efeito é determinado pelas condições anatômicas; difere da embolia, por exemplo, somente pelo fato de que não produz nenhuma alteração permanente”⁷⁵.

Ou seja, a histeria está longe de se adequar à compreensão anatômica médica e não permite que o médico se aproxime de suas causas etiológicas principais.

3. A realidade da histeria

Então, de que ordem é a *realidade* da histeria? Trata-se de uma afecção orgânica ou puramente psíquica? Qual sua etiologia e por que o método terapêutico – hipnótico, catártico ou de associação livre – produz resultado? Freud parte daqui: primeiro, perguntando qual a etiologia da histeria; segundo, buscando formular quais os pressupostos necessários para explicar o fenômeno empírico da remissão do sintoma via a sugestão hipnótica.

Fiel ao paradigma anterior, o ponto de partida ainda é o campo do visível, do olhar. O fenômeno da histeria é visto como tal por Charcot. Mas, quando colocadas as questões acima, o olhar cega. As histéricas carecem de uma sintomatologia usual,

⁷⁵ *Histeria*, ESB, I, 89 / GW, Nachtragsband, 80-81. Ênfase do autor.

carecem de uma lesão detectável pelo olhar. Isso implica num novo posicionamento metodológico no estudo do fenômeno. O sintoma histérico é real, não é simulação. Mas tampouco é fisiológico. Daí porque a histeria questiona o próprio estatuto de objetividade da ciência médica. Questionar o estatuto de objetividade marcará a psicanálise, de Freud a Lacan.

No que tange a teoria da histeria e da neurose em geral, para começar, podemos dizer que desde o princípio da psicanálise o que parece estar em jogo na constituição da neurose é a relação do indivíduo com a realidade. A teoria presente na *Comunicação preliminar*, chamada de *teoria da defesa*, é construída levando em conta toda uma gama de conceitos que estão na mediação entre realidade e indivíduo.

Grosso modo, a neurose seria conseqüência da impossibilidade de uma resposta “adequada” a um determinado acontecimento. Falamos do processo de ab-reação (*Abreagieren*). O indivíduo, diante de um afeto insuportável, vê necessidade de produzir uma ação que diminua o efeito do afeto, “descarregando-o” (*entladen*). Essa ação é o que Freud chama de ab-reação e que serve para aliviar a intensidade do afeto⁷⁶. É o afeto aflitivo, penoso.

A ab-reação se configura no processo normal para se lidar com o afeto e a neurose se inicia na impossibilidade de realizar a ab-reação, ou seja, quando a ação é reprimida (*unterdrückt*). Nestas circunstâncias, o processo de defesa se manifesta, separando a lembrança (*Erinnerung*) do afeto. A lembrança é retirada do fluxo de associações e recalcada (*verdrängt*)⁷⁷. O afeto reaparece em forma de sintoma

⁷⁶ É curioso que a idéia de afeto [*Affekt*], dada quase como algo intuitivo e claro, não seja desenvolvida já aqui na *Comunicação preliminar*.

⁷⁷ *Comunicação preliminar*, ESB, II, 48-49 / GW, I, 87-89.

neurótico. O tratamento restaura o afeto em relação à lembrança (que Freud tratará como representação [*Vorstellung*] no final do texto⁷⁸) e possibilita a descarga de afeto, que antes não ocorrera.

Ora, aqui temos, antes de uma teoria da neurose, uma teoria do funcionamento normal. Freud e Breuer passam por conceitos da psicologia a partir da leitura que a neurose possibilita. São abordados conceitos como lembrança – que implica então no processo de memória –, consciência (*Bewußtsein*)⁷⁹, representação, afeto e, mesmo não sendo o fio condutor do texto, a noção de *inconsciente* já aparece bem esboçada.

É o conceito de *lembrança* que nos interessa aqui, pois é ele quem inicialmente produz a articulação entre realidade externa e interna:

“Devemos antes presumir que o trauma psíquico – ou, mais precisamente, a lembrança do trauma – age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação”⁸⁰.

Conclusão do capítulo: *der Hysterische leide größtenteils an Reminiszenzen*⁸¹.

O histérico sente uma parte da realidade como insuportável e não podendo reagir a ela, que continua nele em forma de lembrança, se defende, recalando a lembrança que, não obstante, não cessa de agir sobre ele. Produz-se uma situação patológica, na qual o afeto se representa de outra forma, possivelmente como uma conversão somática histérica, sendo o sintoma um processo de simbolização⁸² do afeto dissociado.

⁷⁸ *Comunicação preliminar*, ESB, II, 58 / GW, I, 97.

⁷⁹ *Comunicação preliminar*, ESB, II, 52-53 / GW, I, 90.

⁸⁰ *Comunicação preliminar*, ESB, II / 46. GW, I, 85.

⁸¹ “*Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*”. *Comunicação preliminar*, ESB, II, 48 / GW, I, 86.

⁸² *Comunicação preliminar*, ESB, II, 45 / GW, I, 83.

Frisemos: ao lidar com a representação como uma lembrança, Freud e Breuer situam uma determinada posição do histérico frente à realidade. Há algo de intolerável (*unverträglich*) em determinadas representações-lembrança. A expressão *representação intolerável (unverträgliche Vorstellung)*⁸³ passa a ser usado em *As neuropsicoses de defesa*, de 1894 – um ano depois da publicação da *Comunicação preliminar* –, referindo-se às representações que são alvo de recalques, pois estão vinculadas a afetos penosos (*peinlich*), não passíveis de ab-reação.

A idéia de *unverträglich* é ligada aqui por Freud a uma experiência (*Erlebnis*), representação ou emoção (sentimento) [*empfindung*]⁸⁴. Assim, trata-se de um fator externo que produz sobre o indivíduo um afeto penoso que o leva ao afastamento da lembrança desse fator externo provocador.

Temos aqui dois elementos em jogo: a cena percebida pelo indivíduo (realidade externa) e o processamento psíquico desta cena que leva ao recalque.

4. Atribuição de sentido

A partir do que se viu anteriormente sobre o texto *As Afasias* e seus desdobramentos, pode-se apontar algumas conclusões interessantes em relação à realidade:

1º. A percepção da realidade exterior não é direta, há um processo de tradução da excitação advinda de fora.

2º. A representação não é diretamente da coisa exterior, do objeto, mas uma constituição a partir da percepção.

3º. O aparelho de linguagem é um aparelho de atribuição de sentido.

⁸³ *As neuropsicoses de defesa*, ESB, III, 60 s. / GW, I, 61s.

⁸⁴ *As neuropsicoses de defesa*, ESB, III 60 / GW, I, 61. *Empfindung* também pode ser traduzido como *percepção* ou *sensação*, o que para nós seria interessante.

Ou seja, a idéia de uma realidade incognoscível já sobrevoa a teoria freudiana antes mesmo do surgimento da psicanálise.

Os traços mnêmicos, presentes desde *Aphasien*, seriam os elementos iniciais que se ligam de forma complexa formando uma *Vorstellung*. Ora, uma vez que os traços mnêmicos permanecem, eles se tornam base para dois processos distintos: percepção e memória.

O modelo presente no *Aphasien* será base para outro modelo, mais amplo e agora voltado para a explicação de fenômenos neuróticos da clínica, que será apresentado no *Entwurf*.

O terceiro ponto é o mais importante. Ele será a chave para que possamos compreender a construção do conceito de realidade em Freud. O que quer dizer atribuição de sentido? É, sem dúvida, algo que vem de uma leitura lacaniana de Freud. Mas buscaremos sustentar que já é bem possível essa leitura no texto do próprio Freud e com harmonia teórica. Nem Lacan discordaria.

A partir da idéia de atribuição de sentido podemos diferenciar com mais clareza percepção e realidade. Não é da percepção que o neurótico foge, mas da realidade na medida em que a realidade ganha determinado sentido. O mesmo dado perceptivo pode ser intolerável ou não dependendo do sentido do qual ele é imbuído. Vejamos como isso acontece na teoria da sedução.

A teoria da defesa aos poucos sofrerá mudanças que culminarão na teoria da sedução. A passagem da teoria da defesa para a teoria da sedução é gradual nos textos de Freud. O primeiro passo é a suposição - que Freud defenderá cada vez com mais veemência - de que não é qualquer vivência que se torna passível de sofrer um recalque

e possibilitar uma neurose, mas que em todas as lembranças recalçadas sempre há em seu núcleo um lembrança inicial de uma vivência sexual. É a partir daí que a teoria começa a ganhar novo rumo.

A grande diferença da teoria da defesa para a da sedução é a onipresença de uma recordação de sedução infantil. O componente exógeno, que era de certa maneira ainda passível de ser relativizado, ganha uma âncora clara na realidade exterior. No caso Elisabeth, por exemplo, a problemática oscila entre dados da realidade e desejos pessoais. Estes, os desejos pessoais, ganham estatuto de intolerável, passando assim por ser o núcleo recalçado que atrai a si diversas recordações.

Já na teoria da sedução, esse núcleo recalçado está longe de ser um desejo, apesar de mais tarde percebemos que as recordações infantis de sedução sejam, na verdade, lembranças encobridoras dos desejos de sedução.

O que Freud propõe como núcleo da neurose é uma vivência infantil de sedução, na qual a criança, ainda alheia ao universo adulto da sexualidade, é tomada como objeto sexual por alguém mais velho (irmão, pai, babá, etc.). Justamente por estar fora do universo do desejo sexual, essa vivência não se configura como uma representação ligada a um afeto intolerável que exige ab-reação. Somente com a entrada na puberdade e conseqüentemente a subjetivação a partir de outro registro – o da sexualidade – é que a recordação da cena de sedução se tornará possível para o indivíduo, traduzindo em termos de representação intolerável a experiência de sedução. Nesse momento, essa recordação, que já não pode ser ab-reagida por conta da distância temporal, se torna patogênica e é afastada da consciência pelo recalque.

Freud faz a articulação de três elementos: a teoria da sexualidade, que começa a

se esboçar; a teoria da etiologia da neurose; e por fim a instauração do elemento exterior, que torna para o neurótico intolerável a realidade (ou ao menos uma parte dela).

Há uma virada entre a teoria da sedução e o que creio que se pode chamar de *teoria do conflito psíquico*. Essa virada é importante, pois marca uma reorganização teórica que põe em evidência dois conceitos que serão fundamentais para se pensar a realidade em Freud: a realidade psíquica (*psychische Realität*) e a fantasia (*Phantasie*).

A teoria da sedução, nos moldes em que está, não se sustenta. Vários são os motivos para tanto, mas nos focaremos somente em alguns, os mais famosos. Na carta á Fliess de 21/09/1897, Freud afirma que já não pode sustentar sua teoria da neurose calcada na sedução, pois não há possibilidade justamente da verificação empírica daquilo que os pacientes narram. Além disso, se a neurose é fruto da sedução, teríamos de dizer que há muito mais perversão do que neurose (incluindo, nesse caso, o próprio pai de Freud como um perverso sedutor...). Aliás, a primeira razão é o início do desmonte do projeto positivista de Freud.

Freud se vê subtraído de todos os seus instrumentos positivistas: já não tem nenhuma ancora na realidade sensível, suas conclusões são, por princípio, impossíveis de verificação experimental. Não há meios para encontrar os substratos orgânicos que corroborem com suas teorias. Caberia, em termos de um projeto científico positivista, seguir, tal como Janet, o abandono de sua “ficção” psicanalítica, de sua fantasia. Sabemos bem que não é este o caso. Freud avança, mas terá de achar outros meios para sustentar seu projeto de *Naturwissenschaft*.

CAPÍTULO III: REALIDADE E FANTASIA

1. Desejo e fantasia

A partir deste lugar, dois novos elementos fundamentais se sobressaem advindo dos desdobramentos da sedução. O núcleo da neurose era o trauma da sedução infantil. Retirada a materialidade dessa sedução, transformada a cena em fantasia, a conclusão que Freud chega é que há algo de sexual no infantil e, indo mais além, articulando desejo e fantasia, há um desejo da criança de ser seduzida.

O que há de mais escandaloso em Freud aparece aqui. Numa só tacada, Freud coloca em jogo conceitos como desejo, fantasia, sexualidade infantil, realidade psíquica e o complexo de Édipo.

Esse movimento afeta diretamente a noção de realidade freudiana. Não se trata mais de um indivíduo que sente como intolerável uma realidade exterior. Segundo Monzani⁸⁵, acontece um desequilíbrio na teoria, pois esta previa tantos fatores internos como *externos* na constituição da neurose.

Com o final da teoria da sedução, os fatores externos são relegados a segundo plano. O mundo externo opera de outra forma. Tampouco o *Innenwelt* pode ser remetido a fatores hereditários. Das quatro justificativas de Freud para abandonar a neurótica, a terceira é a mais importante para nosso trabalho:

“Em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a

⁸⁵ MONZANI, *Freud, o movimento de um pensamento*, op. cit., p. 19.

verdade e a ficção que é investida com o afeto. (Assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema.)”⁸⁶.

Dois elementos se destacam aqui. Quando Freud fala que “no inconsciente não há indicações de realidade”, trabalha com a distinção entre lembrança e fantasia. A lembrança é tomada como uma construção feita a partir de dados da realidade perceptiva. Já está em jogo a atribuição de sentido, pois o traumático se manifesta no momento em que a sexualidade ganha sentido na puberdade, mas a cena de sedução é calcada na realidade exterior. Seria uma lembrança com valor de verdade que passa pelo teste de realidade. O problema é que ao trabalhar com o material que advém do inconsciente o teste de realidade não tem como funcionar.

É o próprio estatuto da lembrança que é posto à prova nessa concepção. Quando Freud fala em investimento do afeto está apontando para um estatuto diferente para a lembrança. Essa lembrança pode ser uma verdade que no caso aqui seria uma experiência perceptiva advinda do mundo exterior ou uma ficção. Mas, *no inconsciente*, é impossível traçar a distinção entre lembrança e fantasia, entre realidade e ficção. A realidade se torna, a partir daqui, o que tem valor de verdade para o sujeito. É a *realidade psíquica (psychische Realität)*.

O estatuto da fantasia também não é totalmente claro em Freud. Sua importância é revelada quando abre mão da teoria da sedução. Não se trata, na maioria dos casos, de uma sedução concreta, mas, ao que tudo indica, de uma fantasia. O neurótico fantasia uma cena de sedução infantil. A ligação entre fantasia e desejo fica clara quando Freud coloca em jogo os sentimentos edípicos, já no *Die Traumdeutung*. A criança deseja

⁸⁶ Carta 69, ESB, I, 350. Cf. também “A teoria transformada” (21/09/1897) in *A correspondência completa*, op. cit., pp. 265-266.

seduzir o adulto. Dessa forma, uma fórmula básica que podemos retirar daí, e não encontramos nada em Freud que questione ela, é que toda fantasia está calcada na realização de um desejo.

O estatuto do desejo aqui também é complexo na medida em que uma pessoa pode ter desejos conflituosos, tanto desejos ambíguos concomitantes como também desejos que se configuram intoleráveis para o eu do indivíduo. Assim, uma fantasia pode ser ao mesmo tempo prazerosa e desprazerosa. Também pode substituir uma representação intolerável, como a lembrança encobridora, sem, contudo, anular sua ligação direta com o desejo.

Não que a fantasia não importasse antes. Ela era uma das chaves de compreensão da neurose principalmente no que diz respeito à teoria dos afetos. Na teoria do conflito, ganha corpo que o núcleo da neurose está não numa lembrança recalçada, mas num desejo sexual recalçado.

O desejo, representante da pulsão, se manifesta a partir de uma representação e de um afeto. O recalque age sobre a representação, afastando-a do fluxo da consciência. Contudo, o afeto não é passível de recalque. Isso Freud sustentará até o final da obra. O que chamará mais tarde de afeto inconsciente⁸⁷ é, na verdade, o processo de dissociação, que desliga afeto da representação e desloca o afeto. O afeto deslocado torna-se de certa maneira inconsciente, pois não mais diz respeito diretamente à representação original. Esse movimento de dissociação do afeto tem como uma de suas conseqüências psíquicas os sintoma neuróticos, sejam fóbicos, histéricos ou obsessivos. Grosso modo, na fobia o afeto é deslocado para a representação de um objeto externo; na histeria o afeto é deslocado para uma parte do corpo, gerando a somatização; e na obsessão, o

⁸⁷ Cf. *O inconsciente*, ESB, XIV, 203-204 / GW, X, 276.

deslocamento é o elemento chave produzindo os pensamentos obsessivos e os atos impulsivos.

Mas é justamente aí que incide a questão da fantasia. Na teoria da defesa, o afeto procurava um caminho de expressão a partir de outra uma representação sintomática. A conversão histérica é o grande exemplo. O corpo passa a ser local de representação do desejo recalçado, de forma distorcida pelas forças recalçadoras. O sintoma não é a expressão direta do desejo, mas sim do conflito.

No entanto, na teoria do conflito há um hiato entre o recalque e o surgimento do sintoma. O que acontece com o afeto então? Antes da construção do sintoma (e ele pode nunca aparecer) o desejo pode ser sublimado. Se vier à consciência pode também ser realizado ou mesmo negado de forma consciente⁸⁸.

Mas se permanecer recalçado, o que acontece com esse afeto desligado de sua representação? No que ele se converte? Mais tarde, Freud apostará que o afeto se converte em angústia. Mas há outra válvula de escape para a pressão desse afeto: a fantasia. No mundo da fantasia, os freios que mantêm o desejo recalçado não fazem efeito⁸⁹. Assim, a fantasia tem como uma de suas funções a realização parcial do desejo,

⁸⁸ “Há várias soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais, em determinados casos, podem combinar-se ente si. Ou a personalidade do doente se convence de que repelia sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama ‘sublimação’ do desejo), ou, finalmente, reconhece como justa a repulsa. Nesta última hipótese, o mecanismo da repressão, automático e por isso mesmo insuficiente, é substituído por um julgamento de condenação com a ajuda das mais altas funções mentais do homem – o controle consciente do desejo é atingido”. *Cinco lições de Psicanálise*, ESB, XI, 28 / GW, VIII, 25-26.

⁸⁹ “Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; foi liberada do teste de realidade e permaneceu subordinada apenas ao princípio de prazer. Esta atividade é o *fantasiar*, que começa já nas brincadeiras infantis e, posteriormente, conservada como *devaneio*, abandona a dependência de objetos reais”. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, ESB, XII, 281-282 / GW, VIII, 234.

aplacando o afeto e a angústia gerada pelo desejo recalçado. O indivíduo, antes de gerar um sintoma, pode gerar uma fantasia.

A questão é que a fantasia pode se configurar tanto ou mais intolerável para o eu quanto o desejo e a própria fantasia pode sucumbir ao recalque. Assim sendo, o indivíduo constitui uma fantasia recalçada que pode aparecer no sintoma tanto quanto o desejo. A fantasia se configura na roupagem do próprio desejo.

Com o advento da idéia de realidade psíquica, a fantasia se torna um conceito nodal. Freud dedicará muitos textos a ela. Arriscamo-nos a dizer que o volume IX da edição Standard das Obras Completas de Freud é praticamente inteiro voltado para fantasia. Alguns textos são cruciais: *Escritores criativos e devaneio* e *Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*. No primeiro, por exemplo, Freud faz uma articulação entre o brincar infantil, a fantasia adulta (que chama de *devaneio*) e a criatividade.

Num outro texto, *Sobre as teorias sexuais das crianças*, de 1908, encontramos todo um desdobramento da idéia de fantasia. O texto é baseado nos resultados do caso Hans, que é a única análise infantil que Freud relata pormenorizadamente, e nele estão presentes uma gama enorme de conceitos que não são apreendidos com toda sua potencialidade nesse momento, tais como o complexo de castração e mesmo o complexo de Édipo.

Apesar do termo fantasia não aparecer nenhuma vez, mesmo uma leitura breve já permite ver que ele está centrado nesse tema: as fantasias. Freud fala de teorias que as crianças criam a respeito da sexualidade, principalmente diante da omissão dos adultos em lhes responder com honestidade sobre suas dúvidas.

São três as fontes dessas fantasias: a observação das crianças, as narrativas das

lembranças conscientes dos pacientes neuróticos e as construções conscientes de conteúdos inconscientes. Ou seja, apenas um terço do material é proveniente do contato com crianças, enquanto o restante vem dos adultos. Esse ponto é importante, pois aqui Freud marca que as teorias infantis determinam em certos momentos a vivência psíquica adulta.

Freud faz um levantamento de algumas teorias que ele considera como principais no imaginário infantil e no inconsciente dos adultos neuróticos. As principais fantasias presentes no texto são a universalidade do pênis (teoria infantil masculina que tem um espaço privilegiado no texto); a inveja do pênis (“equivalente” feminina da universalidade do pênis); a teoria do nascimento pelos ânus; a teoria do coito sádico; as tentativas de compreender porque há o casamento ou a vida em casal; e a teoria da concepção pelo beijo, que Freud pontua como especialmente feminina.

Para que servem então essas teorias? Para preencher a lacuna que os adultos deixam aberta ao sonegar informações referentes, por exemplo, as questões que aparecem quando ocorre o nascimento de um irmão, situação que ocasiona uma sensação de perda do amor paternal para a criança. A criança se converte num pequeno detetive que de forma sagaz percebe as lacunas nos depoimentos de seus pais sobre a sexualidade. Cria assim teorias que lhe servem de alicerce para interpretar a realidade perceptiva que a cerca. Nesse sentido Hans é um bom exemplo quando percebe o nascimento de sua irmã:

“Mas o grande evento na vida de Hans foi o nascimento de sua irmãzinha Hanna, quando ele tinha exatamente três anos e meio. Seu comportamento naquela ocasião foi anotado pelo pai, no ato: ‘Às cinco da manhã’, escreve, ‘começou o trabalho de parto e a cama de Hans foi transferida para o quarto ao lado. Ele acordou às sete horas e, ao ouvir sua mãe gemer, perguntou: ‘Por que é que a mamãe está tossindo?’ E após um intervalo: ‘A cegonha vai vir hoje, com certeza’. Naturalmente lhe disseram, muitas vezes, nos últimos dias, que a cegonha ia trazer uma menina ou um menino; e ele, corretamente, fez a conexão dos sons inabituais dos gemidos com a chegada da cegonha.

Mais tarde ele foi levado para a cozinha. Vendo a maleta do médico no saguão, perguntou: ‘O que é isto?’ ‘Uma maleta’, foi a resposta. Ao que ele declarou com convicção: ‘A cegonha chega hoje’. Depois do nascimento do bebê, a parteira entrou na cozinha e Hans a ouviu pedindo que fizessem chá. Hans, ouvindo, disse: ‘Eu sei! Mamãe tem que tomar chá porque ela está tossindo’. Foi então levado para o quarto da mãe. Contudo, não olhou para ela, mas sim para as bacias e outros recipientes, cheios de sangue e água, que ainda estavam espalhados pelo quarto. Apontando para a comadre suja de sangue, observou, num tom de surpresa: ‘Mas não sai sangue do meu pipi’. Tudo que ele disse mostra que ele relaciona aquilo que é estranho na situação com a chegada da cegonha. Olha para tudo que vê, com olhar de desconfiança e atento, e não se pode questionar o fato de que suas primeiras dúvidas sobre a cegonha criaram raízes⁹⁰.

As teorias sexuais infantis continuam operando no indivíduo durante sua vida adulta. Nesse momento, o que antes era uma teoria, com pretensão de suportar o juízo de realidade, torna-se uma fantasia, não necessariamente submetida a tal critério.

Isso é crucial no que tange a questão da delimitação da realidade. A criança interpreta dados de seu mundo perceptivo a partir das teorias sexuais infantis. O adulto retém de forma inconsciente essas fantasias e elas têm efeitos em sua vivência. O horror a castração pode ganhar uma magnitude tal para o indivíduo que suas escolhas sexuais podem continuar sendo pautadas pela fantasia da universalidade do pênis. Assim, o que eram teorias na infância torna-se fantasias adultas que podem ser conscientes, mas que geralmente permanecem no inconsciente e tem forte significação na geração dos sintomas.

Aqui podemos formular uma hipótese de porque Freud não faz menções ao termo fantasia: as teorias sexuais infantis são para a criança justamente o que o termo diz, uma teoria, que pode ter valor de verdade. Essas teorias só se tornam fantasias na medida em que a criança descobre que elas são falsas. Mas elas podem permanecer enquanto fantasias inconscientes, tendo efeitos sobre o indivíduo mesmo adulto. O indivíduo consciente sabe que as mulheres não têm pênis, mas permanece a fantasia

⁹⁰ *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, ESB, X, 20 / GW, VII, 247.

inconsciente de uma mulher com pênis.

Porque essa fantasia permanece, qual sua função? Aliviar o horror da castração. A fantasia da mulher com pênis, anterior a subjetivação da castração, só ganha importância e permanece ditando a forma de agir do indivíduo quando ele passa pela castração e se traumatiza. O trauma que falamos aqui é o de ver “comprovada” a realidade da percepção. Assim, qualquer dado da realidade perceptiva que remeta a realidade da castração pode ser aplacado a partir da ativação da fantasia.

A fantasia continua dentro do mesmo registro: o de aplacar a angústia. A teoria da fantasia se sustenta a partir de sua articulação com a concepção freudiana de desejo. Todo o caminho de desbravamento da constituição humana passa pelo registro do conceito de desejo e, portanto, está diretamente marcada pela fantasia. Podemos dizer que a fantasia é efeito do controle do indivíduo de seus desejos e das imposições da realidade exterior. Tal seria a linha de condução para que Freud chegue a pensar o princípio de realidade.

Mas talvez uma das grandes descobertas de Freud em relação ao desejo e à fantasia, que se mostra com clareza na teoria da sedução, é que o desejo também interfere na constituição da realidade do indivíduo. O neurótico toma o pai como sedutor para se defender do seu próprio desejo incestuoso. A “realidade” do pai sedutor tem sua chave na fantasia de sedução. Ao contrário do que se dá no devaneio, a defesa atribui valor de verdade, como correspondência a um exterior, ao que não é senão sua própria atribuição de sentido.

A realidade psíquica não é a totalidade daquilo que Freud considera o mundo interno. O que podemos considerar como a realidade psíquica? Aquilo que para o indivíduo obtém valor de verdade, independente de qualquer materialidade ou

exterioridade. Então a realidade é sempre da ordem de uma realidade psíquica, seja vista como interna ou externa. A externalidade da realidade é da ordem do julgamento que passa pelo teste de existência da coisa, ou seja, ela também é dada pelos processos psíquicos. Mas há algo de psíquico que pode permanecer fora do campo da realidade do indivíduo. A pulsão de morte desligada, por exemplo, mas também podemos pensar os devaneios. No devaneio impera o teste de realidade, que justamente retira o valor de verdade. Nisso, o devaneio se distancia do delírio e por mais que dê satisfação ao indivíduo, não obtém estatuto de verdade.

O teste de realidade opera de forma a julgar a existência ou não do objeto, como se lê em *A negação*. Isso é uma via de duas mãos: o objeto pode tanto fazer parte da exterioridade do indivíduo como também ser uma lembrança e/ou construção. Dessa forma, ao mesmo tempo que julga se um objeto é verdadeiro também se julga se ele não o é. Sobre o devaneio recai o teste de realidade avaliando que ele não é.

2. Constituição psíquica e realidade

“As deficiências deste breve artigo, que é mais preparatório que expositivo, serão talvez desculpadas, apenas em pequena parte, se eu alegar que são inevitáveis. Nestas poucas observações sobre as conseqüências psíquicas da adaptação ao princípio de realidade, fui obrigado a esboçar opiniões que, no momento, teria preferido reter e cuja justificação certamente exigirá esforço nada insignificante. Mas tenho esperança de que não escapará à observação do leitor benevolente como, nestas páginas também, o predomínio do princípio de realidade está começando”⁹¹.

Chegamos a um dos textos cruciais no que diz respeito à realidade em Freud: *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, que podemos entender como um estabelecimento do que até então já vinha sendo feito. Aqui o autor introduz

⁹¹ *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, ESB, XII, 286 / GW, VIII, 238.

expressamente o conceito de *princípio de realidade*.

Inicialmente, trata-se nesse artigo é de explicar a relação do neurótico com a realidade:

“Há muito tempo observamos que toda neurose tem como resultado e, portanto, provavelmente, como propósito, arrancar o paciente da vida real, aliená-lo da realidade. Não poderia um fato assim fugir à observação de Pierre Janet, que falou de uma perda de ‘*la fonction du réel*’ como sendo característica especial dos neuróticos, mas sem descobrir a vinculação deste distúrbio com as determinantes fundamentais da neurose. Pela introdução do processo de repressão na gênese das neuroses, pudemos obter uma certa compreensão interna com referência a isto. Os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável – seja no todo, seja em parte”⁹².

Freud constata que a relação do neurótico com a realidade não é exatamente direta, mas pode ser *negada* em alguns casos. Strachey lembra que Freud trabalha nesse texto ao mesmo tempo em escreve sua análise de Schreber. São fenômenos como alucinações e delírios que o ocupam nesse momento. No entanto, é a concepção de realidade que ganha importância, como instância que poderia oferecer objetos de satisfação do desejo.

Como definir o princípio de realidade? Não é simples, pois o princípio de prazer tanto quanto o princípio de realidade são, ambos, tendências reguladoras do funcionamento psíquico. Apontam uma direção para o indivíduo. O princípio de prazer não é o desejo, mas a forma com que o indivíduo lida com o desejo. É regulado por esses dois princípios, que o indivíduo ganha um norte na busca da satisfação.

O primeiro princípio em jogo, de prazer, que antecede logicamente o princípio de realidade, aponta para a pressão por satisfação do desejo; o princípio de realidade regula a relação do indivíduo com a realidade para que seja possível se manter fiel ao

⁹² *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, ESB, XII, 277 / GW, VIII, 230.

princípio de prazer. Para tanto, é possível que momentaneamente o indivíduo abra mão da satisfação para, ou conseguir uma satisfação mais prazerosa posteriormente ou então escapar de um desprazer que viria como consequência do prazer original. Sendo assim, o princípio de realidade pode ser compreendido com extensão do princípio de prazer, mas não como uma variação de uma mesma coisa, pois em certos momentos os dois apontam para direções diferentes.

Na constituição do princípio de realidade, como já diz o nome, a realidade exterior ganha importância e nesse movimento o indivíduo precisa de recursos para lidar com a realidade exterior. Freud aponta para alguns destes recursos: os órgãos sensoriais e a consciência, principalmente pela característica de captar as qualidades de prazer-desprazer. Junta-se a eles a atenção, a memória e o juízo, além da capacidade de agir e de pensar, que confere ao indivíduo, segundo Freud, a capacidade de adiar a satisfação do desejo.

Como dito, a questão inicial do texto remete à realidade e sua relação com a neurose. O que sabemos é que a neurose se dá justamente na relação do indivíduo e a realidade. Desde a primeira teoria sobre a neurose Freud evidencia esse ponto: o neurótico recalca uma parte da intolerável da realidade que permanece nele em forma de lembrança. Segundo o texto, na psicose isso é mais evidente, mas não se pode negar esse mesmo fato na neurose. Ou seja, está em jogo a relação humana com a realidade.

O movimento descrito no texto será visto outras vezes e é o seguinte: há um estado de repouso a qual o sistema psíquico tende. Frente à excitação interna, as pulsões, o indivíduo responde inicialmente com uma realização alucinatória. O que melhor caracteriza essa condição é o sonhar.

Ora, a realização alucinatória, distante da realidade perceptiva, não tem

condições de oferecer o que Freud chama de “satisfação esperada”, pois a alucinação do objeto não substitui o objeto da satisfação. Frente à frustração gerada pela não satisfação da pulsão, o indivíduo se vê às voltas com conseguir outra maneira de voltar ao repouso, agindo sobre o que Freud chama de *real*. O princípio que daí deriva é justamente o de realidade. A partir desse momento o indivíduo leva em conta para sua satisfação a realidade mesmo que essa seja desagradável.

A realidade é aqui a realidade da percepção, portanto Freud acentua que aumenta para o indivíduo a importância dos órgãos sensoriais e conjuntamente da consciência que agora não gere somente as qualidades de prazer/desprazer, mas também outras qualidades sensoriais, entre elas a atenção. Essa última surge por conta do imperativo de se pesquisar os objetos da percepção para que se possa tê-los à disposição no caso de uma pulsão aparecer, fato que exige um arquivo mental, justamente a memória.

A partir da memória aparece o julgamento, ou juízo de realidade, que avalia se determinada representação mental é condizente com o objeto da realidade da percepção ou não e o indivíduo passa, então, a agir sobre essa realidade de maneira que sua ação leve a descarga da pressão exercida pela pulsão.

Mas há ainda um componente importante do funcionamento mental normal: o pensar. Frente às exigências da realidade da percepção, ocorre do indivíduo não conseguir a descarga da pulsão no momento em que se sente pressionado e, portanto, é obrigado a agüentar uma tanto de pressão (como visto no *Entwurf*). A inibição da ação é então substituída pelo pensar que oferece uma pequena descarga de energia pulsional, mas permite ao indivíduo suportar um aumento da tensão. Para Freud, o pensar é inicialmente um processo inconsciente e que só virá para a consciência quando se

vincula às representações verbais.

Assim, com a descrição dos processos mentais conscientes que trazem para nós um esboço de uma psicologia psicanalítica, Freud nos apresenta a razão e a forma com que o indivíduo se relaciona com a realidade da percepção. É interessante notar, e isso é crucial, que essa relação só se faz necessária na medida em que a satisfação alucinatória frustra o indivíduo. Ou seja, o interesse do indivíduo pelos os dados da realidade perceptiva só surgem na medida em que ele se vê em parte obrigado a isso. Veremos que a consequência de abrir mão do princípio de realidade pode acarretar na neurose senão na psicose.

Mas Freud afirma que existe uma tendência a não abrir mão dos objetos de satisfação, mesmo diante das exigências da realidade da percepção. Quando nos vemos obrigados a isso, uma parte de nós permanece a salvo do princípio de realidade, atuando exclusivamente sob a égide do princípio de prazer: é a fantasia, que se manifesta inicialmente na brincadeira da criança e depois reaparece no adulto em forma de devaneio.

Freud faz uma distinção importante entre a relação da pulsão sexual com a realidade, por um lado, e da pulsão de eu, por outro, dualismo que ainda vigorava no momento em que redige esse texto. Há, como visto, uma passagem que implica num abandono, momentâneo, das exigências do princípio de prazer em prol do princípio de realidade. Essa passagem não é imediata, mas progressiva, acontecendo de maneira heterogênia. Para as pulsões do eu, essa passagem acontece de maneira mais veloz e com menos dificuldade para o indivíduo. Já as pulsões sexuais ficam mais tempo totalmente regidas pelo princípio de prazer, por conta da atividade auto-erótica que não implica num objeto externo. Assim, somente mais tarde o princípio de realidade se

imporá frente à sexualidade. Há dois resultados da entrada gradual do princípio de realidade frente à sexualidade: 1) a manifestação do período de latência, que por sua vez ocasiona 2) uma vinculação estreita entre fantasia e sexualidade. No período de latência a criança suspende, segundo Freud, as manifestações sexuais, que são barradas pelo recalque. A fantasia é assim um local em que a criança pode conseguir uma satisfação sexual que não está sujeita ao princípio de realidade.

3. Princípio de prazer e princípio de realidade

Assim, há um movimento que substitui o que Freud chama de eu-prazer, regido pelo princípio de prazer, pelo eu-realidade, regido pelo princípio de realidade. Mas, como vimos, um princípio não substitui ao outro e sim se complementam, o de realidade protegendo o de prazer. O prazer imediato pode ocasionar um desprazer posterior que supere o prazer inicial ou ainda a busca de prazer imediato sem levar em conta a realidade pode gerar somente desprazer. O indivíduo nunca se situa completamente fora da influência do princípio de prazer, pois afinal o princípio de realidade atua no sentido de protegê-lo, mesmo que em certos momentos atender ao princípio de realidade seja se opor ao princípio de prazer.

Além da fantasia há um outro processo psíquico que não é submetido ao princípio de realidade: os conteúdos que compõem o inconsciente, no caso, o conteúdo recalado:

“A característica mais estranha dos processos inconscientes (recalados), à qual nenhum pesquisador se pode acostumar sem o exercício de grande autodisciplina, deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização — com o fato — tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer. Daí também a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes. Mas nunca nos devemos permitir ser levados erradamente a

aplicar os padrões da realidade a estruturas psíquicas recalçadas e, talvez por causa disso, a menosprezar a importância das fantasias na formação dos sintomas, sob o pretexto de elas não serem realidades, ou a remontar um sentimento neurótico de culpa a alguma outra fonte, por não haver provas de que qualquer crime real tenha sido cometido⁹³.

Há vários níveis da realidade:

1. A realidade da percepção onde ocorre o teste de realidade, que pode ser entendida em dois campos: a memória e a percepção.
2. A realidade psíquica, composta por fantasias que para o indivíduo adquirem o mesmo estatuto de realidade da percepção, sem distinção entre fantasia e percepção.

A ausência do teste de realidade, processo psíquico ligado ao princípio de realidade ocasiona a dissolução da distinção entre desejo e ato, fantasia e lembrança.

Mas o que é interessante no texto é que Freud coloca a relação do indivíduo com a realidade como sendo *posterior*, logicamente, à sua relação com o prazer. Num primeiro instante, o indivíduo não se relaciona com a realidade da percepção, mas sim com uma realidade interna, alucinatória. Embora inicie o texto comentando que na neurose há uma alienação do indivíduo em relação à realidade da percepção, essa alienação se dá num segundo momento depois que foram estabelecidos os laços com a realidade. Numa sucessão lógica, podemos pensar assim:

A) Princípio de prazer:

1. satisfação primária (vivência da primeira mamada);
2. satisfação alucinatória (alucinação do seio);
3. frustração com a satisfação alucinatória;
4. estabelece a necessidade de se relacionar com a realidade da percepção.

B) Princípio de realidade:

1. satisfação da pulsão exige uma ação que intervenha na realidade da

⁹³ *Formulações sobre os dois princípios*, ESB, XII, 285 / GW, VIII, 237-238.

- percepção;
- 2. percepção, memória, julgamento, atenção, consciência, teste de realidade;
- 3. controle e proteção do princípio de prazer.

C) Neurose

- 1. pulsão promove um desejo intolerável para eu do indivíduo;
- 2. recalque do desejo e das memórias interligadas ao desejo;
- 3. alienação da realidade do desejo.

Esse quadro esclarece que a ligação com a realidade, seja no indivíduo normal seja no neurótico, acontece da mesma maneira. A alienação, ou ainda o que mais tarde Freud chamará de perda da realidade, acontece num terceiro momento (item C) e aí sim se estabelece uma diferenciação entre neurose e normalidade. Ao contrário do que pode parecer ao senso comum, a relação com a realidade não está assegurada desde o princípio, como bem lembra Moustapha Safouan⁹⁴.

Temos aqui um modelo da constituição e do funcionamento psíquico que dá continuidade ao apresentado no capítulo VII do *Die Traumdeutung*. Nesse modelo, a realidade se torna uma peça determinante (lembre-se a passagem citada acima: “...toda neurose tem como resultado e, portanto, provavelmente, como propósito arrancar o paciente da vida real, aliená-lo da realidade”...).

Aqui Freud expõe uma premissa que o acompanha desde o princípio da teoria, como vimos acima: a neurose se desencadeia da relação do indivíduo com a realidade. Essa tese permanece e será discutida em um texto de 1924, *A perda da realidade na neurose e psicose*. O neurótico sofre de reminiscência, mas sabemos que não somente disso. Ao efetuar um recalque de um desejo intolerável para eu, o neurótico atrela a esse

⁹⁴ SAFOUAN, M., *O fracasso do princípio de prazer*. Trad. de R. Steffen. Campinas, Papirus, 1988, p. 18.

recalque todo elemento que por associação se ligar ao desejo. Todo o complexo é recalçado e as experiências que possam ameaçar a quebra do recalque desse complexo são sentidas como desprazerosas pelo indivíduo que resiste a que o desejo recalçado venha à consciência. Assim, fragmentos da realidade exterior que se ligam ao complexo recalçados serão alvo da alienação do neurótico.

O próprio processo de resistência leva a uma determinada atribuição de sentido que distancia o indivíduo dos seus desejos.

4. Narcisismo

Freud chega a um quadro do funcionamento psíquico que possibilita um modelo explicativo da normalidade e da neurose. Aos poucos, também postula uma teoria da psicose. O conceito que dará uma abertura mais ampla ao desenvolvimento da teoria da psicose, possibilitando delimitar com maior precisão a diferença entre psicose (chamada ainda de neurose narcísica) e as neuroses de transferência é o de *narcisismo*, presente já em *Totem e Tabu*, mas chave de interpretação do delírio de Schreber.

A teoria do narcisismo traz novos elementos para a compreensão da realidade em Freud, pois amplia o tratamento dado por à noção de libido. É a partir da teoria da libido que Freud traça a forma como o indivíduo se vincula a realidade. Na verdade, e isso é bem sabido, a noção de narcisismo, quando alçada à condição de conceito, em 1914 com o *Sobre o narcisismo*, coloca em cheque a primeira teoria pulsional. Por conta da exigência da idéia de conflito psíquico que é uma das bases da teoria das neuroses, Freud se vê em uma situação delicada. O conflito se dá no campo dinâmico entre representações antitéticas e o eu, mas também deve ser entendida do ponto de vista econômico. Aí se pensa então num conflito entre pulsões, onde as pulsões do eu

entram em conflito com a pulsão sexual, a libido.

O problema em relação ao narcisismo já é conhecido. As pulsões do eu (ou auto-conservação), a luz do conceito de narcisismo, se revelam também como uma forma de libido, mas que é investida no eu e não em objetos. No texto sobre o narcisismo, Freud mantém a dualidade⁹⁵ entre pulsões do eu e pulsões sexuais, mas apresenta uma teoria da libido. Haveria uma libido investida no eu e uma libido objetal. A idéia de que ambas na verdade são uma só, atravesa o texto, na medida em que quanto maior é a libido investida no objeto (libido objetal), menor é a libido investida no eu e vice-versa⁹⁶. O resultado desse movimento virá anos depois, na virada de 20 com a unificação da pulsão sexual e pulsão do eu em pulsão de vida que então conflitaria com a pulsão de morte.

Independente do problema pulsional, ao menos por enquanto, o que de fato nos importa aqui é que o narcisismo e a teoria da libido se tornam peças chaves para determinar a relação do neurótico e do psicótico com a realidade. É a partir da idéia de investimento libidinal dos objetos que podemos determinar a diferença entre a realidade psíquica e a realidade da percepção.

Sabe-se que o entendimento tanto das alucinações quanto do delírio de Schreber deve muito à teoria do narcisismo. A proposta subversiva de Freud é que o delírio não é um sintoma que age como um sinal de uma patologia e muito menos uma disfunção do indivíduo em relação à realidade. Freud, num momento lacaniano, afirma que o delírio é uma tentativa de cura.

⁹⁵ Freud rejeita a proposta de Jung em direção ao monismo pulsional. Primeiro, porque o monismo se limitaria a duas opções: o pansexualismo ou a dessexualização da libido, hipótese que desmontaria a teoria da sublimação, pouco desenvolvida, mas capital. Segundo, porque o monismo acarretaria na retirada da idéia de conflito pulsional, concepção chave na compreensão das neuroses. Dessa forma, um certo dualismo só pode ser substituído por outro dualismo.

⁹⁶ *Sobre o narcisismo*, ESB, XIV, 92 / GW, X, 141.

Na *Introdução ao narcisismo*, Freud trabalha com a parafrenia e o delírio megalomaniaco. Na neurose Freud já constata algo que mais tarde chamará de *perda de realidade*, onde o histérico ou obsessivo desinveste libidinalmente os objetos externos para investir sua libido na fantasia. Confunde-se então fantasia e realidade. Trata-se aqui do que já vimos anteriormente: o recalque, seja pela amnésia (na histeria), seja pela dissociação (na obsessão) implica no investimento afetivo da libido inicialmente na fantasia. Se houver recalque também da fantasia, a libido pode reaparecer no sintoma.

Já o parafrênico, segundo Freud, não faz esse investimento em objetos fantasmáticos e sim, ao que tudo indica, retira de fato sua libido dos objetos externos.

Esse movimento de retirada da libido dos objetos não leva a impossibilidade perceptiva do psicótico em relação ao objeto, ou seja, o psicótico não deixa de perceber o objeto exterior a ele, mas o objeto perde “importância” para o indivíduo, pois ao objeto não se empresta mais nenhum sentido.

O aprofundamento do conceito de libido coloca em jogo uma série de questões. A primeira é a natureza dessa energia. Trata-se de uma energia vital voltada para a sobrevivência da espécie e que pode colocar o indivíduo numa situação delicada frente a sua própria sobrevivência? Se for assim, a libido é inata e referente a natureza do humano (ou seja, teríamos aqui um traço vitalista e naturalista de Freud). Mas, como energia vital, é apenas uma delas, pois há a pulsão de autoconservação.

Mas há possibilidade de mensurar tal energia? Ora, a libido, como qualquer pulsão, é uma “energia” que não pode ser medida.

Outra característica importante está em sua relação com os objetos. Freud acentua a introversão da libido que ocorre na neurose e o retorno da libido ao eu no caso da psicose. Mas e o processo de investimento? Na introversão, há investimento em

objetos internos, fantasísticos, subjetivados pelo indivíduo. A realidade exterior, da percepção, perde sua importância pelo menos de forma pontual na neurose e de maneira maciça na psicose. O psicótico rompe sua ligação com a realidade da percepção ao retirar seu investimento libidinal dos objetos da percepção.

Visto dessa forma, o investimento libidinal atua como se a energia alcançasse o objeto da percepção, envolvendo-o. Ora, não precisamos muito para nos dar conta que a libido não “sai” do indivíduo e não investe o objeto. A libido investe a *representação* do objeto da percepção. Isso fica bem claro a partir da teoria de circulação neurológica de Qn presente no *Entwurf*. Assim, a libido é investida ou desinvestida de representações, sejam elas representações-percepção – ou seja, que passam pelo teste de realidade –, sejam representações-memória. Não há presença de objeto sem representação⁹⁷.

O que está em jogo em relação à realidade não é mais exatamente o interno e o externo, mas a qualidade da representação que determina se ela será uma memória, uma percepção imediata ou ainda uma fantasia, devaneio ou pensamento. O objeto interno, fantasmático se diferencia do objeto externo em termos da qualidade da representação, não se reduz à determinação de está dentro ou fora do indivíduo.

Ora, o que não está representado não é acessível à libido e se perde. Quando uma percepção deixa de ser investida perde importância para o indivíduo, tornando-se, no mínimo, indiferente. O processo de dissociação funciona a partir desse princípio: desliga-se o afeto da representação que se torna, por exemplo, uma lembrança indiferente. No caso do “Homem dos Ratos”, Freud qualifica esse processo como uma forma de recalque sem amnésia, usado particularmente pelos obsessivos.

⁹⁷ Para uma posição contrária, segundo a qual “percepção: objeto presente. Representação: objeto ausente”, cf. COELHO Jr., N. E., “Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana”, *Psicologia*, São Paulo, 1999, v. 10, n. 1, pp. 25-54.

Perder importância é perder sentido, o que pode ser entendido como a representação-percepção, coloquialmente, não significar mais nada. Assim, não se trata de que o indivíduo psicótico em crise “não perceba” a realidade exterior, mas sim que essa realidade perde sentido para ele.

A percepção, para que possa ser “entendida” pelo indivíduo, deve ser representada e investida. Essas conjecturas ganham força com a pulsão de morte. Ela não é ligada, investida em uma representação, mas como Freud diz, ela é irrepresentável. Aquilo que permite pensar a ausência de sentido é justamente a pulsão de morte.

Não obstante, a libido que é investida a uma representação não é a mesma coisa que o afeto dessa representação. Antes de tudo, a libido é pulsão, que se faz representar quantitativamente pelo afeto⁹⁸. A representação do objeto ser investida, pois esse é um possível objeto de satisfação, não conduz ao sentido dado àquele objeto. O objeto investido torna-se importante para o indivíduo, mas o sentido conferido àquela representação se dá, como dito antes, nas associações, ou seja, no complexo representacional. É somente articulado a outras representações que se produz o sentido da representação.

Mas, como dito, esse sentido é efeito dos dois processos psíquicos, o primário e o secundário que, por sua vez são regidos pelos dois princípios de funcionamento mental, o princípio de prazer e o de realidade. O processo primário organiza as representações em termos de buscar prazer e fugir do desprazer, mas de uma forma reflexa. Já o processo secundário tem uma forma mais elaborada de organizar as representações. Freud atribui o pensamento e o julgamento a esse processo. A partir de

⁹⁸ Cf. VIEIRA, *A ética da paixão*, op. cit.

experiências anteriores, o indivíduo estabelece que certas satisfações reflexas do processo primário levam também a uma quantidade de desprazer, tornam-se perigosas. O eu, já atravessado pelo princípio de realidade (portanto eu-real), passa avaliar se determinada forma de satisfação (seja a meta, o objeto de satisfação ou ambos) é perigosa ou não. Para tanto, é necessário o teste de realidade que situará o indivíduo se ele está diante do objeto ou não.

Ora, o que ditará a atribuição de sentido da realidade da percepção já não é diretamente a relação prazer/desprazer, mas o processo de pensar⁹⁹, que possibilita antever a satisfação que o objeto pode proporcionar. O indivíduo suspende a ação pelo pensamento e nesse pensar, calcado nas vivências anteriores, ele produz o sentido do objeto.

Logo, as representações-memória são cruciais no sentido que é dado àquela representação-percepção. Isso parece banal, a princípio, mas destaca novamente o fato de que o sentido dado à percepção é feito com base na articulação entre representações.

5. Fantasia e delírio

A diferença entre realidade da percepção e realidade psíquica aponta para a problemática do *externo* e *interno*. O teste de realidade incide exatamente aí, nessa diferenciação entre o perceptivo e lembrado. Essa distinção equivale a estabelecer o que é interno e o que é externo.

Em *Pulsões e destinos da pulsão* Freud toca nesse ponto. Como no *Entwurf* e em *Formulações sobre os Dois Princípios*, Freud parte do estado de repouso do organismo. Algo retira o organismo deste estado de repouso pressionando o organismo em forma de

⁹⁹ Cf. “Pensamento” in PORCHAT, *Freud e o teste de realidade*, op. cit., pp. 137-150.

uma excitação. O princípio de prazer/desprazer opera de forma que o organismo tenda a retornar ao seu estado de origem pré-excitação. Dependendo da excitação, apenas um movimento muscular pode fazer cessar o desconforto gerado, o que Freud chama de fuga. Frente ao fogo, basta que o organismo se afaste do fogo para conseguir que a excitação deixe de incidir sobre ele.

Contudo, há uma forma de excitação que não pode ser removida pela fuga. Frente a essa excitação, a pulsão, o organismo deve agir de outro modo. Mas aqui já estão estabelecidas as bases para que o organismo consiga distinguir entre um “dentro” e um “fora”, interno e externo. As excitações externas são passíveis de fuga e não são contínuas. As pulsões, internas, não cessam com a fuga, exigem uma ação, por assim dizer, mais “complexa”:

“As excitações externas impõem uma única tarefa: a de afastamento; isso é realizado por movimentos musculares, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária. Não podemos aplicar esse mecanismo às excitações pulsionais, que se originam de dentro do organismo. Estes exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de excitação. Acima de tudo, obrigam o sistema nervoso a renunciar à sua intenção ideal de afastar as excitações, pois mantêm um fluxo incessante e inevitável de excitação”¹⁰⁰.

Assim, uma das formas do indivíduo aprender a distinguir o interno do externo é através da qualidade da excitação que o atinge. Aqui Freud reproduz, a partir de outro ponto de vista, o que anteriormente havia apresentado em *Formulações sobre os dois princípios*. Frente à excitação pulsional, que não cessa diante da alucinação do objeto, o indivíduo se vê às voltas em ter de lidar com algo que é exterior a ele. Do mesmo jeito, podemos dizer que se estabelece, ao mesmo tempo que o mundo externo, a realidade da percepção.

¹⁰⁰ *As pulsões e seus destinos*, ESB, XIV, 140 / GW, X, 213.

É no jogo de interno e externo que em boa medida se compreende a teoria da realidade. Tal discussão atravessa toda a obra de Freud, tendo seus efeitos sobre diversos elementos teóricos. A grande proposta freudiana em relação a isso é que a distinção entre interno e externo não é um dado natural e que ao que tudo indica é uma construção psicológica. Do ponto de vista lógico da teoria, no estado inicial do indivíduo, o bebê, esta distinção está ausente. Daí, por exemplo, algo como o sentimento oceânico ao qual se refere Freud no *O mal-estar na cultura*.

A incidência da indistinção inicial e posterior da distinção progressiva entre interno e externo serão fortemente evidenciados na clínica. Em *Introdução ao narcisismo*, a explicação que Freud confere ao delírio megalomaniaco passa por essa vertente. Clinicamente, algo que chama a atenção é a provável suspensão do juízo de existência no momento do delírio psicótico. Somente lembrando, a teoria da psicose de Freud é feita a partir da idéia de que a resposta a um impulso homossexual frente à moral de determinados indivíduos não passa pelo recalque, mas pelo que inicialmente Freud chama de projeção¹⁰¹. Diante do conflito entre o desejo e sua moralidade ocorre uma frustração (*Versagung*)¹⁰² que se mostra insuportável. Uma resposta neurótica diante de um conflito dessa categoria poderia ser a formação de compromisso entre o eu e o desejo, originando um sintoma. A resposta psicótica pode ser um processo de regressão maciça da libido que sai dos objetos e retorna ao eu, ocasionando uma regressão ao narcisismo. O indivíduo desfaz os vínculos libidinais com as representações que passam pelo teste de realidade e a libido retorna para ele.

¹⁰¹ Por exemplo: “A deformação por meio da projeção [*Projektionsentstellung*] acha-se necessariamente ausente neste caso etc...”. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, ESB, XII, 87 / GW, VIII, 301.

¹⁰² *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, ESB, XII, 84 / GW, VIII, 298.

Para que os laços com a realidade sejam reatados, um dos recursos é a construção do delírio. O psicótico passa a investir em representações que são da ordem da fantasia e a partir daí construir algo que tampe a fissura que ficou na realidade. Ora, a fantasia é algo que escapa ao teste de realidade e consiste em parte fundamental do mundo interno. Contudo, o investimento libidinal na fantasia é de tal ordem que o delírio ganha valor de verdade, igual na realidade psíquica.

Assim o que vemos no delírio é uma “invasão” do interno no externo. Essa invasão fica clara também na famosa frase de Freud em relação ao Schreber: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que *aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora*”¹⁰³.

Essa “invasão” é uma constante: os desejos recalcados determinam a razão de certas formações reativas que aparecem como nojo e náusea; fantasias inconscientes estão na base de diversos atos, principalmente os falhos; vários juízos e avaliações tem como base construções inconscientes.

A distinção entre interno e externo ganha espaço tal no trabalho de Freud que ele dedica um capítulo para cada modalidade em seu texto final, o *Abriss*. Mas o interessante é que essa “invasão” do interno no externo demonstra o quanto essa distinção é complicada.

Com a introdução do conceito de *isso*, em *O eu e o isso*, Freud rediscute a questão da realidade. Isso porque o *isso* não tem qualquer contato com a realidade da percepção. O *isso* é a sede das pulsões e dos complexos hereditários (leia-se, complexo

¹⁰³ *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, ESB, XII, 95 / GW, VIII, 308. Ênfase nossa. Lacan reformula essa frase com a também famosa fala: “O que é recusado no simbólico reaparece no real”.

de castração, complexo de Édipo e fantasias originárias). Antes de tudo, aquilo que é nosso ser é formado pelo isso que tem como uma das principais características a exigência por satisfação imediata.

Desde *Introdução ao narcisismo* que Freud sustenta que o eu não é uma instância inata. Pelo contrário, o eu é desenvolvido. O que levará ao surgimento do eu é uma incógnita na obra de Freud, mas uma razão para o seu desenvolvimento é determinada em *O eu e o isso*: o eu é uma parte do isso que foi modificada através do contato com o mundo externo (*Außenwelt*)¹⁰⁴. O eu é o responsável então pela percepção do mundo exterior e pela mobilidade e se vê obrigado a servir às vontades do isso.

Assim, o isso, instância mais obscura que temos, não possui uma comunicação direta com o mundo externo. Essa fórmula reverbera por toda a teoria posterior a segunda tópica. A questão do indivíduo e sua relação com o mundo externo ganha um relevo fundamental e a realidade continua sendo colocada como campo de estudo necessário para a teoria.

A partir da segunda tópica, Freud pode precisar a diferença entre neurose e psicose. Em dois textos, aliás, complementares, *Neurose e psicose* e *Perda da realidade na neurose e psicose*, Freud traça essas considerações e põe em evidência a relação do neurótico e do psicótico com a realidade.

No primeiro deles, *Neurose e psicose*, Freud analisa em termos de eu, isso e supereu o funcionamento neurótico em comparação ao psicótico. O principal argumento é que no caso da neurose há um conflito entre as exigências do isso e o eu donde decorre uma aliança entre o eu e as exigências do mundo exterior. No caso da psicose o

¹⁰⁴ *O eu e o isso*, ESB, XIX, 39 / GW, XIII, 252.

que acontece é um conflito entre o eu, que assume as exigências do isso, e o mundo exterior.

Freud diz ainda:

“Por outro lado, é igualmente fácil, a partir do conhecimento que até agora obtivemos do mecanismo das psicoses, aduzir exemplos que apontam para um distúrbio no relacionamento entre o eu e o mundo externo. Na amênia de Meynert — uma confusão alucinatória aguda que constitui talvez a forma mais extrema e notável de psicose — o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito”¹⁰⁵.

Aqui o que nos interessa é o efeito do mundo exterior sobre o indivíduo. Como diz Freud, tudo se passa como se não houvesse efeito algum. Mas a seqüência do texto é ainda mais reveladora:

“Normalmente, o mundo externo governa o eu por duas maneiras: em primeiro lugar, através de percepções atuais [*aktuellen Wahrnehmungen*] e presentes, sempre renováveis; e, em segundo, mediante o armazenamento de lembranças de percepções anteriores, as quais, sob a forma de um ‘mundo interno’ [*Innenwelt*], são uma possessão do eu e parte constituinte dele. Na amênia não apenas é recusada a aceitação de novas percepções; também o mundo interno, que, como cópia do mundo externo, até agora o representou, perde sua significação [*Bedeutung*] (seu investimento [*Besetzung*]). O eu cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do isso e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade [*Realität*] – frustração que parece intolerável”¹⁰⁶.

O que temos aqui? Há dois modos de se apreender *Außenwelt*: através das percepções atuais e via as lembranças, que compõem o que Freud chama de *Innenwelt*. O problema está em que estes dados de realidade devem estar investidos para terem sua significação, seu valor. Uma frustração intolerável pode levar ao rompimento do eu com estes dados da percepção levando a construir um *Innenwelt* sobre as premissas da satisfação do isso. O delírio é caracterizado por Freud como um “remendo” no *Außenwelt*.

¹⁰⁵ *Neurose e psicose*, ESB, XIX, 190 / GW, XIII, 388-389.

¹⁰⁶ *Neurose e psicose*, ESB, XIX, 190 / GW, XIII, 389.

Temos, pois, os elementos para determinar com mais precisão as referências feitas anteriormente acerca da relação entre “externo”/”interno”.

Quanto ao supereu, o próprio Freud o afasta do tema em pauta alegando que isso complicaria e obscureceria mais as coisas. É o plano da percepção, que é articulada ao da memória, que fornece índices do *Außenwelt*. Mas estes índices são seguidos mediante as possibilidades de satisfação que o *Außenwelt* oferece, ou seja, frente ao princípio de prazer. Em caso de uma frustração extrema, entra em jogo algum mecanismo que faz com que o *Außenwelt* deixe de ter significação e o que é investido é o *Innenwelt*.

No segundo artigo, *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud retoma esse movimento mas o termo usado já não precisa ser *Außenwelt*, mas sim diretamente *Realität*. De início, Freud diz que há uma perda de realidade (*Realitätsverlust*) na psicose que, em princípio, não se encontra na neurose. Mas essa constatação se desfaz rapidamente, pois qualquer analista pode notar que a própria neurose gera algo no sentido de uma perda da realidade. A neurose seria, entre outras coisas, um meio de se afastar da realidade. O processo de recalque implica numa compensação do isso pela ausência de satisfação. Essa compensação se dá em forma de sintoma: “o afrouxamento da relação com a realidade é uma consequência desse segundo passo de formação de uma neurose”¹⁰⁷. A diferença fica no fato de que a psicose remodela a realidade enquanto a neurose gera uma fuga de determinado fragmento desta realidade.

Mas de onde advém o material para a construção deste remodelamento da realidade, deste *Innenwelt*? Logicamente, devem estar presentes os elementos faltantes que proporcionam a satisfação pulsional. Mas Freud diz que há também os elementos

¹⁰⁷ *A perda da realidade na neurose e psicose*, ESB, XIX, 229 / GW, XIII, 364.

perceptivos anteriores ao momento da frustração intolerável como novos elementos perceptivos, que são chamados de alucinações.

Indo um pouco mais além, Freud diz que:

“Uma neurose geralmente se contenta em evitar o fragmento da realidade em apreço e proteger-se contra entrar em contato com ele. A distinção nítida entre neurose e psicose, contudo, é enfraquecida pela circunstância de que também na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo. Isso é possibilitado pela existência de um mundo de fantasia [*Phantasiewelt*], de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade. Esse domínio, desde então, foi mantido livre das pretensões das exigências da vida, como uma espécie de ‘reserva’; ele não é inacessível ao eu, mas só frouxamente ligado a ele. É deste mundo de fantasia que a neurose haure o material para suas novas construções de desejo e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório”¹⁰⁸.

Há, assim, um outro *welt*, o *Phantasiewelt*, que serve em determinados momentos para a construção da neurose. O psicótico delira, o neurótico fantasia.

A distinção entre realidade e fantasia, mundo interno e externo se “esfumaça” aos poucos. O que é externo antes é interno e realidade e fantasia se aproximam em muitos momentos. Tudo depende da atribuição de sentido, que está ligado aos complexos constitutivos como chaves de tradução e também pela relação prazer/desprazer.

Em seu texto final, o *Abriss*, Freud dedica dois capítulos ao mundo externo e interno. Do primeiro capítulo, sobre o mundo externo, podemos derivar quatro “tipos” de realidade que não necessariamente se confundem apesar de Freud às vezes tomar um como equivalente do outro:

- a) a realidade da percepção;
- b) a realidade psíquica;
- c) o mundo interno;

¹⁰⁸ *A perda da realidade na neurose e psicose*, ESB, XIX, 233 / GW, XIII, 367.

d) a realidade exterior, ou mundo externo.

A primeira é a que mais se aproxima da noção comum de realidade: é a realidade acessível aos sentidos, captada pela consciência. Começa a ser “percebida” pelo indivíduo no momento em que já não consegue mais satisfação alucinatória, estando em um estado de frustração. A partir daí, o indivíduo começa a funcionar de acordo com o princípio de realidade, desenvolvendo, como já dissemos, determinadas características que permitem que ele lide com esta realidade. Os órgãos dos sentidos, da percepção, passam a ser cruciais.

A segunda é a realidade psíquica, outro conceito difícil de delimitar. A realidade psíquica é composta pelos componentes internos (internalizados?) do indivíduo, tais como fantasias, lembranças, representações em geral, afetos, que adquirem *valor de verdade* para o indivíduo.

A realidade psíquica, em determinados momentos claramente se opõe à realidade da percepção, seja na neurose, na perversão ou na psicose. Em ambos há uma perda da realidade, como fica claro em *A perda da realidade na neurose e na psicose* ou então em *O fetichismo*, sobre a negação da castração na perversão.

Mas não seria a realidade psíquica o mesmo que mundo interno? Ao que tudo indica, não. Na verdade, a realidade psíquica seria uma parte do mundo interno e isso pode ser notado quando colocamos na mesa conceitos como teste de realidade, desejo e devaneios. Sabemos que em certas situações estamos devaneando e não delirando. O devaneio, e podemos dizer que toda fantasia consciente, não adquire valor de verdade para o indivíduo. Mesmo as crianças sabem que estão brincando.

O estatuto da realidade psíquica, como bem diz o nome, tem para o indivíduo o mesmo estatuto que a realidade da percepção. Na lembrança encobridora ele tem certeza

de que aquilo que lembra, aquilo que narra, aconteceu como um fato perceptivo. O mundo interno é composto por vários elementos que sabemos não ter valor de verdade. Dessa forma, podemos dizer que a realidade psíquica é uma parte do mundo interno, mas que o mundo interno não é equivalente à realidade psíquica.

Por último, temos o mundo externo, ou realidade externa. Freud nunca efetuou uma distinção clara entre mundo externo, realidade externa e realidade da percepção. Contudo, deixa elementos que podem servir de auxílio para se pensar uma distinção entre mundo externo e realidade da percepção. Como ele nos diz no *Abriss*:

“Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto em exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas. Não temos esperança de poder atingir esse estado em si mesmo, visto ser evidente que tudo de novo que inferimos deve, não obstante, ser traduzido de volta para a linguagem das nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos. Mas aqui reside a verdadeira natureza e limitação de nossa ciência. É como se devêssemos dizer, em Física: ‘Se pudéssemos ver de modo bastante claro, descobriríamos que o que parece ser um corpo sólido é constituído de partículas de tal e qual formato e tamanho, a ocupar tais e quais posições relativas’. Enquanto isso, tentamos aumentar ao máximo possível a eficiência de nossos órgãos sensoriais mediante auxílios artificiais, mas pode-se esperar que todos os esforços desse tipo não conseguirão atingir o resultado último. [...]. O rendimento trazido à luz pelo trabalho científico de nossas percepções sensoriais primárias consistirá num *insight* das ligações e relações dependentes que estão presentes no mundo externo, que podem de alguma maneira ser fidedignamente reproduzidas ou refletidas no mundo interno de nosso pensamento, um conhecimento das quais nos capacita a ‘compreender’ algo no mundo externo, prevê-lo e, possivelmente alterá-lo”¹⁰⁹.

Essa citação é interessante por diversas razões: demonstra a posição científica em que Freud situa a psicanálise no final de sua obra e coloca em jogo as limitações não somente da psicanálise como de toda a ciência. Mas o que mais nos importa aqui é a distinção objetiva entre o mundo externo e a realidade da percepção. O mundo externo

¹⁰⁹ *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 225 / GW, XVII, 126.

pode ser apreendido pela percepção, mas sempre de forma parcial. Parte do mundo externo será, *sempre*, incognoscível. Trata-se de um real inatingível, para frisarmos a aproximação com Lacan. E se continuarmos no texto, veremos que o que Freud toma como incognoscível é o próprio inconsciente, como parte de um universo exterior inacessível ao indivíduo¹¹⁰.

Freud retoma o porquê de o indivíduo estabelecer relações com o mundo externo: pois é dele que advêm as possibilidades de satisfação do mesmo. Para tanto, o mesmo desenvolve um eu que depois de um tempo passa a ser regido pelo princípio de realidade. O eu oscila entre duas instâncias (o mesmo e o mundo externo), ambos perigosos¹¹¹.

Freud retoma aqui uma idéia que já trabalha desde o princípio da obra a que indiretamente já fizemos referência: a relação do indivíduo com a realidade não é harmoniosa nem muito menos adaptativa. O indivíduo comumente lança mão de recursos que o afastam da realidade por conta do quão penoso ela possa ser. Freud cita a denegação, que em geral acontece na perversão, a fuga da realidade na psicose, pela qual o paciente se refugia no mundo interno, e mesmo a regressão, mecanismo comum na infância, assim como também em adultos.

Há, ainda, a cisão do eu, na qual duas atitudes psíquicas coexistem: uma atuando a partir do princípio de realidade, outra a favor dos impulsos do mesmo. Ou seja, a realidade é fonte de sofrimento para o eu que se vale de certos mecanismos para se proteger do que adquire um caráter insuportável: “Seja o que for que o eu faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque

¹¹⁰ *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 225 / GW, XVII, 127.

¹¹¹ Há, claro, uma terceira instância, o supereu, que não é citada no texto.

rejeitar uma exigência pulsional oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito”.

Freud dedica o capítulo seguinte ao mundo interno (*Innenwelt*) e afirma que o modelo do eu que se vê às voltas com ter de satisfazer duas instâncias, o isso e a realidade, serve até para explicar o funcionamento psíquico normal até em torno dos cinco anos de idade. “Por volta dessa época, uma mudança importante se realizou. Uma parte do mundo externo foi, pelo menos parcialmente, abandonada como objeto e foi, por identificação, incluída no eu, tornando-se assim parte integrante do mundo interno”¹¹². Aqui Freud relembra uma constatação que já fazia desde suas primeiras formulações sobre a fantasia: o mundo externo também é base para a constituição do mundo interno. Fecha-se o círculo, interno e externo remetem-se mutuamente.

Lembremos que o objeto que a criança incluiu no seu eu pela identificação são os pais, tomados como modelo. Logo, é através de sua relação com o outro que se constituem os mundos, tanto interno, quanto externo. O efeito desta identificação é o supereu, a consciência moral.

A teoria da moral, que termina na determinação tardia do supereu, reúne a problemática da neurótica à questão da cultura. É na cultura que a criança, que até então vivia sem restrição seus impulsos, dará sentido a certas metas e objetos. O que a entrada na cultura, via os pais, estabelece na criança é justamente a atribuição de um sentido negativo, perverso, aos impulsos sexuais infantis. A restrição aos impulsos advém inicialmente de fora, dos pais, que reprimem a criança no processo educativo. Essa repressão põe em jogo o perigo do desamparo. Em *O mal-estar* Freud deixa isso claro:

“O que é mau, freqüentemente, não é de modo algum o que é prejudicial ou perigoso ao eu; pelo contrário, pode ser algo desejável pelo eu e prazeroso

¹¹² *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 235 / GW, XVII, 136.

para ele. Aqui, portanto, está em ação uma influência estranha, que decide o que deve ser chamado de bom ou mau. De uma vez que os próprios sentimentos de uma pessoa não a conduziriam ao longo desse caminho, ela deve ter um motivo para submeter-se a essa influência estranha. Esse motivo é facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como medo da perda de amor”¹¹³.

É por medo de perder o amor dos pais, e conseqüentemente se ver desamparada, que a criança segue as normas sociais que lhe são impostas. Mesmo que, de início, não mais do que como um filhote de antropóide, do mesmo modo que um cão pode muito bem controlar o impulso de devorar um filé enquanto o dono está à sua frente, ordenando-lhe que se controle. O funcionamento infantil aqui, via o processo primário, não é de todo diferente desse modo animal. Como já lembrei, é assim que o pequeno animalzinho se torna um homem.

Em determinado momento, acontece um fenômeno que altera esse modelo de funcionamento, focado no princípio de prazer e no processo primário, em direção ao princípio de realidade e ao processo secundário, que se estabelecem da forma mais firme: trata-se da castração.

O complexo de castração, que só se torna relevante do meio para o fim da obra de Freud, é nodal no que diz respeito à atribuição de sentido. Isto é, a noção de atribuição de sentido perpassa toda a obra, mas é o conceito de complexo de castração que permite dar conta do *modo* pelo qual se dá tal atribuição.

No menino, o complexo de castração tem uma série de conseqüências: a identificação parental, a constituição do supereu, a saída do narcisismo primário, a entrada no mundo cultural através da moral parental. Além disso, o menino recalca os impulsos sexuais infantis, restringindo-os. Esses impulsos são alvos tanto da formação

¹¹³ *O mal-estar na cultura*, ESB, XXI, 147 / GW, XIV, 483.

reativa como da sublimação, processo que coloca os impulsos sexuais perversos a serviço das realizações sociais, produzindo uma satisfação parcial.

Só a partir daqui, o parâmetro de atribuição de sentido, os pais, é internalizado, constituindo o supereu (instância fiscalizadora e culpabilizadora) e o ideal de eu. Freud diz: “Esse novo agente psíquico continua a efetuar as funções que até então haviam sido desempenhadas pelas pessoas do mundo externo abandonadas: ele observa o eu, dá-lhe ordens, julga-o e ameaça-o com punições, exatamente como os pais cujo lugar ocupou”¹¹⁴.

O texto de Freud é eventualmente dúbio no que diz respeito à diferenciação entre o conceito de ideal de eu e o de supereu. Tomando, por esta vez, Lacan como comentador, optamos por entender esses dois conceitos como diferentes: o supereu é a instância controladora do eu, como descrito na citação acima, e o ideal de eu é a face idealizadora, que também advém da internalização dos pais. O indivíduo idealiza certas realizações tomando-as como modelo ou objetivos a ser alcançado futuramente que lhe trarão uma satisfação pulsional. Ambos passam a balizar a relação do indivíduo com a castração e com a realidade.

É, em princípio, por conta do complexo de castração que a realidade aparece para o indivíduo como insuportável, e quem julga a relação do eu com a realidade é o supereu que, segundo Freud, continua a agir como uma instância do mundo exterior embora faça parte do mundo interno.

O modelo presente em *O eu e o isso* é revisto aqui de forma nova. O supereu media a relação do eu com a realidade: “Assim, o supereu assume uma espécie de posição intermediária entre o isso e o mundo externo; ele une em si as influências do

¹¹⁴ *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 235 / GW, XVII, 136.

presente e do passado. No estabelecimento do supereu, temos diante de nós, por assim dizer, um exemplo da maneira como o presente se transforma no passado”¹¹⁵.

Que modelo de indivíduo temos aqui? Há um indivíduo irremediavelmente cindido, em que o eu age como intermediário entre três senhores: o isso, a realidade e o supereu. Mas isso não é tão simples: o isso continuamente pressiona o eu em busca de um objeto supostamente perdido que trará de volta o estado narcísico de completude. O supereu às vezes se alia ao isso e às vezes entra em conflito com ele como instância moral controladora que impõe censuras e punições culposas ao eu. E por último, ambos, isso e supereu, atravessam a relação do indivíduo com a realidade, ocasionando satisfações e fugas.

6. Desamparo e atribuição de sentido

Em *O mal-estar na cultura* Freud efetua uma articulação ampla entre sua teoria da cultura e a constituição psíquica. Os conceitos centrais do texto são o complexo de Édipo, a segunda teoria pulsional, o desamparo (*Hilflosigkeit*) e o supereu. Deste grupo, talvez o mais importante seja o conceito de *desamparo*.

A tese é que a realidade é desamparadora e esse desamparo vem de três fontes: as forças naturais, a decadência corporal e as relações sociais. O inovador da tese é que o desamparo de que Freud fala tem como característica um efeito traumatizante sobre o indivíduo. O desamparo traumatiza o indivíduo, configurando-se então naquilo que Freud chama, desde a *Comunicação preliminar*, de intolerável. O esforço do indivíduo se concentra então em diminuir o insuportável do desamparo, pois o desamparo traumatiza.

¹¹⁵ *Esboço de psicanálise*, ESB, XXIII, 237 / GW, XVII, 138.

Podemos situar brevemente o estatuto do traumático. O trauma é a impossibilidade de satisfação da pulsão. A realidade desampara e torna-se traumática, pois impõe limites a satisfação da pulsão. Frente ao traumático, ao insuportável, o indivíduo se defende com as armas que possui: a sublimação, a neurose através do recalque, a psicose, a perversão, a religião, o misticismo, a denegação, etc.

A situação de desamparo é uma constante na vida dos indivíduos, pois está presente desde o nascimento. Vimos no *Entwurf* que Freud já aponta a situação de desamparo do bebê que precisa dos pais para saciar suas necessidades. Este estado infantil tem como reflexo a idealização dos pais na infância, ou a tomada de ambos como objeto de identificação, além de objeto amorosos. A criança, diz Freud, não deixa de cometer atos proibidos socialmente por conta da sua consciência moral, mas pelo temor da perda de amor parental. Perder o amor dos pais implica em retornar a um estado de desamparo.

A dialética que se cria entre o estado de desamparo – e seu caráter de insuportável – e as relações sociais é o motor do processo de atribuição de sentido no aparelho psíquico. Freud deixa claro que as relações sociais são a maior fonte de desamparo e é a partir delas então que se dá, eminentemente, a atribuição de sentido.

Para entendermos melhor isso convém rever rapidamente a teoria do narcisismo. Antes da formação do eu, Freud acredita que a criança esteja numa etapa auto-erótica. Sobre efeito das duas pulsões, de vida e de morte, a criança amplia sua relação com o mundo exterior e constitui um eu que por sua vez marca a entrada no narcisismo primário. O narcisismo primário é quando a libido da criança está voltada para o seu eu, e seguindo a formulação lacaniana, o eu se torna para a criança um objeto.

A megalomania dos processos psicóticos revela um pouco do funcionamento

narcísico infantil: o eu torna-se o parâmetro da realidade, a principal referência para se situar no mundo. Não se pode negar que os pais sejam alvo da libido infantil, fato bem marcado no Édipo, mas o são na medida em que são compreendidos pela criança como fonte de satisfação pulsional, ou seja, referidos a ela.

É nesse jogo narcísico, que tem efeitos mais duradouros na psicose do que na neurose, que a criança se depara com uma questão: o amor que os pais lhe dão confere a ela proteção contra o insuportável do desamparo, mas certas condições lhe são colocadas para a manutenção deste amor. Ora, as condições são, por si só, traumáticas: abrir mão tanto de seus impulsos sexuais quanto de seus impulsos destrutivos. A criança deve estabelecer uma forma de controle de seus impulsos, senão, corre sérios riscos.

O complexo de castração não é senão uma fantasia que dá sentido as limitações. Freud tem aqui um problema, ao qual confere uma solução datada. Como qualquer fantasia, a fantasia de castração tem como material as percepções advinda do mundo externo. O início da fantasia de castração no menino se dá, como no caso paradigmático do pequeno Hans, numa ameaça externa de castração. Essa ameaça não vem de uma pessoa qualquer, mas de sua própria mãe e acontece como forma de repressão aos impulsos masturbatórios do menino.

Esse modelo se torna referencia para Freud, que vê na ameaça de castração o princípio do complexo de castração. O problema aparece quando Freud confere estatuto de universal para o complexo de castração. Ora, podemos afirmar que todos os meninos foram ou serão ameaçados de castração alguma vez na infância? Afirmação impossível de ser sustentada e Freud sabe disso. Sua resposta é que quando a ameaça de castração não vem de fora, virá de *dentro*:

“Devia ficar satisfeito em saber se a cena primária, no presente caso, foi uma fantasia ou uma experiência real; mas, levando em conta outros casos

semelhantes, devo admitir que a resposta a essa pergunta não é, na verdade, uma questão de muita importância. Essas cenas de observação das relações sexuais entre os pais, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são inquestionavelmente, um dote herdado, uma herança filogenética, mas podem também facilmente ser adquiridas pela experiência pessoal. Com meu paciente, a sedução pela irmã mais velha foi uma realidade indiscutível; por que não deveria também ser verdadeira a sua observação da cópula dos pais? Tudo o que encontramos na pré-história das neuroses é que a criança lança mão dessa experiência filogenética quando sua própria experiência lhe falha. Ela preenche as lacunas da verdade individual com a verdade pré-histórica; substitui as ocorrências da sua própria vida por ocorrências na vida dos seus ancestrais. Concordo plenamente com Jung ao reconhecer a existência dessa herança filogenética; mas considero um erro metodológico agarrar-se a uma explicação filogenética antes de esgotar as possibilidades ontogenéticas”¹¹⁶.

A discussão, no caso do Homem dos Lobos, se situa nos limites da psicanálise e diz respeito às fantasias originárias que incluem a cena primária e a fantasia de castração. Se não houver ameaça de castração, um componente hereditário do passado filogenético do indivíduo deve se ativar, construindo uma ameaça de castração.

Essa ameaça atinge em cheio o narcisismo infantil forçando o menino para uma escolha: abro mão dos meus objetos sexuais ou da completude narcísica? Na neurose, a escolha recai sobre a primeira opção. O que está em jogo não é a presença ou não da ameaça de castração, mas algo além, a própria realidade da castração.

O desdém do pequeno Hans diante da ameaça feita por sua mãe também é emblemático. A ameaça só se torna efetiva quando a diferença sexual ganha sentido ao ser articulada à ameaça de castração. É quando o menino “descobre” que o pênis está ausente na mulher que a castração ganha o estatuto de realidade. Temos aqui um efeito de sentido: a ausência do pênis na mulher poderia não significar nada até o momento da ameaça de castração. A ameaça é realizada *a posteriori*, com a percepção da diferença sexual, mas só é importante se ela impõe limites ao prazer sexual da criança. No momento em que a diferença sexual tem sentido, esse sentido é traumatizante.

¹¹⁶ “Homem dos Lobos”, *História de uma neurose infantil*, ESB, XVII, 122 / GW, XII, 130-131.

Na menina, fica ainda mais claro o deslizamento de sentido: claro que não há ameaça de castração, mas as relações de sentido se impõem no período pré-edípico. Diante da recusa da mãe ao assédio sexual da menina, que implica numa ausência de satisfação da pulsão, a menina produz uma teoria: minha mãe não me deseja pois me falta algo. Diante do espelhamento com o menino, ou seja, da diferença sexual, a menina atribui a falta à ausência do pênis. Freud já lida com a idéia de falo e não de pênis e a mudança terminológica não é sem razões. O que Freud entende por falo é uma valorização do pênis, que acontece em ambos os sexos. O menino superestima seu pênis e a menina o inveja. O que está em jogo não é o que o pênis oferece, mas o valor que ele ganha para os dois. É aí que circulará a dialética da castração.

Na menina, como dito acima, a castração inicia o complexo de Édipo positivo. A menina atribui essa falta à mãe e se liga ao pai, que poderia lhe oferecer algo que substitui isso que falta, um bebê. Há um deslocamento de sentido entre pênis e bebê e o bebê ganha grande valor.

Retornando ao desamparo, tanto no menino como na menina se impõe uma mesma problemática: devo abrir mão dos meus objetos sexuais ou ficar desamparado pelos meus pais? Veja-se que o resultado de ambas as escolhas terá como efeito um trauma: ao abrir mão dos objetos sexuais, a criança se vê impossibilitada de ter satisfação pulsional, ao menos de certas maneiras.

A escolha leva ao recalque de certas satisfações sexuais e à identificação secundária parental. Os impulsos passam a ser controlados por mecanismos de formação reativa e sublimação e desviados para outros objetos. O supereu, herdeiro desse processo, começa a agir, mas fica a ilusão de retornar ao estado narcísico a partir do ideal de eu.

A castração protege a criança da realidade do desamparo, pois ela nomeia um objeto mesmo que interdito: o menino deveria ter a mãe como objeto, mas não pode, pois corre o risco de ser castrado. Ou seja, frente ao desamparo, a pessoa responde situando objetos que lhe satisfaçam. A contingência do objeto, de que Freud fala no *Três ensaios*, se aplica a capacidade do desejo de deslizar de um objeto para outro, mas, como indica a sensação de mal-estar, o objeto final, que dará saciedade *total* à pulsão, não existe. A criança atribui aos pais essa condição de objeto e depois que ele é interdito, ocorre um processo de deslizamento desse objeto.

Diante da ausência ou impossibilidade de satisfação com um objeto, situação que remete ao desamparo e a angústia, o indivíduo responde com atribuições de sentido. Um exemplo fundamental presente em *O futuro de uma ilusão* e no *O mal-estar na cultura* é o da religião. Com a queda da idealização parental comum na adolescência, o indivíduo se vê diante do desamparo de viver e para tanto retoma as figuras parentais, agora na condição de divindades, atribuindo-lhes, inclusive, valor de verdade.

Ora, o desamparo constitui-se enquanto uma fratura, um “furo”, na realidade suportada pelo indivíduo e frente a qual responde tentando “tampar” esse furo para não vivenciar o insuportável. A compulsão à repetição, conceito intimamente articulado ao trauma, se impõe como um processo que antecede a descarga de satisfação, ou seja, é uma tentativa de ligação da pulsão à representação. Nessa tentativa, o indivíduo repete a vivência desamparadora, seja em atuação, seja em sonho, etc., que busca então proporcionar um sentido a uma vivência traumática, protendendo-o do insuportável.

A máquina de atribuição de sentido tem como função proteger o indivíduo do insuportável do desamparo articulando pulsão à representação e dando então sentido à percepção da realidade. Ao produzir sentido, o objeto é incorporado ao universo da

pessoa, constituindo sua realidade a partir do que pode ser suportável. Essa realidade se abala na medida em que o insuportável tende a aparecer e o indivíduo trata de buscar inscrever o que é insuportável atribuindo sentido ao objeto.

A castração, a teoria da sedução, o delírio, a religião, o complexo de Édipo, a realidade psíquica, o processo de idealização, as teorias sexuais infantis, a fantasia, o supereu não são senão processos de atribuição de sentido. Isto é, são a realidade.

PARTE II: LACAN

Não sou eu que me navega, quem me navega é o mar. Paulinho da Viola.

CAPÍTULO I: FREUD, LACAN E A CIÊNCIA

“Eu venho aqui para lançar a minha causa freudiana. Vocês podem ser lacanianos, se assim quiserem. Eu sou freudiano”.

A frase, muito conhecida, é dita por Lacan em 1980, no seminário de Caracas, ao anunciar a fundação de *La cause freudienne*. Mais do que uma expressão de modéstia (que não era o forte de Lacan), marca uma posição. Poderia haver diferenças circunstanciais entre ambos, mas a base da teorização lacaniana é sempre a obra de Freud. No entanto, Lacan não se restringe a ser um comentador de Freud: Lacan produz teses a partir de Freud. Não obstante, isso não implica em ruptura. A frase de Lacan marca antes a idéia de uma continuidade, mais precisamente, de um aprofundamento.

Lacan avança em relação à Freud, e a nosso ver, numa direção que está ligada a sua primeira abordagem, o estruturalismo. Freud inicia a psicanálise a partir de casos clínicos, num exercício complexo de teorização do campo da experiência. Um campo de experiência singular, pois escapa de qualquer experimentação controlada.

Lacan relê Freud não exatamente preocupado somente com o caminho trilhado por ele, e sim buscando saber até onde é possível se pensar os fenômenos apreendidos por Freud diante de outros pressupostos. No *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan diz: “Coloquei a seguinte questão – o funcionamento do *Pensamento selvagem*, posto por Lévi-Strauss na base dos estatutos da sociedade, é

um inconsciente, mas será suficiente para albergar o insciente como tal? E se ele consegue isto, será que albergará o inconsciente freudiano”¹¹⁷? Seria, se pergunta Lacan, possível ler Freud à luz de Lévi-Strauss? O que isso acarretaria? Poderia a psicanálise se beneficiar desta articulação?

Ora, para construir a psicanálise Freud se valeu de outros saberes que se modificaram com o tempo, Lacan busca entender como estas modificações se refletem sobre a psicanálise. Na antropologia, Freud leu Lewis Morgan e James Frazer, enquanto Lacan trabalha com Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss. Na lingüística, Freud recorre principalmente a Hans Sperber e Carl Abel, e Lacan com Saussure, Jakobson, Benveniste¹¹⁸. Uma análise mais detida demonstraria que Lacan também se vale de um amplo leque de teorias contemporâneas em filosofia, psiquiatria, biologia, entre outras, todas diferentes das de Freud. É desse ponto de vista, ou seja, de que há uma íntima ligação entre psicanálise e outros saberes, que Lacan lerá Freud, à luz da contemporaneidade. Em suma, Lacan dá continuidade ao trabalho de Freud, mas através de outros pressupostos filosófico-científicos.

Voltemos momentaneamente à Freud para compreender como isso se dá.

1. Clínica e experiência

Freud insiste, desde o começo de seus trabalhos psicanalíticos: há, antes de tudo, a experiência clínica, o campo empírico da psicanálise, a *Erfahrung*.

Monzani indica aí o ponto de ligação entre *Entwurf* e *Die Traumdeutung*. Mais que isso, diante da experiência clínica, herança da medicina, Freud se contrapõe a

¹¹⁷ *Seminário XI*, p. 20.

¹¹⁸ Para o mapeamento destas diferenças, cf. ARRIVÉ, M., *Lingüística e Psicanálise*. São Paulo, Edusp, 2001, pp. 80-91 (sobre Freud) / pp. 113-118 (sobre Lacan).

alguns elementos do que Monzani chama de neurologia positivista no *Entwurf*:

“O que, portanto, nos leva a concluir que foi exatamente essa ‘leitura’ dos fenômenos histéricos e obsessivos que levou Freud a postular tal princípio [o de inércia] contra todas as evidências ao contrário da neurologia científica e positivista”¹¹⁹.

Não se pode falar de uma continuidade pura entre os dois textos acima citados, muito menos de uma ruptura absoluta, mas há um fio de ligação entre eles que serve de base à constituição de toda a psicanálise. Ou seja, o local privilegiado de produção de material da psicanálise é a clínica, à qual se subordina a teoria. Não que a teoria não tenha efeitos sobre a clínica, mas a *Erfahrung* é a locomotiva da psicanálise.

Eis um ponto crucial, no qual convergem o ideal freudiano positivista e a problemática da indemonstrabilidade da psicanálise. Sabemos que o *Entwurf* não avança tal como Freud pretendia¹²⁰ e a ênfase de sua teoria recai mais sobre os processos psíquicos do que sobre o substrato orgânico. Mas a experiência (sempre *Erfahrung*) é tida por Freud como um dos fatores principais de qualquer ciência. Em um dos primeiros textos sobre o assunto ele diz:

“Ainda assim, a despeito disso, é válido expressar o desejo de que os médicos alemães venham a dirigir sua atenção para o problema [da hipnose] e para esse método terapêutico, pois continua sendo verdade que, em matéria científica [*naturwissenschaftlichen*], é sempre a experiência [*Erfahrung*], e nunca a autoridade sem a experiência, que dá o veredicto final, seja a favor, seja contra”¹²¹.

O primeiro tema que, de fato, obriga Freud a polemizar sobre a ciência e as concepções de cientificidade surge quando se vê levado a admitir a hipnose, procedimento altamente controverso, como veículo de tratamento e de pesquisa

¹¹⁹ Cf. MONZANI, *Freud: o movimento de um pensamento*, op. cit., p. 101.

¹²⁰ Cf. MEZAN, *A trama dos conceitos*, op. cit., p. 46.

¹²¹ Prefácio à tradução de *De la Suggestion*, de Bernheim, ESB, I, 118 / GW, Nachtragsband, 110.

científica. É aí que evoca a *Erfahrung* como divisora de águas. A defesa se repete em todo o arco de textos sobre a hipnose, como o relatório de seus estudos em Paris¹²², no *Prefácio à tradução de De la Suggestion, de Bernheim*, citado acima, além de *Resenha de Hipnotismo, de August Forel*¹²³ e *Hipnose*¹²⁴.

A clínica ganha lugar de destaque como o campo por excelência da *Erfahrung* psicanalítica. Mas esse campo exige lidar com outra dimensão da experiência que foge, justamente, à quantificação. Os casos de psicanálise põem em questão tudo aquilo que Freud espera para compor uma ciência à maneira positivista: a histeria questiona o olhar e a anatomia. Mas a hipnose e os sonhos colocam em jogo a relação entre o fisiológico e o psíquico, que Freud discute amplamente, sem chegar a maiores conclusões, no *Prefácio à tradução de De la Suggestion, de Bernheim*, voltando ao tema em *Die*

¹²² “Com surpresa, verifiquei que nessa área determinadas coisas aconteciam abertamente diante dos nossos olhos e que era quase impossível duvidar delas; assim mesmo, eram tão estranhas que não se podia acreditar nelas, a menos que delas se tivesse uma experiência pessoal. Contudo, não vi nenhum sinal de que Charcot mostrasse qualquer preferência especial por material raro e estranho, ou de que tentasse explorá-lo para fins místicos. Pelo contrário, considerava o hipnotismo uma área de fenômenos que ele submetia à descrição científica, tal como fizera, muitos anos antes, com a esclerose múltipla ou com a atrofia muscular progressiva. Não me parecia em absoluto que ele fosse um desses homens que se mostram mais encantados com aquilo que é raro do que com aquilo que é comum; e a tendência geral de sua mente leva-me a supor que ele não consegue descansar enquanto não descreve e classifica corretamente algum fenômeno que o interesse, mas dorme tranqüilamente sem ter chegado à explicação fisiológica do fenômeno em questão”. *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, ESB, I, 45 / GW, Nachtragsband, 42.

¹²³ “Pelo contrário, este breve estudo é o trabalho de um médico sério, que veio a conhecer o valor e a importância da hipnose a partir de sua rica experiência própria e tem o direito de exclamar aos ‘zombadores e incrédulos’: ‘Provem antes de julgar!’ E temos de concordar com ele quando diz: ‘A fim de formar um julgamento acerca do hipnotismo, é preciso que se tenha praticado o hipnotismo por experiência própria’”. *Resenha de Hipnotismo, de August Forel*, ESB, I, 137 / GW, Nachtragsband, 126.

¹²⁴ “Todo aquele que se põe a hipnotizar com ceticismo, que talvez se afigure cômico a si mesmo nessa situação e que revele, por sua expressão, sua voz e seus modos, não esperar nada da experiência, não terá motivos para se surpreender com seus fracassos; deveria, preferentemente, deixar esse método de tratamento para outros médicos capazes de praticá-lo sem se sentirem feridos em sua dignidade médica, de vez que se convenceram, pela experiência e pela leitura, da realidade e da importância da influência hipnótica”. *Hipnose*, ESB, I, 154 / GW, Nachtragsband, 141.

*Traumdeutung*¹²⁵.

A questão energética leva a uma força não mensurável, impossível de ser traduzida em qualquer forma matemática. Como se situa a *Erfahrung* nesse jogo? Ora, de modo “constrangedor”:

“nem sempre fui psicoterapeuta. Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognósticos, e ainda me causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos e que, como se poderia dizer, falte-lhes a marca de seriedade da ciência. Tenho de consolar-me com a reflexão de que a natureza do assunto é evidentemente a responsável por isso, e não qualquer preferência minha. A verdade é que o diagnóstico local e as reações elétricas não levam a parte alguma no estudo da histeria, ao passo que uma descrição pormenorizada dos processos mentais, como as que estamos acostumados a encontrar nas obras dos escritores imaginativos, me permite, com o emprego de algumas fórmulas psicológicas, obter pelo menos alguma espécie de compreensão sobre o curso dessa afecção. Os casos clínicos dessa natureza devem ser julgados como psiquiátricos; entretanto, possuem uma vantagem sobre estes últimos, a saber: uma ligação íntima entre a história dos sofrimentos do paciente e os sintomas de sua doença – uma ligação pela qual ainda procuramos em vão nas biografias das outras psicoses”¹²⁶.

Frente a um objeto estranho, que impede qualquer aproximação no que diz respeito a uma abordagem positivista tradicional, é que a *Erfahrung* ganha importância,

¹²⁵ “Não há dúvida de que as realizações psíquicas dos sonhos receberam um reconhecimento mais rápido e mais caloroso durante o período intelectual que agora ficou para trás, quando a mente humana era dominada pela filosofia, e não pelas ciências naturais exatas. Pronunciamentos como o de Schubert, de que os sonhos constituem uma libertação do espírito em relação ao poder da natureza externa, uma liberação da alma entre os grilhões dos sentidos, e outros comentários semelhantes do jovem Fichte e de outros, todos os quais retratam os sonhos como uma elevação da vida mental a um nível superior, parecem-nos agora quase ininteligíveis; hoje em dia, são repetidos apenas pelos místicos e pelos carolas. A introdução do modelo de pensamento científico trouxe consigo uma reação na apreciação dos sonhos. Os autores médicos, em especial, tendem a considerar a atividade psíquica nos sonhos como trivial e desprovida de valor, enquanto os filósofos e os observadores não profissionais – os psicólogos amadores, cujas contribuições para esse assunto específico não devem ser desprezadas – têm conservado (numa afinidade mais estreita com o sentimento popular) a crença no valor psíquico dos sonhos. Quem quer que se incline a adotar uma visão depreciativa do funcionamento psíquico nos sonhos preferirá, naturalmente, atribuir a fonte deles à estimulação somática; ao passo que os que acreditam que a mente preserva, ao sonhar, a maior parte de suas capacidades de vigília não têm nenhuma razão, é claro, para negar que o estímulo ao sonho pode surgir dentro da própria mente que sonha”. *A interpretação dos sonhos*, ESB IV-V, 66 / *Die Traumdeutung*, GW, II/III, 66-67.

¹²⁶ “Caso Elisabeth”, *Estudos sobre a histeria*, ESB, II, 209-210 / GW, I, 227.

não a experiência que se espera, apreensível ao olhar e passível de ser matematizada, quantificada, mas uma experiência que se aproxima dos modos de exposição dos elementos de ficção, dos contos, da metáfora. De tudo aquilo que é anátema para o positivista.

Temos aqui um tipo de “empirismo” que prevalece sobre a teoria. É a *Erfahrung* que deve ser a base de toda a teoria e é a partir dela que se promovem ou não modificações.

2. Do olho para o ouvido

A prevalência da experiência clínica é uma postura médica bem caracterizada por Foucault. Mas, a clínica psicanalítica é acometida de problemas que não se encontram em outros campos.

Primeiramente, destaque-se a virada do olhar para a escuta. Freud e Breuer retiram as histéricas dos salões de apresentação de Charcot e as levam para o isolamento do consultório. O olhar se turva na medida em que os sintomas histéricos não obedecem às leis da anatomia. A virada do modelo se dá, a nosso ver, no momento em Breuer oferece escuta a Anna O. (e desvia os olhos). O método catártico, que mais tarde dará lugar à associação livre, marca uma nova dimensão da *Erfahrung* que Freud parece ainda considerar como se fosse a tradicional.

Trata-se de uma experiência não mais reproduzível, não “experimentável”, que não pode ser reproduzida e nem testada. Problema sério para quem pretende constituir uma *Naturwissenschaft*.

A primeira tentativa de reduzir esse problema é a teoria da sedução. Ela tem vínculos claros com o *Entwurf* e com o ideal positivista. Ainda em *Estudos sobre a*

histeria, Freud já manifesta certa discordância com Breuer em relação à teoria da sexualidade. Através do método catártico e da associação livre, Freud parece convencido da importância etiológica da sexualidade na sua teoria das neuroses. Em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud apresenta de maneira completa sua teoria da sedução, ocasionando, como se sabe, o rompimento com Breuer.

A teoria da sedução, variação da teoria da defesa, apresenta um componente de ordem sexual como primordial no surgimento de uma neurose: uma cena de sedução infantil.

O que é fundamental aqui é justamente um recurso que Freud tentará manter ao longo da obra: a cena, que se manifesta enquanto lembrança. Qual a vantagem? É um recurso que busca trazer uma dose de objetividade a um universo que se apresenta como subjetivo.

Freud, enquanto neurólogo, lida com uma realidade material nos princípios da psicanálise, em consonância com Brücke, Meynert e Du Bois-Reymond. A teoria opera antes sobre um substrato orgânico que sobre algum tipo de alteração aparentemente não fisiológica que se apresenta como o sintoma histérico. O tratamento de Charcot põe em evidência um fenômeno: a operação da sugestão sobre o aparente substrato orgânico.

O caso Anna O. é entendido enquanto inaugural, pois aqui um outro fenômeno ganha evidência, trazendo o que se pode considerar o fato inicial da psicanálise: os sintomas são remitidos pela fala.

A partir daqui, tendo como base o fundamento de que a realidade é plenamente material, Freud lida com dois pontos-chaves dessa realidade: um substrato orgânico, o corpo, presente no sintoma histérico, e a fala do paciente que parece operar sobre esse substrato, efetuando a melhora da condição do paciente.

Ora, uma vez que a fala do paciente também deve ser vista como representante dessa realidade material, a idéia de fantasia nem é colocada. No lugar da fantasia, reminiscências, lembranças de vivências do passado (algo de “real”). Assim, a neurose seria consequência das vivências sobre o substrato orgânico. Cabe a Freud descobrir como ocorreria essa interação entre estes dois campos igualmente “reais”.

Daí surgem duas teorias que pretendem se complementar: a teoria do trauma/sedução e o *Entwurf*, cada uma buscando dar conta dos fenômenos nos dois pontos principais da “realidade material” que devem, necessariamente, estar articulados.

Dessa maneira, no *Entwurf* Freud se vale de um esforço para explicar, físico-anatomicamente, o funcionamento cerebral, de modo a dar conta dos processos patológicos, bem ao modelo proposto por Brücke. Mas a recusa do postulado comum entre os médicos, de que toda patologia é causada por uma lesão¹²⁷, faz com que ele tenha, antes de tudo, que postular o funcionamento normal do aparelho anatômico cerebral.

A articulação entre o fato e a pergunta (a remissão pela fala é um dado que serviria para responder sobre qual a etiologia da neurose) abre um continente teórico. Para além da fala, há ainda um segundo elemento que está contido no conteúdo desta fala: para que a remissão se dê, é necessário que o paciente se lembre de uma determinada cena, ou seja, outro elemento da psicologia se coloca em jogo, a memória.

Freud e Breuer escrevem os *Estudos sobre a histeria* apresentando de forma acabada a primeira teoria psicanalítica, nos oferecendo os conceitos de representação, afeto, inconsciente, consciência, fluxo associativo e recalque: a histeria seria fruto de uma representação que, devido a sua intensidade, é colocada fora do fluxo normal de

¹²⁷ Cf. o *Nascimento da clínica*, de Foucault, já citado.

associações da consciência e que retornaria em forma de sintoma. Tirar a representação do inconsciente e realocá-la no fluxo de associações, ou seja, restabelecer a memória do paciente, possibilitaria a descarga “correta” do afeto (ab-reação), o que poria fim tanto ao sintoma, quanto à própria histeria.

Desse quadro, bem resumido, é importante para nós mantermos dois elementos:

- 1º. Freud tentar manter uma âncora na “realidade” exterior ao indivíduo: a cena traumática.
- 2º. Para pensar a histeria e a neurose em geral, Freud se vê às voltas com uma teoria da consciência, da afetividade e da memória, ou seja, deve construir uma teoria do funcionamento psíquico *normal* do indivíduo.

Ora, é preciso demonstrar o que foi afirmado. A teoria da sedução e o *Entwurf* caminham neste sentido. Ambos são contemporâneos. O primeiro marca quais alterações exteriores devem acontecer para que se possa chegar à neurose. O segundo, tentar determinar anatomicamente a localização dos sistemas neurológicos que seriam necessárias para que a psique funcionasse da forma que exige tanto a teoria do normal quanto a teoria da sedução. Em ambas as teorias (que na verdade se configuram num só projeto teórico), temos uma âncora “material”: dados possíveis de serem replicados e experimentados. Há a possibilidade de uma verificação direta, segundo relações de causa e efeito. Poder-se-ia verificar se de fato todos aqueles que se tornam neuróticos passaram por cenas de sedução. Freud, inclusive, admite verificar a veracidade dos fatos narrados sob hipnose com os familiares do paciente.

Contudo, as duas teorias acabam não se sustentando. Freud vê escaparem todos os seus instrumentos positivistas: já não pode alegar que seu trabalho é empírico, já não tem nenhuma ancora na realidade sensível. Suas conclusões são, em princípio, impossíveis de verificação experimental. Tampouco tem meios de encontrar os substratos orgânicos que corroborariam suas teorias.

3. Cientificidade e teorização

Mas o que fazer na medida em que seu projeto já não mais se encaixa nos moldes positivistas? Como sustentar que a psicanálise permaneça na condição de uma *Naturwissenschaft*? Como sustentar a universalidade e a formalização da psicanálise? Se se trata de uma clínica da subjetividade e de um objeto evanescente – o inconsciente – que só se torna acessível no momento em que deixa de ter suas características primordiais, como saber que caminhamos no sentido certo, como saber que não estamos fantasiando?

Para manter a pretensão científica, Freud se vê obrigado a lidar com estes dois componentes, a formalização da teoria e a universalização. O problema todo está na passagem da clínica para a metapsicologia. Para tanto, Freud precisa de um terceiro elemento: o recurso à cultura. O recurso à cultura resolveria os dois problemas: oferece uma forma de universalização e uma maneira de formalizar a teoria¹²⁸.

Não se trata de interpretar o fenômeno cultural como se ele estivesse no divã, mas de nos perguntarmos se podemos responder questões para além da clínica através da metapsicologia. É dessa forma, inclusive, que a psicanálise, em certos casos, será tomada como um recurso de outras áreas do saber, tais como a antropologia, a sociologia, a literatura, a filosofia etc., na compreensão de algumas questões que seus respectivos objetos colocam.

Temos aqui o duplo movimento de formalização e universalização. A universalização ocorre no sentido de encontrar na cultura algo que seja correlato da clínica. Se podemos dizer que há algo no homem que seja a-histórico, podemos talvez supor que este algo seja da ordem do universal. O movimento de encontrar um correlato

¹²⁸ Sobre o tema, cf. nosso *Sobre a universalidade na psicanálise*.

da clínica na cultura passa a ser cada vez mais comum no trabalho de Freud.

Não obstante, convém não confundir a teoria da cultura de Freud com o recurso à cultura, principalmente porque a teoria da cultura é uma parte da metapsicologia enquanto o recurso à cultura funciona na medida em que se coloca num para-além da clínica e da metapsicologia.

Mas a formalização teórica também deve operar nesse movimento. O que Freud realiza é uma passagem de algo da clínica, estabelecido na metapsicologia e que responde a uma problemática que é exterior à psicanálise. Em *Das Interesse an der Psychoanalyse*, traduzido pela edição Standard com o título sugestivo *O interesse científico (sic) da Psicanálise*, Freud expõe como a teoria psicanalítica não se comprova só por seus próprios postulados, mas também pela possibilidade, freqüente, de oferecer resposta a um exterior, ou seja, em outros campos do saber que não estão baseados na clínica. Há o interesse filológico, filosófico, biológico, do ponto de vista do desenvolvimento, histórico, estético, sociológico e educacional.

Diante desse processo, fica claro a importância da *Erfahrung* na teorização freudiana, sem que a experiência se confunda com a teorização e muito menos com a formalização e a universalização. Muitas vezes prevalecem antes noções do que conceitos. A noção se configura como um dado clínico que se repete constantemente, ganhando estatuto de noção clínica. No entanto, a noção não é um operador teórico, pois carece de explicação no interior do corpo teórico. É preciso passar de um estatuto ao outro, como ocorre paradigmaticamente com a passagem do complexo de Édipo da condição de noção clínica para a de conceito teórico.

Em muitos momentos, várias idéias de Freud se encontram a meio caminho deste processo. Por exemplo, as dificuldades decorrentes da interpretação que, na questão da

criança em relação aos pais, Freud atribui às figuras reais dos pais certas funções.

Ora, o trabalho lacaniano põe constantemente em cheque o pretense estatuto conceitual daquilo que não é mais do que uma noção, em geral, noção clínica. A pergunta que se põe é: “se aquele fenômeno acontece, quais as bases estruturais para que ele possa ser entendido”. É em função deste processo que Lacan busca as razões últimas de cada fenômeno clínico. Razão pela qual pode avançar sem, contudo, se afastar de Freud.

Lacan mantém em evidência justamente o campo da *Erfahrung* freudiana (não seria esta a causa freudiana?). O retorno a Freud operado por Lacan salta por cima do permanente acúmulo, sempre mais encobridor, de comentários e leituras, em busca do solo compartilhado: a clínica. Nem tampouco se afasta da teoria, mas a revê em relação a outros pressupostos científicos e filosóficos.

E se Lacan não tem débitos para com o positivismo, contrairá outros. Especificamente, no que diz respeito ao que constitui basilarmente a clínica: a linguagem e sua decorrente intersubjetividade. Não surpreende a intensidade com que Lacan se refere à lingüística: é fato que não se pode pensar a psicanálise senão como fenômeno de linguagem, nem há qualquer psicologia sem uma teoria da linguagem. O campo intersubjetivo da experiência clínica implica a relação do sujeito com o outro, mediada pela linguagem.

CAPÍTULO II: SIGNIFICANTE E SIGNIFICAÇÃO

A importância da lingüística e da linguagem para Lacan é evidente, pois é justamente aí que repousa o centro da técnica (e por consequência da teoria) psicanalítica. Se não há psicanálise sem teoria da linguagem, uma vez que a psicanálise se baseia nos efeitos da linguagem sobre o sujeito, ou se entende de que forma se dão esses efeitos ou não se tem um campo estável para a produção psicanalítica, uma efetiva *teoria da clínica*.

Para tanto, partindo de Saussure, toda uma parte da teoria psicanalítica é dedicada a trabalhar as articulações do significante.

São propostas várias divisões do trabalho de Lacan¹²⁹, mas é comum apresentar a produção inicial de seu trabalho em psicanálise como o momento de desenvolvimento das relações do sujeito com o significante, ou seja, com o registro do simbólico.

Esse período, em que a ênfase recai sobre a o registro do imaginário e, na sequencia, sobre o do simbólico, compreenderia aos anos de meados da década de 1930 até o final da década de 1950: mais o menos quinze anos de elaboração. É quando Lacan defende sua tese doutoral e inicia seus seminários semanais, que serão o principal de sua elaboração, descontados não muito mais do que os *Escritos* e os *Outros escritos*¹³⁰.

¹²⁹ Por exemplo, JORGE, & FERREIRA, *Lacan, o grande freudiano*, op. cit. Ou QUINET, A., *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro, Forense, 2000.

¹³⁰ Milner discorre sobre a diferença entre o ensino oral de Lacan, estabelecido por Miller na

Como é comum acontecer, nas divisões feitas em relação ao foco de Lacan, surgem questões em termos de rupturas e ou continuidades: o Lacan da teoria do gozo e do objeto *a* rompe com o Lacan do significante? Há um terceiro Lacan, da clínica do Real, que exclui a clínica do significante e do gozo?

Perguntas similares também são feitas pelos leitores de Freud: por exemplo, o mais evidente, a primeira tópica é abandonada em prol da segunda? Quanto a Freud, o livro capital de Monzani nos parece suficientemente esclarecedor. O movimento que Freud dá a seu pensamento teria como que um formato em espiral, com conceitos dantes deixados de lado retornando num outro ponto, com novas articulações teóricas. Assim, nem ruptura e nem continuidade seria concepções adequadas à consideração da totalidade da obra (como tantas vezes se pretendeu): uma ruptura pode ser momentânea e o mesmo fato clínico que inicialmente ensejou um conceito pode, posteriormente, ser resgatado a partir de outro ângulo.

Suspeitamos que o mesmo ocorre na obra de Lacan. A teoria do significante de Lacan é substituída por sua teoria dos discursos? Cremos que uma teoria não exclui a outra, ao contrário, se completam, sem excluir revisões e mudanças eventuais de posição (tema que, embora, excede nossas possibilidades aqui, tem consequências em nossa exposição).

Ora, a teoria do significante tem efeitos sobre o conceito de realidade em Lacan. Tanto num como noutro, Freud e Lacan, articulam-se realidade e atribuição de sentido.

A tese de Lacan formula-se da seguinte forma: a realidade é articulação entre o simbólico e o imaginário, de modo a velar, esconder, o real. Não há confusão entre

publicação dos seminários, e o texto escrito de Lacan, recolhido principalmente nos *Escritos*. As diferenças são significativas. Cf. MILNER, J.-C., *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Trad. de M. A. Coutinho. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996.

realidade e real, são registros distintos. A realidade é do campo do sentido, tanto do sentido único, marcado pelo imaginário, como do duplo sentido, possível a partir do simbólico. Aquilo que é sem sentido está fora do campo da realidade. O sem sentido é o real.

Vejamos, em primeiro lugar, o que diz respeito ao simbólico. Isto é, o próprio campo da linguagem, no qual circulam os significantes.

A teoria lacaniana do significante subverte o algoritmo saussuriano, redundando na primazia do significante¹³¹. Para Saussure, o significante é a imagem acústica, único elemento material da linguagem. Já Lacan oferece diversas definições de significante, que, aliás, são compatíveis entre si. A principal é: *um significante representa o sujeito para outro significante*. Definição difícil, que parece levar a uma certa circularidade, na medida em que implicaria o termo a ser definido. No entanto, como o significante é suporte do sujeito, manifesta-se para outros significantes, não para outro sujeito. Há circulação de significantes (não de sujeitos que significariam). Não se pode estar mais longe da acepção saussuriana de significante como imagem acústica.

O que importa é que o significante, como elemento mais simples dos processos psíquicos, está para além do conceito de representação de Freud, substituindo-o. Por que substituir a representação pelo significante?

Ora, “quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente”¹³². Não se trata, pois, exatamente de uma “representação” que está em jogo no trabalho analítico (e

¹³¹ Cf., por exemplo, as introduções de LEMAIRE, A., *Jacques Lacan: uma introdução*. Trad. de D. Checchinato. Rio de Janeiro, Campus, 1989. Ou de DOR, J., *Introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. de C. E. Reis. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

¹³² LACAN, “Função e campo da fala na psicanálise” in *Escritos*, p. 248.

consequentemente na teoria), e sim, mais propriamente, de *significantes*, de elementos da linguagem. Não se trata de abandonar a idéia de *Vorstellung* (representação), mas como uma exigência de rigor, de determinação da compreensão de representação. Com um inegável ganho, uma vez que significante representa algo *apesar* de inicialmente ser vazio de sentido.

Esse “vazio de sentido” implica na total aleatoriedade que um significante pode ter em relação ao significado. Vários significantes diferentes podem remeter a um mesmo significado e um significante pode remeter a diversos significados (“nem sempre um charuto”...). Exemplificando. No primeiro caso, basta vermos as diferenças entre as línguas (*door*, do inglês, remete ao mesmo significado que *porta* em português ou *port* em francês). Já no segundo caso, o significante pode ter diversos significados ligados a ele, tais como a palavra “canto” que pode remeter a uma espacialidade (“coloque a cadeira naquele *canto*”), como também a emissão de um som (“é belo o *canto* do sabiá”).

A idéia de significante, derivada da teoria da linguagem, se presta particularmente bem ao material que o paciente traz à clínica. Tanto que, como se sabe, Freud propõe a “escuta flutuante” (*Gleichschwebende Aufmerksamkeit*), que implica em não se ligar diretamente ao conteúdo da fala do paciente, não se fixando em uma coisa específica. Isso não necessariamente leva a uma escuta significante, mas pode ser tomada como tal. Em três textos de Freud, *Die Traumdeutung*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, encontramos inúmeros exemplos da relação do sujeito com as representações tal qual fossem significantes.

Tratar as representações como significantes situa de forma precisa o que é por em cena um elemento próprio da linguagem. Além disso, vimos o quanto é difícil

precisar o que é uma representação: o complexo de representações é uma representação? Cada objeto possui uma representação própria? A representação pode ser acústica, visual, os dois, etc.? Já o significante é bem mais preciso: trata-se do suporte da significação, seja ele qual for.

Em *A significação do falo*, Lacan resume o campo do significante:

“Trata-se de encontrar, nas leis que regem essa outra cena, que Freud, a propósito do sonhos, designa como sendo a do inconsciente, os efeitos que se descobrem no nível da cadeia de elementos materialmente instáveis que constitui a linguagem: efeitos determinados pelo duplo jogo da combinação e da substituição no significante, segundo as duas vertentes geradoras de significação constituídas pela metonímia e pela metáfora; efeitos determinantes para a instituição do sujeito”¹³³.

A partir de Jakobson¹³⁴, Lacan propõe que os mecanismos freudianos que regulam o processo primário, e conseqüentemente o inconsciente – o deslocamento e a condensação, – sejam entendido em termos de linguagem, respectivamente metáfora e metonímia. Lacan define metáfora como: “um significante que surge no lugar de outro significante”. Estabelece-se um jogo de sentido, no qual um significante assume o lugar do outro dentro da cadeia significante, assumindo sua significação.

Uma das razões da preferência de Lacan é que o significado não é uma *coisa* à parte que se liga ao significante, mas aquilo que deriva da cadeia significante. É do jogo significante que surge o significado. Uma frase tem seu significado alterado pela pontuação, pela modificação de uma letra ou então de uma palavra. O significado é efeito do jogo significante e depende daquilo que ordena esse jogo.

É aqui que o registro do imaginário e do simbólico serão importantes. A realidade, dada a partir da significação, é constituída então como efeito do jogo

¹³³ “A significação do falo” in *Escritos*, p. 696.

¹³⁴ JACKOBSON, R., “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” in *Linguística e comunicação*. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix, 1995, pp. 34-62.

significante, do simbólico. Contudo, a relação entre significante e significado não é somente dada pelo registro simbólico, mas atravessada pelo registro imaginário.

Coutinho Jorge¹³⁵ lembra que o registro do simbólico é aquele no qual incide o duplo (triplo, etc.) sentido, enquanto no registro imaginário há uma “colagem” entre significante e significado: é o campo da atribuição de sentido, do sentido único.

No exemplo da psicose isso se evidencia quando dizemos que o paciente toma certas frases no “concreto”. É como o homem que corta os fios elétricos de um poste colocando em risco a própria vida. Ao ser interrogado por que havia feito isso, alega que já o haviam prevenido que sua luz teria de ser “cortada” caso não fizesse o pagamento da conta de luz. Como ele não pudera pagar a conta... Freud dá alguns exemplos similares no final de seu texto *O inconsciente*.

Frente a essas possibilidades de significações, o sujeito constitui sua realidade. Mas como essa realidade se constitui? O que marca essa constituição? Cabe entender melhor o que se chama de registro imaginário e registro simbólico. Para tanto, convém esboçar o processo de constituição do sujeito segundo Lacan.

¹³⁵ JORGE, “Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana”, op. cit..

CAPÍTULO III: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

1. O sujeito e o Outro

A teoria do sujeito em Lacan é talvez uma de suas maiores contribuições e o conceito de sujeito, que reverbera por todo seu ensino, tem seu princípio na teoria freudiana. Segundo Fink, é de três grandes textos psicanalíticos do início da produção freudiana – *Die Traumdeutung*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* – que Lacan recebe a idéia de sujeito do inconsciente: “Nos lapsos de língua, assim como nos atos falhos e parapraxes de todos os tipos, algum tipo de *intenção* estranha parece entrar em cena ou forçar uma entrada”¹³⁶.

A pergunta de Lacan na determinação do conceito de sujeito será a mesma que a de Freud: quais os pressupostos necessários para se explicar os fenômenos clínicos? No entanto, a ênfase lacaniana recai sobre as articulações entre ser e linguagem. Daí sua pergunta: “... o que é a experiência da fala? A essência e a troca da fala? – e colocar ao mesmo tempo a questão da experiência analítica”¹³⁷.

Lacan ancora a teoria freudiana do sujeito na teoria do significante, deixando ao largo a teoria econômica (já seriamente abalada mesmo em Freud¹³⁸) e também toda

¹³⁶ FINK, B., *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Trad. de M. L. S. Câmara. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998, p. 63.

¹³⁷ LACAN, “O simbólico, o imaginário e o real” in *Nomes-do-Pai*. Trad. de A. Telles. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005, p. 16.

¹³⁸ “O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (que descrevemos como ‘tensão devida a estímulo’), embora obviamente

construção organicista, naturalista e positivista que ainda restava na obra freudiana.

Se Freud constrói seu pensamento sobre as bases de um certo naturalismo e um certo positivismo¹³⁹, por mais difusos que fossem, Lacan abre novas perspectivas ao suspender qualquer referência biológica ou organicista e do modo o mais explícito. Ogilvie acentua que uma das diferenças entre Freud e Lacan é justamente o peso da filosofia na conceituação do segundo¹⁴⁰.

Não que o conceito de pulsão, por exemplo, seja completamente deixado de fora, mas só será retomado mais tarde, como no *Seminário XI*, apesar das referências constantes em seu ensino. Alguns advogam que o conceito de gozo traz em si o retorno a uma economia psíquica, no entanto, é patente a tentativa de Lacan de ler Freud em vista de uma solução para a conceituação psicanalítica que não fosse pela “metáfora” econômica¹⁴¹.

Em Lacan, o sujeito é compreendido através de duas abordagens articuladas: o estruturalismo, em geral, e a lingüística. Comentamos anteriormente sobre o conceito de significante e como ele funciona na metapsicologia lacaniana, sendo base para a estrutura e a partir do qual podemos organizar o imaginário e o real. Vejamos agora

muito tenham a ver com esse fator. Parece que eles dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa. Se pudéssemos dizer o que é essa característica qualitativa, estaríamos muito mais avançados em psicologia. Talvez seja o ritmo, a seqüência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo. Não sabemos”. *O problema econômico do masoquismo*, ESB, XIX, 200 / GW, XIII, 372.

¹³⁹ Cf. RITVO, L., *A influência de Darwin sobre Freud*. Trad. de J. C. C. Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1992. E, sobre o positivismo, cf. MONZANI, *Freud, o movimento de um pensamento*, op. cit.

¹⁴⁰ “O que constiui a originalidade” do projeto de Lacan “é o fato de abordar essa questão [do sentido] pelo viés da trama filosófica que ela representa, ordem de problemas da qual Freud, ao contrário, sempre se manteve cuidadosamente à distância. É esse ponto de vista que vai dar seu aspecto particular a toda a obra de Lacan, indissolúvelmente ‘técnica’ e filosófica”. OGILVIE, B., *Lacan. A formação do conceito de sujeito (1932-1949)*. Trad. de D. D. Estrada. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988, p. 31.

¹⁴¹ Cf. DUNKER, C., *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo, Escuta, 2002.

algumas incidências do significante na construção do sujeito.

Como Lacan se propõe a produzir uma psicanálise isenta de componentes biológicos, não se consegue entender o homem no nível de sua organização corporal, mas a partir de outra organização que acontece por conta justamente do estado irreversível de desadaptação (o famoso mal-estar...). Daí, a constante de Lacan: o sujeito se dá a partir do Outro.

Também seria o caso em Freud, desde o *Entwurf*, e a teoria da constituição psíquica a partir do Édipo realça essa dimensão. Na construção de sua teoria da neurose Freud se vê obrigado a construir uma teoria da moral que mais tarde redundará numa teoria da cultura. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, se posiciona de forma a negar a distinção entre a psicologia do indivíduo e a psicologia social:

“O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de massa, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos pulsionais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.”¹⁴²

Dado que é clara a importância do outro para a constituição psíquica na posição freudiana, Lacan a levará às suas máximas conseqüência. Se é na relação com outro que o sujeito se constitui, essa constituição deve passar, então, pela via da comunicação, ou seja, pela linguagem, portanto, pelo simbólico.

A teoria da constituição do sujeito é um laborioso exercício de Lacan no sentido de juntar sua teoria da linguagem e a teoria freudiana do complexo de Édipo.

¹⁴² *Psicologia das massas e análise do eu*, ESB, XVIII, 91 / GW, XIII, 73.

Lacan aponta três “tempos do Édipo” nos quais a criança deixa o registro da necessidade para ingressar no do simbólico. “Ingressar” no simbólico é literal, pois o simbólico preexiste à criança. O ingresso é crucial para sua constituição e mesmo para sua existência enquanto sujeito. O simbólico já incide sobre ela, pois os pais, ou quem quer que ocupe essa função, estão dentro do registro simbólico. A criança já ocupa um lugar imaginário e simbólico para os pais, lugar que tem efeitos determinantes. É sempre a partir do desejo dos outros que a criança se situará. E a constituição do sujeito, tal como pensada por Lacan, exige uma nova série de conceitos, dentre os quais, a separação e a alienação, o estágio do espelho e a metaforização do Nome-do-Pai.

Desde *Os complexos familiares*, Lacan fala sobre o problema do estado pré-maturacional do bebê humano¹⁴³. É precisamente o estado de desamparo do bebê diante do desejo de um outro que será a condição para a inscrição do sujeito no universo humano. As bases de constituição do sujeito estão no desejo do outro, ao mesmo tempo em que a condição inicial para essa constituição é esse desamparo.

O bebê recém-nascido está imerso num puro *real*, ou seja, na ausência de inscrição de um significante e responde somente à pressão da necessidade. Ao mesmo tempo, está num estado perceptivo de pura diferença, diferença absoluta e não de quantidade. A criança sente algo que *nós* nomeamos como um estado negativo de necessidade, que designamos como a dor, e responde instintivamente com o grito. Não se trata de nenhum estado *quantitativo* de dor, pequeno ou grande. A criança sente *dor*, em absoluto: uma qualidade. Imerso no simbólico, o Outro materno responde a esse grito ouvindo-o não como uma necessidade, mas já no campo da demanda e significando-o: “o bebê tem fome”.

¹⁴³ LACAN, “Os complexos familiares na formação do indivíduo” in *Outros escritos*. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003, pp 39 s..

A mítica primeira mamada inscreve em termos de traços uma pura diferença de estado, entre positivo (saciedade) e negativo (necessidade). É aqui que começa a inscrição do significante para o *infans*. Qualidades tais como prazer/desprazer serão um efeito posterior da vigência do significante sobre a criança. De início, temos um estado de pura diferença, de oposição de dois estados.

Preexistindo à criança, o simbólico ordena o lugar dessa criança no desejo dos pais. A partir do lugar simbólico e imaginário que a criança então ocupa, é o Outro materno que situa a criança na cadeia significante. Os pais oferecem significantes que nomeiam a criança, seja em seus atos ou em suas características corporais. Mesmo sendo situada, a criança ainda não se constitui como um sujeito, pois está assujeitada por completo ao Outro.

Essa assujeitamento tem efeitos sobre o Outro materno. A criança deve ocupar para o Outro o lugar de objeto fálico, subjetivando-se enquanto fusionada ao Outro. Lacan deixa claro que em nenhum momento se trata mesmo de uma relação de dois termos (mãe/bebê), pois há o atravessamento do significante fálico nessa relação¹⁴⁴: a criança se identifica com o falo da mãe e a mãe atribui valor de objeto fálico à criança.

2. O estádio do espelho e o registro imaginário

Os três registros, o imaginário, o simbólico e o real, embora não sejam referidos por Freud enquanto tais, servem a Lacan para organizar diversos conceitos da teorização freudiana.

O imaginário é o primeiro deles a ser mais amplamente desenvolvido. E nesse registro encontramos (re)organizados alguns dos conceitos determinantes de Freud.

¹⁴⁴ Cf. *Seminário IV, A relação de objeto*, p. 28.

Podemos dizer que a idéia chave do registro do imaginário é o conceito de narcisismo e seus desdobramentos, principalmente no entendimento das psicoses.

Freud, analisando o caso Schreber, aponta como a paranóia está intimamente ligada ao narcisismo. A crise paranóica implica uma regressão ao narcisismo. Lacan introduz o registro do imaginário a partir do momento apontado por Freud, a passagem do auto-erotismo para o narcisismo primário:

“No tocante à primeira questão, posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo”¹⁴⁵.

Essa ação psíquica a que Freud se refere aqui – e que não será retomada em sua obra – é chamada por Lacan de *estádio do espelho*¹⁴⁶.

O estágio do espelho talvez seja a primeira contribuição lacaniana à psicanálise de Freud. Grosso modo, consiste na apreensão progressiva do *infans* (o sujeito que ainda não ingressou na linguagem) da unidade corporal a partir da imagem especular do outro.

Os efeitos do estágio do espelho são vários: a constituição de um eu, inicialmente corporal; a alienação na imagem do outro; a sensação retroativa de um corpo despedaçado que terá ressonância principalmente na psicose. A partir da alienação na imagem do outro, temos a consolidação do registro imaginário e a instauração do narcisismo, que não poderia acontecer sem a constituição do eu.

Ou seja, trata-se de uma etapa lógica (isto é, logicamente presuposta, não

¹⁴⁵ *Sobre o narcisismo*, ESB, XIV, 93 / GW, X, 142.

¹⁴⁶ Sobre a relação essa ação psíquica apontada por Freud e o estágio do espelho, cf. FARIA, M., *Constituição do sujeito e estrutura familiar. O complexo de Édipo de Freud a Lacan*. Taubaté, Cabral, 2003.

empírica) de suma importância na estruturação psíquica do sujeito. No momento de alienação, o sujeito se apaga, dando espaço para a emergência do eu que, portanto, só pode ser imaginário.

No que tange a realidade, essa passagem é o primeiro bastião de uma organização que se dará progressivamente. Como diz Lacan, a respeito do esquema ótico e do estágio do espelho: “este primeiro narcisismo se situa, se quiserem, no nível da imagem real de meu esquema, na medida em que ela permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados”¹⁴⁷.

O narcisismo a que se refere aqui é o narcisismo primário, que para Lacan adquire o valor da imagem real do esquema ótico. A imagem real é aquele que passa pelo juízo de existência no sentido freudiano, produzindo sobre o sujeito sentido de realidade.

Lacan mostra como o narcisismo possui um efeito de organização da realidade, mas sem esquecer que o próprio narcisismo já é resultado do Outro na estruturação do sujeito. Se o eu é o outro, se o desejo é o desejo do Outro, o mesmo pode-se dizer em relação à realidade: a realidade é a realidade do Outro. Mesmo o narcisismo não é decorrente do sujeito, mas da posição que esse ocupa no desejo do Outro. A criança corresponde ao chamado narcísico dos pais, situada na outra cena. Como diz Cabas:

“O sistema de relações que intervém com relação ao filho (e que denominamos falo), cria uma distribuição de lugares em relação ao narcisismo. Sabemos que toda escolha de objeto não é outra coisa que não um resíduo da escolha narcisista e, portanto, se os pais vêm no filho um objeto de preenchimento é em função daquela ‘outra cena’ formada pelo narcisismo. Em tudo isso, o filho não é ele... É o que ‘se gostaria de ser’, ‘o que se foi’... E para concluir vê-se que no centro do interesse parental não está a criança. Está o narcisismo”¹⁴⁸.

¹⁴⁷ *Seminário I, Os escritos técnicos de Freud*, p. 148.

¹⁴⁸ CABAS, A. G., *A função do falo na loucura*. Campinas, Papyrus, 1988, p. 46.

Um dos desdobramentos mais importantes do estágio do espelho será o momento inicial em que o sujeito constitui um eu a partir de sua identificação com o Outro. Em *Sobre o narcisismo*, Freud mostra o eu como *lugar* de investimento libidinal. Lacan não faz mais do que tirar a consequência: o eu é um *objeto*¹⁴⁹. Além disso, Lacan situa o eu como consequência do estágio do espelho e, portanto, o eu passa a ser visto como uma função imaginária. É em *O estágio do espelho como formador da função do eu*¹⁵⁰, texto capital, que Lacan aponta a relação dessa etapa com a constituição do eu. E uma das formalizações dessa teorização será o esquema L, apresentado no *Seminário II, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*.

Ora, uma das principais teses da psicanálise é o descentramento do sujeito em relação ao eu. Na obra de Freud isso se torna cada vez mais evidente, ficando explícito na segunda tópica. O eu, de início, não é uma unidade controladora dos impulsos do indivíduo, não é a instância onde está o caráter e a personalidade, mas algo regido pelo princípio de prazer, a fim de satisfazer os impulsos do mesmo. O eu é antes entendido como um “serviçal” responsável por fazer a mediação entre o mundo exterior e os impulsos internos. Para suprir seus impulsos, o mesmo desvia uma parcela de si (de sua energia), que se volta para o mundo exterior, a realidade da percepção. Essa parcela do mesmo se constitui no eu-prazer, ainda alheio a qualquer moralidade. O eu não expressa a totalidade do ser do indivíduo, mas uma parcela dele.

No *Seminário I*, Lacan apresenta o que diz respeito ao imaginário e o estágio do espelho na relação do sujeito com a realidade. É na aquisição de uma imagem corporal imaginária frente ao real do corpo despedaçado, que o *infans* inicia uma distinção entre

¹⁴⁹ *Seminário II, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, p. 69.

¹⁵⁰ “O estágio do espelho como formador da função do eu” in *Escritos*, pp. 96-103.

eu e o mundo exterior.

Segundo Lacan, isso se dá no nível daquilo que Freud chama *Verneinung*, ou denegação, principalmente quando fala dos julgamentos de existência, afirmando se algo é ou não é. A imagem do corpo adquirida a partir da imagem do outro no estágio do espelho “dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu”¹⁵¹. Ou seja, do ponto de vista imaginário, o estágio do espelho e a construção de um eu corporal delimitam os limites do interno e externo, do eu e do outro. Uma parte da realidade pode ser entendida como não-eu ou fora de mim, enquanto outra parte da realidade, delimitada corporalmente, passa a ser eu.

A partir da constituição do imaginário, o sujeito já não se relaciona com os objetos da mesma maneira. Na discussão que Lacan faz sobre o caso Dick, de Melanie Klein, isso fica evidente: “Em Dick, vemos bem que há esboço de imaginificação (*imaginification*), se é que posso dizer isso, do mundo exterior”¹⁵². A “imaginificação”, ou seja, acessar o mundo exterior a partir do registro imaginário, possibilita que esse registro faça a mediação com o real. Tal mediação é fundamental, pois é a partir dela que se constitui a realidade, ou o que mais tarde Lacan deverá chamar de campo da realidade.

Lacan, no seu contínuo movimento de afastar a psicanálise da biologia, combate a idéia adaptacionista de instinto. Um de seus argumentos está na relação do sujeito com o imaginário e seus efeitos sobre a estruturação da realidade. Ainda trabalhando com as

¹⁵¹ *Seminário I, Os escritos técnicos de Freud*, p. 96.

¹⁵² *Seminário I*, p. 99. Continuando: “para Melanie Klein tudo está num plano de igual realidade – de *unreal reality*, como ela se exprime –, o que não permite conceber, com efeito, a dissociação dos diferentes *sets* de objetos primitivos. É que não há em Melanie Klein nem teoria do imaginário, nem teoria do ego. Cabe a nós introduzir essas noções, e compreender que, na medida em que uma parte da realidade é imaginada, a outra é real, e inversamente, na medida em que uma é realidade, é a outra que se torna imaginária”, *ib.*, p. 100.

conclusões do esquema ótico, Lacan situa a diferença da relação dos animais e do ser humano com a imagem. Para os animais, há uma correspondência entre a imagem do objeto e o objeto real. A partir dessa correspondência, ativa-se, por exemplo, o instinto sexual:

“o animal faz coincidir um objeto real com a imagem que está nele. E, bem mais, eu diria, como já está indicado nos textos de Freud, que a coincidência da imagem com um objeto real a reforça, lhe dá corpo, encarnação. Nesse momento, desencadeiam-se comportamentos que guiarão o sujeito para o seu objeto, por intermédio da imagem. No homem, isso se produz? No homem, nós o sabemos, as manifestações da função sexual se caracterizam por uma desordem eminente”¹⁵³.

Com o homem isso se dá de outra maneira. A apreensão da imagem do objeto pode *ou não* ter correspondência com objeto real e seus efeitos sobre a sexualidade podem ser os mais variados. Ora, sendo esses efeitos variados, não se pode pensar em termos de adaptação (como tampouco se pode fazê-lo no que diz respeito ao fim ou final da análise). Há algo de inadapável no ser humano, ou seja, uma constante desarmonia entre o objeto real e o objeto imaginário.

Desarmonia que já havia sido apontada por Freud, ao lidar com o desamparo e com a pulsão de morte. O sintoma neurótico, a crise psicótica ou a transgressão perversa não são senão facetas dessa desarmonia. A relação desarmônica do sujeito com a realidade culminará, em Lacan, na determinação do estatuto do sujeito em relação ao objeto, produzindo assim uma teoria que dá precisão aos conceitos de necessidade, desejo e demanda, e que tem como resultados a idéia de gozo e de objeto *a*.

O objeto *a*, que inicialmente é chamado de objeto do desejo, é lido mais tarde por Lacan como objeto *causa* do desejo e possui um caráter como que “transcendental”: aquilo que é necessária condição de possibilidade do desejo, independente de qualquer

¹⁵³ *Seminário I*, p. 161.

objeto empírico.

Voltando ao esquema ótico, o que Lacan apresenta aqui é que não havendo uma correspondência direta entre o objeto real e sua imagem, cria-se essa desarmonia. Além disso – e não menos importante –, a imagem do objeto *media* a relação do sujeito com o objeto real. A realidade do objeto não se confunde, então, com o real do objeto. Trata-se acrescentar a relação com o simbólico:

“O que é uma ligação simbólica? É, para colocar os pingos nos iis, que socialmente nós nos definimos por intermédio da lei. É da troca dos símbolos que nós situamos uns em relação aos outros nossos diferentes eus – você é você, Mannoni, e eu, Jacques Lacan, e estamos numa certa relação simbólica que é complexa, segundo os diferentes planos em que nos colocamos, segundo estejamos juntos no comissariado de polícia, juntos nesta sala, juntos em viagem. Em outros termos, é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário. A distinção é feita nessa representação entre o *deal-Ich* e o *Ich-Ideal*, entre o eu-ideal e o ideal de eu. O ideal de eu comanda o jogo das relações de que depende toda a relação com outrem. E dessa relação com outrem depende o caráter mais ou mesno satisfatório da estruturação imaginária”¹⁵⁴.

Há três registros de organização da realidade: o imaginário, o simbólico e o real. O real, inapreensível, só pode ser captado a partir do registro imaginário. Já o imaginário tem sua organização atravessada pelo registro simbólico, que se impõe como lei.

O que podemos assinalar até aqui em relação ao sujeito no que tange ao estágio do espelho é:

1. o sujeito se organiza a partir da imagem do outro;
2. o sujeito se organiza a partir dos significantes que o Outro lhe nomeia;
3. a relação é especular com o Outro.

Mas, como resultado da constituição do eu primário, assim concebido, se

¹⁵⁴ *Seminário I*, p. 165.

instaura o processo de alienação. O sujeito se aliena na imagem do outro, clivando-se pela primeira vez. A imagem do outro não resume a totalidade do ser do sujeito e ao fazer uma exercício de síntese, que se revela na assunção do eu, sempre algo se perde, é apagado. O sujeito se situa num outro lugar que não na imagem do outro: o eu está necessariamente alienado do sujeito.

No processo de alienação, a criança assume a imagem corporal do outro, constituindo um esquema corporal próprio e ao mesmo tempo se assume enquanto nomeada pelos significantes do Outro. Segundo Fink, trata-se de uma escolha e nesse processo a criança pode “optar” pela psicose, “vencendo” essa “imposição” do Outro¹⁵⁵. Já no caso da “opção” da criança ser no sentido de se alienar no Outro, ele “aceita” a inscrição simbólica que o Outro lhe oferece¹⁵⁶.

Nessa posição de assujeitamento, a criança está alienada, presa aos desígnios do Outro materno. Aqui se instaura a posição do sujeito como falo do Outro. O falo, antes de tudo, é um significante que está inscrito no Outro materno e rege sua cena fantasmática. Como um significante que é, o falo não pode ser identificado ao pênis: é o pênis é que ganha estatuto de objeto fálico em certos momentos.

Assim, a criança adentra o lugar de objeto fálico do Outro materno e assume essa posição ilusória. Dessa maneira, o falo se caracteriza enquanto imaginário quando articulado pela criança na identificação imaginária com o falo da mãe, mas é ainda um significante para o Outro materno, portanto, simbólico¹⁵⁷.

¹⁵⁵ FINK, *O sujeito laciano*, op. cit., pp. 71-72.

¹⁵⁶ Note-se: a “escolha” é “forçada”, uma contradição em termos, pois “escolher” a psicose salva da alienação, mas não livra do assujeitamento. Tal “escolha” não é ato volutário (não há um sujeito capaz de escolha), mas uma possibilidade, não marcada, de pender para um ou para outro lado.

¹⁵⁷ Cf. FARIA, *Constituição do sujeito...*, op. cit., p. 56-57.

Nessa circunstâncias, a mãe é tida como onipotente pela criança, podendo, portanto, privá-la ou não de seu dom. Leia-se Lacan:

“Correlativamente produz-se uma inversão da posição do objeto. Enquanto se trata de uma relação real, o seio, por exemplo, pode ser considerado como se quizer. Em contrapartida, a partir do momento em que a mãe vira potência e, como tal, real, é que é dela que manifestamente depende, para a criança, o acesso aos objetos. O que acontece? Estes objetos que eram, até então, pura e simplesmente objetos de satisfação, tornam-se, por conta desta potência, objetos de dom. [...] Os objetos que a criança quer reter consigo não são mais tanto objetos de satisfação, e sim a marca do valor desta potência que pode não responder”¹⁵⁸.

O dom é o estatuto do objeto quando ele deixa de ser visto apenas como objeto de satisfação e passa a ser objeto de demanda de amor da criança. O dom está articulado à ilusão do Outro onipotente, ou seja, não faltoso. Até então, a inscrição da falta sobre a criança se dá em termos reais, no campo da necessidade, que, não obstante, recebe como resposta uma significação do Outro. Aos poucos, o grito de necessidade se torna demanda, que envolve não só o objeto de satisfação, mas a demanda de amor. Ou, como diz Joël Dor:

“a criança está irredutivelmente inscrita no universo do desejo do Outro, na medida em que é cativa dos significantes do Outro. Ao ‘repouso orgânico’ do corpo da criança, a mãe responde através de gestos, através de palavras que serão para a criança fonte de um repouso prolongado. Esta resposta é, exatamente, o que fará a criança *gozar*, para além da satisfação da necessidade. Neste sentido, pode-se circunscrever o lugar da satisfação global onde o a-mais de gozo suportado pelo amor da mãe vem apoiar-se na satisfação da necessidade propriamente dita. É somente nesse momento da experiência de satisfação que a criança passa a ter condições de desejar pela mediação de uma demanda endereçada ao Outro”¹⁵⁹.

A resposta da mãe à necessidade da criança implica num para além da necessidade que se torna a fonte da demanda infantil, respondendo ao desejo do Outro. O desejo da mãe se sobrepõe à pressão da necessidade, substituindo-a e a criança se vê

¹⁵⁸ *Seminário IV, A relação de objeto*, p. 69.

¹⁵⁹ DOR, J., *Introdução à leitura de Lacan*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1992, Trad. de C. E. Reis, p. 145.

na posição de responder a esse desejo na medida em que está identificada ao falo da mãe. O campo da necessidade orgânica não se inscreve senão em termos imaginários e simbólicos. Se algo desse campo escapa a essa inscrição, podemos entendê-lo como efeitos do registro real.

O dom ainda não aparece para a criança como objeto fálico pois não se pressupõe a falta no Outro. O Outro é onipotente e pode ou não dar o dom à criança. É isso que Lacan chama de frustração. Como diz Faria, “na frustração, a criança não concebe a dimensão de uma falta no Outro. O Outro do dom é aquele que dá ou recusa. Ou a criança recebe do Outro o que a satisfaz, ou não recebe, e o fato de não receber não tem para a criança efeito que não seja o de uma não-satisfação provisória”¹⁶⁰.

3. A falta

A falta é um dos operadores chaves de Lacan, tanto clínicos quanto teóricos¹⁶¹. Na leitura da obra de Freud, serve para aglutinar diversos fenômenos da clínica. A falta é um conceito trabalhado ao longo de toda obra de Lacan e está na base da idéia de pulsão e objeto *a*. Permite também a compreensão da angústia e é elemento fundamental na estruturação do sujeito.

O problema é que a falta, tal qual o inconsciente freudiano, não pode ser percebida senão pelos seus efeitos, embora seja condição do entendimento de tais efeitos. A falta se instaura pela necessidade do homem se constituir a partir de uma relação intersubjetiva. Nesse processo, “algo” aparece como perdido e deve ser reencontrado. No entanto, nada se perdeu, portanto, o que deve ser (re)encontrado nunca foi antes do sujeito. Instala-se no sujeito uma falta que não se inscreve

¹⁶⁰ FARIA, *Constituição do sujeito...*, op. cit., p. 68.

¹⁶¹ Tanto que chama a atenção que no *Dicionário* de Kaufmann falte o verbete *falta*.

subjetivamente a não ser em termos metafóricos.

Sendo a falta efeito da dependência intersubjetiva do sujeito humano, ela é gerada pela linguagem. O “algo” que se perde, se dá por intermédio da linguagem, que deixa um resto de não-significação. A falta só pode ser dita a partir do significante que, contudo, nunca a circunscreve por completo. A tradicional imagem de um vaso, que Lacan usa no *Seminário X*, é ilustrativa. Um vaso é, antes de tudo, um vazio, uma falta bordeada por seus contornos, “o que me importa”, diz Lacan, “é a borda”¹⁶². A falta se revela como o “motor” do sujeito e causa do seu desejo:

“O desejo é uma relação de ser com falta. Esta falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe. Esta falta acha-se para além de tudo aquilo que possa apresentá-la. Ela nunca é apresentada senão como um reflexo num véu”¹⁶³.

A falta, durante o *Seminário II*, será trabalhada em sua relação com o desejo. Em praticamente todo o *Seminário III, As psicoses*, Lacan situa a psicose como efeito da falta de um significante que organize a cadeia significante, o significante do Nome-do-Pai. Inicialmente o termo *falta*, nesse caso, se presta ao uso coloquial, de ausência, contudo, podemos pensar que o significante do Nome-do-Pai é justamente aquele que é simbolizado como metáfora da falta no Outro, permitindo aprender o termo falta em seu sentido conceitual.

No *Seminário III*, já está esboçada essa articulação, quando Lacan aponta para a falta imaginária do falo na mãe¹⁶⁴, mas é só no ano seguinte, no *Seminário IV, A relação de objeto*, que Lacan aprofunda os aspectos da relação da criança com o Outro materno que é atravessada pelo significante fálico. A falta passa a ser vista não como exatamente

¹⁶² *Seminário X, A angústia*, p. 108.

¹⁶³ *Seminário II, O eu na teoria de freud*, pp. 280-281.

¹⁶⁴ *Seminário III, As psicoses*, p. 358.

uma falta de significante, mas como a falta do objeto. No que tange à realidade, Lacan é taxativo: “jamais, em nossa experiência concreta da teoria analítica, podemos prescindir de uma noção de falta do objeto como central. Não é um negativo, mas a própria mola da relação do sujeito com o mundo”¹⁶⁵.

Como Freud, Lacan determina o que condiciona a relação do sujeito com o mundo externo: o objeto, mais precisamente a *falta* do objeto.

No processo de constituição do sujeito, a criança se inscreve como o objeto que falta à mãe, portanto objeto fálico. E a partir do assujeitamento a essa condição que a criança também passa a sentir os efeitos da falta.

O primeiro nível dessa falta é a frustração, que é tida como uma falta imaginária e que tem como agente a mãe. Para Lacan, o objeto nesse caso é um objeto real. A frustração se instaura como um dano imaginário, de algo que se deseja e não se tem¹⁶⁶. O que a criança demanda aqui é então o que configura como o dom materno.

Mas a falta ganha nova dimensão quando a criança tende a superar o primeiro tempo do Édipo¹⁶⁷. Nesse primeiro tempo, o que podemos pensar em termos da realidade?

- 1º. A realidade não é o sensível mas a organização que se estabelece sobre o sensível;
- 2º. essa organização se dá necessariamente via a mediação de uma relação intersubjetiva;
- 3º. nessa mediação, se estabelece o registro imaginário, calcado na imagem do Outro;
- 4º. o imaginário é o primeiro registro de organização da realidade humana enquanto tal mas é atravessada pelo simbólico que incide, ainda, sobre o Outro.

¹⁶⁵ *Seminário, IV, As relações de objeto*, p. 35.

¹⁶⁶ *Seminário IV*, ib.

¹⁶⁷ A idéia de “superação” se encontra no próprio Lacan. Cf. FARIA, *Constituição do sujeito...*, op. cit., p. 61.

Assim, a realidade do *infans* se dá em três pontos chaves: a relação com o Outro, que a situa tanto imaginariamente (estádio do espelho), quanto simbolicamente (significantes que vem do Outro), e se organiza na inter-relação entre o significante fálico e a falta.

4. A significação do falo

A “superação” da etapa lógica anterior também é ocasionada dentro da relação da criança com o Outro. Não se trata da criança se “desenvolver” para uma etapa seguinte mas de certas condições balisadas pelos fantasma do Outro materno.

O segundo tempo do Édipo pressupõe a entrada do terceiro termo (o pai) na relação dual da criança com a mãe, sem que, contudo, deva significar a presença concreta do pai. O pai entra como função significante que só tem conseqüências a partir do desejo da mãe.

O principal advento desse tempo lógico é que a mãe se mostre como um Outro no qual também incide a falta, ou seja, um Outro faltante, que se opõe ao Outro onipotente do primeiro tempo do Édipo. Posicionar-se enquanto um Outro faltante resulta no fim da identificação da criança com o falo e propõe uma questão: se eu não sou o falo, onde incide o desejo de minha mãe?

Antes de tudo, é importante situar melhor o que é o significante fálico, pois, como diz Quinet, “o falo é o significante que permitirá ao sujeito atribuir significações a seus significantes, é o significante que, por excelência, permite ao sujeito situar-se na ordem simbólica e na partilha dos sexos como homem ou mulher”¹⁶⁸.

Vejamos *A significação do falo*. Lacan inicia o texto pontuando a centralidade

¹⁶⁸ QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, op. cit., p. 12.

do complexo de castração, atribuindo-lhe função de nó que ao mesmo tempo que atua sobre a estruturação dinâmica dos sintomas, regula o desenvolvimento que leva à posição inconsciente do sujeito em relação ao seu tipo ideal de sexo, além de permitir que responda às necessidades do parceiro sexual e posicione-se em relação à paternidade/maternidade¹⁶⁹.

Rabinovich diz que esta não pode ser considerada uma antecipação do nó borromeano que Lacan proporá anos mais tarde, mas como indicação do ponto de cruzamento do complexo de castração, encruzilhada para qual convergem simbólico, imaginário e real¹⁷⁰.

A pergunta que daí deriva é: seria a castração ocasionada sempre por uma ameaça advinda exteriormente? Discutimos isso acima no que se refere a Freud e sabemos que mesmo ele considera isso insatisfatório. Freud lança mão do recurso à hereditariedade, evidentemente recusado por Lacan: a castração “insolúvel por qualquer redução a dados biológicos: a simples necessidade do mito subjacente à estruturação do complexo de Édipo demonstra isso claramente”¹⁷¹.

Para Lacan, a resposta só pode ser dada na clínica, na qual encontramos uma desconsideração da diferença *anatômica* entre os sexos, principalmente no que tange à outra cena. O grifo aqui incide sobre o anatômico, que é o que está em jogo. Não se trata, no entanto, de um corpo orgânico, mas de um corpo imaginário. É o que se revela principalmente na problemática da mulher e que Lacan resume em quatro pontos: 1) a mulher se considera castrada por intervenção de alguém; 2) ambos os sexos consideram

¹⁶⁹ LACAN, “A significação do falo” in *Escritos*, p. 692.

¹⁷⁰ RABINOVICH, D., “*A significação do falo*”: uma leitura. Trad. A. L. Lopes, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005, p. 9.

¹⁷¹ LACAN, “A significação do falo”, p. 693.

a mãe provida do falo, como mãe fálica; 3) a castração só ganha seu alcance como formador de sintoma no momento em que se descobre a castração da mãe e 4) estes três problemas levam à fase fálica na qual prevalece a “dominância imaginária do atributo fálico e do gozo masturbatório”, gozo que, na mulher, localiza-se no clitóris, sem que a vagina possua a significação que adquirirá, talvez, no gozo pela penetração¹⁷².

Freud sustenta, pela experiência clínica, a posição da prevalência do falo. Lacan o faz pela via do significante, traçando o campo do significante e situando que isso fala no Outro, sendo o Outro o lugar evocado pelo recurso à palavra. A idéia de lugar aqui é importante na medida em que o Outro remete ao posicionamento significante do sujeito e não exatamente a um outro, no minúsculo, no sentido do semelhante ou da imagem especular. É no Outro que o sujeito encontra seu lugar significante.

Isso posto, a definição de falo é, primeiramente, negativa. O falo não é uma fantasia, um objeto ou mesmo um órgão (como o pênis ou o clitóris). O falo é um significante: “pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”¹⁷³.

Na sequência, Lacan apresenta os efeitos do significante fálico sobre o sujeito. O primeiro deles, é o desvio das necessidades do homem por conta da fala. Por efeito da linguagem sobre o homem, há algo da ordem da necessidade que não se expressa pela demanda, em relação ao qual o sujeito encontra-se alienado. Essa alienação, efeito de um recalque primário (*Urverdrängung*), cliva o sujeito de forma que ele não pode articular esse “algo” alienado na sua demanda pela fala. Esse “algo” aparece naquilo

¹⁷² “A significação do falo”, p. 693.

¹⁷³ “A significação do falo”, p. 696-697.

que Lacan chama de desejo, que não é nem a necessidade, nem propriamente a demanda.

Lacan resgata o jogo de ausência/presença para conceituar a demanda não como a satisfação pela qual clama a criança, mas pela relação primordial que o sujeito estabelece com o Outro. O Outro se constitui como detendo a possibilidade – de acordo com seu capricho – de satisfazer a necessidade do sujeito e conceder ou não esse dom, o que é visto na verdade como prova de amor. A demanda não é de satisfação da necessidade mas está num para além disso; a demanda é de amor:

“É através disso que a demanda anula a particularidade de tudo aquilo que pode ser concedido, transmutando-o em prova de amor, e as próprias satisfações que ela obtém para a necessidade degradam-se em nada menos do que o esmagamento da demanda de amor”¹⁷⁴.

O desejo se situa no meio campo entre demanda e necessidade. A particularidade da necessidade que é abolida pela demanda deve reaparecer mas agora atravessada pela demanda de amor. É aqui que se circunscreve o desejo sexual e a relação sexual, aquilo que a demanda subtrai da necessidade que se converte em desejo.

Cria-se uma hiância tanto no Outro como no sujeito, de um “algo” que não é nem a demanda, nem muito menos a necessidade. Há a premência do desejo que não se resolve (satisfaz) sobre qualquer objeto da realidade. O desejo é o desejo do Outro ou de “algo” que não é a exata expressão do que se apresenta enquanto demanda. Revela-se aí o campo de uma falta insanável: “Essa verdade está no cerne, na vida sexual, de tudo o que há de imperfeições no campo da psicanálise. Também constitui ali a condição de felicidade do sujeito”¹⁷⁵. A referência à *imperfeição* e à *felicidade* revelam o alcance do que Lacan busca mostrar sobre o falo. O significante fálico se torna o significante que

¹⁷⁴ “A significação do falo”, p. 698.

¹⁷⁵ “A significação do falo”, p. 699.

nomeia essa hiância apontada pelo desejo e nunca resolvida pela demanda. A felicidade, objeto de estudo de Freud em *O mal-estar na cultura*, é condicionada pela ilusão da obtenção do falo.

A demanda se articula a partir das regras de organização do inconsciente, o deslocamento e a condensação, e nesse jogo, metafórico e metonímico, nunca se pode nomear o objeto tal como deve ser (mesmo porque, é um objeto inexistente). “O falo é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do logos se conjuga com o advento do desejo”¹⁷⁶. Ou seja, o falo, como significante, pertence ao universo simbólico, portanto se configura como a marca principal da relação do sujeito com o significante. Mas o falo também dá roupagem ao objeto, mesmo que exerça sua função velado, em suspensão. O falo é assim, o significante do desejo do Outro, que se articula de determinadas formas para o sujeito, de acordo com sua posição, seja masculina ou feminina.

Desde Freud, o indivíduo ingressa na realidade por conta da perda do objeto. A realidade factual é levada em consideração por conta da relação do sujeito com a falta e com o Outro. O falo se configura como o significante que se mantém nesse meio campo, entre o desejo do Outro e a falta. De início, a criança é revestida da significação fálica pelo Outro primordial, mas em sua operação significante ele desliza, recaindo sobre o pênis, o pai, ou o bebê ou qualquer outro objeto. É nesse deslizamento desse significante fundamental que se estrutura parte do campo da realidade.

5. A castração

O falo entra em evidência no jogo simbólico principalmente no momento em

¹⁷⁶ “A significação do falo”, p. 699.

que a identificação fálica da criança cai. A criança, identificada ao falo, não se pergunta onde se situa o desejo da mãe. Ora, na medida em que a mãe se revela faltosa, ou seja, um Outro desejante, o falo enquanto significante se ausenta, é velado. Ele se torna o x da pergunta que a criança faz em relação ao desejo da mãe:

“A demanda de amor só pode padecer de um desejo cujo significante lhe é estranho. Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro, por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar o que ele pode *ter* de real que corresponde a esse falo, pois o que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse”¹⁷⁷.

Essa passagem, segundo Lacan, em que a criança se dá conta da falta e do desejo no Outro, tem efeitos cruciais. Primeiramente é ponto chave na distinção entre as estruturas clínicas, a neurose, a perversão e a psicose. O sujeito psicótico opta por forcluir o que é da ordem da falta no Outro, enquanto o perverso denega (ou desmente).

A falta que incide sobre o Outro é da ordem da privação, que se dá como um furo na realidade e tem um objeto simbólico. O agente é o pai imaginário. Para avançarmos aqui é importante resgatar a introdução do jogo simbólico, a ausência e presença.

Desse estado de assujeitamento total, de ausência de sujeito para a criança que está num estado de puro ser, o bebê deve passar por certas etapas lógicas para vir a se constituir como um sujeito. Uma destas etapas é a que Lacan chama de *separação*. Grosso modo, o *infans* sairá do estado de fusão com o Outro materno para se subjetivar como algo separado. Lacan relembra o jogo de *fort/da* do neto de Freud¹⁷⁸. O jogo explicita a relação ausência/presença que possibilita a separação do *infans* do Outro materno. O que o pequeno neto de Freud exercia nesse jogo é justamente a separação do

¹⁷⁷ “A significação do falo”, pp. 700-701. Ênfase do autor.

¹⁷⁸ *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais de Psicanálise*, p. 63.

Outro materno, mas assumindo a posição ativa do pólo. O jogo de ausência/presença da mãe se organiza dentro do campo simbólico e também como pura diferença significativa.

Mas a mediação do outro na constituição do sujeito se dá não só pelo registro simbólico, mas também no campo do registro imaginário. No *Seminário I*, Lacan situa o corpo como da ordem do real e localiza o desejo a partir daí:

“É num movimento de báscula, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo. Da mesma forma, tudo o que está, então, nele no estado de puro desejo, desejo originário, inconstituído e confuso, o que se exprime no vagido da criança. É invertido no outro que ele aprenderá a reconhecê-lo. Aprederá, porque não aprendeu ainda, enquanto não colocamos em jogo a comunicação”¹⁷⁹.

O jogo de ausência/presença, que se articula como puro jogo significativo, produz uma inscrição simbólica na criança que inicia a organização de um determinado campo. Se para Freud esse jogo é a base da constituição do eu e do processo de distinção entre interioridade e exterioridade, para Lacan ele é uma resposta que situa a criança dentro do jogo simbólico. O que produz é ao mesmo tempo o início da relação da criança com o Outro materno.

O jogo não inscreve a criança na totalidade da ordem simbólica, mas possibilita que ela simbolize uma relação advinda do registro real. Se no real não há fissuras e nem temporalidade, não há atribuição de sentido em termos do retorno da mãe, a criança se vê diante de um real desamparador. Ao se produzir um jogo simbólico, a ausência do Outro materno possibilita antecipar a presença. Claro que esse jogo só se estabelece se há resposta do Outro frente à vocalização da criança como um chamado. A vocalização infantil já se situa num outro contexto que não no do grito, no chamado que tem valor de signo.

A criança o vivência de diversas formas (*fort/da*, *peek-a-boo*, *cadê?/achô!*),

¹⁷⁹ *Seminário I*, p. 197.

produzindo uma simbolização primordial¹⁸⁰ da ausência da mãe. A criança estabelece uma simbolização primária que será matriz para o deslizamento significante. Essa ausência produz sobre a criança a interrogação em relação sobre onde incide o desejo da mãe. Se o Outro materno não está presente todo o tempo, é em algum outro lugar, diverso da criança, que seu desejo recai. Abre-se uma lacuna no que antes era uma totalidade, o que precipita a queda da identificação imaginária da criança com o falo da mãe. O que Lacan aponta aqui é a percepção da castração sobre a mãe.

Segundo Faria, “no segundo tempo, trata-se da privação materna no sentido de que a mãe, antes percebida como Outro onipotente, passa a ser um Outro marcado pelo desejo, pela falta”, ressaltando-se o momento em que a castração adquire tal valor para a criança¹⁸¹.

Temos, claro, uma atribuição de sentido. Se até o momento o pai é visto como um agente intrusor, que frustra a criança tirando-a da mãe, agora ganha outro estatuto. Num primeiro momento, o pai, em sua função, priva a criança da mãe e é nele que incide o deslocamento do falo. A criança, diante da queda da identificação com o falo, desliza a significação fálica para outro lugar. Esse pai, que é assumido enquanto um terceiro na relação mãe-criança, ocupa, também, o lugar do Outro, detentor do falo.

“Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto que o Outro tem ou não tem”¹⁸².

O simbólico, representado pelo pai, advém para suturar a falha aberta no imaginário com o advento da castração do Outro primordial. Torna-se o representante

¹⁸⁰ *Seminário V, As formações do inconsciente*, p. 195.

¹⁸¹ FARIA, *Constituição do sujeito...*, op. cit., pp. 61-63.

¹⁸² *Seminário V, As formações do inconsciente*, p. 199.

da lei que interdita a criança ligando essa interdição à lei simbólica da proibição do incesto. “Nesse sentido, é a criança que interpreta a hiância na relação com a mãe – a privação materna – remetendo-a ao pai, o que faz do pai *não a interdição em si, mas a atribuição de uma interdição*”¹⁸³.

Há então o primeiro processo de deslocamento significante, onde o desejo-da-mãe, significante da dúvida da criança, é substituído pelo Nome-do-Pai, num processo que não precisa ser visto como outra forma que não uma metáfora.

A metáfora paterna se refere ao complexo de castração de Freud¹⁸⁴ e inicia o terceiro tempo do Édipo. Na segunda etapa do Édipo, o pai vira o suporte daquele que detém o falo no qual está situado o desejo da mãe. O pai aqui ainda detém as características de um pai privador e onipotente, mas no terceiro tempo ele se modifica, tornando-se doador do falo à mãe¹⁸⁵. Ele se torna suporte da identificação secundária da criança na medida em que a criança passa da posição de *ser* o falo para *ter* o falo. Nessa identificação, o pai se mostra como modelo que será base para a constituição do ideal de eu, “cuja matriz simbólica é o significante do Nome-do-Pai”¹⁸⁶.

No terceiro momento há a entrada, através da identificação e da substituição metafórica do desejo-da-mãe pelo Nome-do-Pai, da criança no registro simbólico organizado pela Lei simbólica.

Tudo gira em torno do mesmo: a falta. A castração aparece como um nó no qual convergem simbólico e imaginário, ligando-se à invasão do real. Nesse processo de entrada no simbólico, a criança se protege, se defende. Se defende do quê? Do real da

¹⁸³ FARIA, *Constituição do sujeito...*, op. cit., p. 72.

¹⁸⁴ *Seminário V*, p. 204.

¹⁸⁵ *Seminário V*, p. 200.

¹⁸⁶ QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, op. cit., p. 13.

falta, que não se inscreve. A falta ganha contornos a partir da construção fantasmática possibilitada pela castração. A castração, mediada pelo significante fálico, é, antes de tudo, uma fantasia.

Tanto o menino como a menina dão sentido à falta na cena recalcada de castração: a fantasia feminina situa a falta como a ausência do pênis, substituto simbólico do falo; o menino significa a falta como a interdição de incesto sob o risco da castração. Lacan aponta que a castração, mesmo em sua função de nó, é ainda um processo imaginário:

“Apesar de profundamente ligada à articulação simbólica da proibição do incesto, a castração manifesta-se, portanto, em toda a nossa experiência, e particularmente, nos que são seus objetos privilegiados, ou seja, os neuróticos, no plano imaginário”¹⁸⁷.

Sendo a castração tomada como da ordem do imaginário, ela deve ser entendida em seu aspecto fatasmático. Como fantasia, coloca em jogo a idéia de desejo que intermedia a relação do sujeito com o objeto.

Desta breve descrição dos três tempos do Édipo segundo Lacan, podemos chegar a algumas conclusões sobre a realidade. O significante do Nome-do-Pai opera como um ponto de basta na cadeia significante, portanto tem efeito de chave de significação.

A realidade é composta a partir da articulação entre o simbólico e o imaginário, entre imagens e significantes. Mas o universo da linguagem atua sobre o sujeito de tal forma que há um resto que fica de fora do simbólico. Esse resto, que se presentifica, por exemplo, enquanto falta, não cessa de não se inscrever, como Lacan o diz, mas tem também como conseqüência por em andamento o simbólico e o imaginário. Lacan insiste na idéia freudiana de perda de um objeto e no fato de que o sujeito nunca encontra esse objeto na realidade. O princípio de realidade, segundo Lacan, é isso: o

¹⁸⁷ *Seminário V*, p. 175.

objeto não está lá. A criança não é o objeto da mãe, a mãe não é o objeto da criança e o objeto nunca se encontra. O que se encontra são deslizamentos significantes deste objeto, que ganham a significação de objetos de satisfação. Para que se tenha a realidade organizada como tal, deve-se supor uma perda irremediável, que coloca em cena, o traumático e o desamparo.

O simbólico e o imaginário se constituem como suporte que sustenta o sujeito frente à falta desse objeto de satisfação. Onde, em primeiro lugar, esse objeto se presentifica, é na fantasia.

O campo da realidade será condensado por Lacan no esquema R.

CAPÍTULO IV: O CAMPO DA REALIDADE

1. O esquema L e o esquema R

Após três anos de seu seminário sobre as psicoses, Lacan retoma o tema, introduzindo novidades apresentadas no texto *De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose*, desenvolvimentos importantes principalmente no que tange à constituição do sujeito e em sua relação com o Outro.

No *Seminário II*, Lacan apresentara o esquema L, que será retomado através da introdução de um novo triângulo, que produzirá uma figura topológica podendo ser vista como uma banda de Moebius. Banda que será chamada por Lacan de *campo da realidade*.

Soler faz um levantamento da questão da percepção para Lacan, mostrando que todos os trabalhos sobre a percepção anteriores à Psicanálise têm algo em comum, que faz Lacan refutá-los ao mesmo tempo: nenhum consegue uma explicação satisfatória do fenômeno da alucinação¹⁸⁸. Para Lacan, as teorias da percepção precedentes discutem as modificações de identidade do *percipiens* (sujeito da percepção), mas não colocam em jogo o *perceptum* (objeto percebido). Segundo certas correntes, a “diversidade estrutural do *perceptum*” só atinge no sujeito o *sensorium*, os órgãos perceptivos¹⁸⁹.

Segundo Quinet, Lacan estaria criticando a teoria da percepção de Husserl: “se,

¹⁸⁸ SOLER, C., *Inconsciente a céu aberto da psicose*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2000, pp. 25-28.

¹⁸⁹ LACAN, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” in *Escritos*, p. 538.

para a Fenomenologia, o *percipiens* é uno e o *perceptum* é unívoco, Lacan mostrará que, devido à estrutura de linguagem que condiciona tanto o sujeito da percepção quanto o percebido, o *percipiens* é dividido e o *perceptum* é equívoco”. A idéia de que a realidade é mediada pelo simbólico se torna mais forte. Quinet continua: “O *perceptum* é ambíguo, equívoco pois é estruturado pelo simbólico, tendo portanto a equivocidade do significante”¹⁹⁰.

Sabemos que o significante comporta em si a característica de não estar ligado de maneira inalterável a um significado. Os significantes, como aqueles que nomeiam os dados da percepção, são também material que se presta à atribuição de sentido. O que organiza a realidade perceptiva é da ordem do significante, portanto estruturado a partir do simbólico.

É próprio do significante a dubiedade, ou seja, a não aderência definitiva a um sentido, de tal forma que através dele é possível o jogo de duplo sentido, o equívoco, o engodo. Se o significante organiza o *perceptum*, não se pode pensar em unidade, pelo contrário, o objeto pode se inscrever em diversos sentidos. Além disso, o que está em jogo na mediação entre o *percipiens* e o *perceptum* é a relação com o Outro¹⁹¹, que Lacan descreve com o esquema L.

O uso de esquemas, matemas e construções topológicas é necessário. Miller oferece uma explicação para o recurso topológico: Lacan se vê obrigado a caminhar para além da metaforização possível da linguagem, uma vez que lida com um campo que está, justamente, para além da linguagem, o registro do real:

“Até em *L'étourdit* e mais adiante, no que se refere a essa espacialização, encontramos o mesmo movimento: recusa da metáfora e implicação da estrutura até que se coloque seu problemático status de ‘real’. Esse

¹⁹⁰ QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, op. cit., pp. 46-47.

¹⁹¹ “De uma questão preliminar...”, p. 555.

movimento é constante em Lacan: onde só se poderia ver uma metáfora, ele reinstalou a estrutura que a sustenta e, em seu terceiro tempo, propõe que essas estruturas se relacionam com o próprio real que está em jogo”¹⁹².

Lacan pretende atingir o que há de mais elementar dentro de um fenômeno, isolando a estrutura desse fenômeno. Os matemas e esquemas podem assim transcender o fenômeno no que tem de empírico. Assim, toda fantasia pode ser entendida pelo mesmo matema: $S \leftrightarrow a$. O conteúdo da fantasia, qualquer que seja, implica sempre nessa mesma estrutura elementar, invariável. O mesmo tipo de movimento pode ser encontrado muitas vezes em Freud, as duas tópicas seriam exemplos disso.

O esquema L pode ser entendido a partir de duas matrizes que não se excluem. Primeiro, enquanto uma passagem lógica necessária para que o *infans* constitua um eu, moldado a partir da demanda do Outro, ou como aponta Quinet, “a forma mais simplificada do estágio do espelho”¹⁹³, e que constitui o registro do imaginário. Lacan estabelece algo da ordem de um sistema de comunicação que serve de base para a construção do registro imaginário sustentado pelo Outro. Mas o esquema L não diz respeito só a uma passagem de desenvolvimento que deve ser ultrapassada e deixada de lado. O sistema de comunicação ali proposto por Lacan permanece como chave de compreensão da estruturação do sujeito, mesmo após sua entrada no registro do simbólico.

O esquema L se presta a formalizar diversos fenômenos clínicos e cotidianos unificados pela relação do sujeito com o Outro e também marca a constituição do eu a partir da imagem do semelhante.

Em *Questão preliminar*, Lacan apresenta cada um dos elementos que compõe o

¹⁹² MILLER, J.-A., *Matemas I*. Trad. de S. Laia. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996, p. 75.

¹⁹³ QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, op. cit., p. 47.

semelhante. Nesse chamado de verificação de sua existência a partir do Outro, Lacan evidencia três significantes a partir do complexo de Édipo¹⁹⁷. Ou seja, sobrepõe o Édipo ao esquema L de forma a construir o triângulo imaginário que comporá o esquema R. O triângulo edípico é constituído por três elementos que sustentam a relação dual: a mãe (m), a criança (i) e o falo (ϕ). Aqui, Lacan recupera o que desenvolvera durante os *Seminários IV e V* sobre a relação da criança com o Outro materno: na composição do registro do imaginário, a criança inicialmente é um sujeito que está identificada ao falo que supre a falta no Outro.

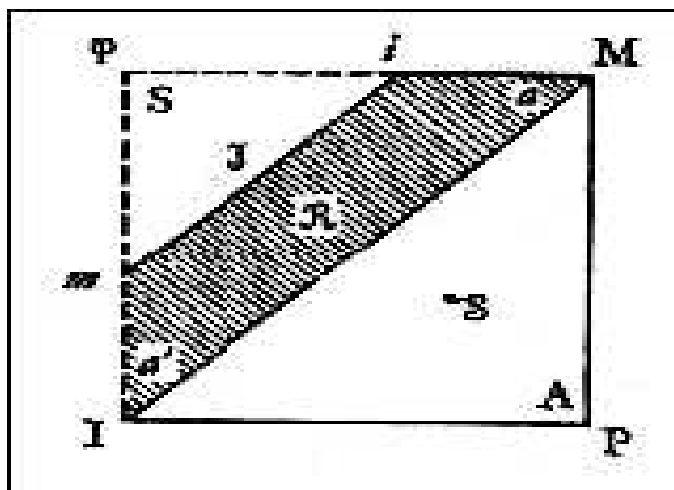
Dessa situação, a criança aos poucos, se volta para questões que, segundo Joël Dor, são da ordem da realidade:

“Por um lado, a criança mostra-se cada vez mais sensível ao interesse que a mãe dedica ao pai *na realidade*. Por outro, ela desenvolve a convicção de que jamais chegará a ser tudo para o Outro na realidade de sua existência. A repetição dessas experiências reais vai suscitar, progressivamente, na criança, certas correlações significantes”¹⁹⁸.

Tais correlações significantes são os deslocamentos que a criança faz de seus objetos e de sua própria posição. A identificação com o falo cai e o pai assume a posição de agente intrusor que detém o falo podendo dá-lo ou não à mãe, que é significada agora como Outro castrado, faltoso. Esse processo, já vimos, leva o sujeito à castração e à entrada no registro simbólico. O sujeito passa a se guiar a partir da Lei simbólica, socializada, que não advém do capricho do Outro onipotente, tal como é o Outro materno.

¹⁹⁷ “De uma questão preliminar...”, p. 557.

¹⁹⁸ DOR, J., *Introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. C. E. Reis. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992, p. 12.



Para compor o esquema R, Lacan liga o triângulo imaginário ao triângulo simbólico composto pelos vértices P (Nome-do-Pai), M (objeto primordial) e I (Ideal do eu), fechando o esquema R. “Podemos apreender como o aprisionamento homológico da significação do sujeito em S sob o significante do falo pode repercutir na sustentação do campo da realidade, delimitado pelo quadrilátero MimI”¹⁹⁹.

Joël Dor afirma que o campo da realidade (ou faixa da realidade) será denominado posteriormente por Lacan como o real. Já para Nasio, a posição de Lacan no momento em que monta o esquema R é entender o campo da realidade e não do Real. Além disso, o esquema R se presta mais à compreensão da realidade na psicose do que na neurose²⁰⁰.

Suspeitamos que a idéia de Dor diga respeito a uma nota de rodapé que Lacan acrescenta em 1966, introduzindo nada menos do que o objeto *a*: “é interessante localizar nesse esquema R o objeto *a*, para esclarecer o que ele traz para o campo da

¹⁹⁹ “De uma questão preliminar...”, p. 559.

²⁰⁰ NASIO, J.-D., *Psicossomática: as formações do objeto a*. Trad. F. Lequerc e M. Kertzman. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993, pp. 14-15.

realidade (campo que o barra)”²⁰¹. Logo de início podemos apontar duas considerações. Primeiro, o campo da realidade *sofre* a interferência do objeto *a*; segundo, o campo da realidade *barra* o objeto *a*. Desta forma, estabelecer uma equivalência entre o campo da realidade e o real parece ser prematuro.

O objeto *a* é considerado por Lacan como sua principal descoberta para a psicanálise. Ele é consequência da articulação entre as relações de objeto e a teoria do significante. Vários conceitos convergem para o objeto *a*: a falta, a fantasia, o registro do real, o significante fálico, as relações objetais.

Freud manteve sempre em jogo um objeto perdido que deveria ser (re)encontrado, mas que nunca fora de fato perdido. No *Seminário IV*, Lacan avança nesse sentido situando a falta a partir do jogo entre necessidade, demanda e desejo e as consequências disso sobre o sujeito: a frustração, a privação e a castração. Já no *Seminário VII*, vai, aos poucos, para o mais além da linguagem, principalmente no que tange à teoria do gozo, e traz a tona o conceito freudiano de *das Ding* (que não é o mesmo que objeto *a*). O registro do real ganha cada vez mais espaço em sua fala e, por fim, no *Seminário VIII* é introduzida a idéia de *agalma*²⁰², aquele “quê a mais” que não se sabe definir, considerado por Lacôte como o ponto pivô da conceituação do objeto *a*²⁰³.

O objeto *a* surge no *Seminário IX* e será desenvolvido no seminário seguinte, justamente o seminário sobre a angústia. O objeto *a*, é, num determinado momento, tomado como objeto do desejo, mais tarde será visto como o objeto *causa* do desejo. O

²⁰¹ “De uma questão preliminar...”, p. 559, n. 16.

²⁰² *Seminário VIII, A transferência*, pp. 139-165.

²⁰³ LACÔTE, C., “Agalma” in KAUFMANN, P., org., *Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Trad. de V. Ribeiro e M. L. X. Borges. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996, p. 15.

objeto *a* é um objeto que existe enquanto ausência, enquanto falta. Mas o que nos importa é sua introdução tardia no texto *Questão preliminar*. Nasio considera “que o esquema R é o conjunto das condições do objeto *a*”²⁰⁴, enquanto Darmon avisa que o objeto *a* não pode ser visto no esquema R, mas tão só seus reflexos²⁰⁵.

Lacan continua a nota lembrando outro conceito fundamental, a fantasia²⁰⁶. A fantasia é o que obtura o campo da realidade. É o elemento base, que está na intermediação entre o objeto *a* e o próprio campo da realidade. A fantasia aqui referida é da ordem das fantasias fundamentais, tais como a cena de sedução, a cena primária e, principalmente, a fantasia de castração. O campo da realidade se configura para Lacan como o “lugar tenente” da fantasia, ao qual o corte da banda fornece a estrutura²⁰⁷. Fantasia e objeto *a* são tomados por Lacan como figuras heterogêneas ao qual ele dá um algoritmo: $\$ \langle \rangle a$. O campo da realidade é marcado pela fantasia de castração, que barra o sujeito, mas ao mesmo tempo lhe possibilita suportar o campo na medida em que a fantasia extrai o objeto *a*.

Optamos, pois, por uma certa interpretação: o campo da realidade não é o mesmo que o registro do Real. Nem na redação do texto, em 1956, nem na nota, em 1966, como tampouco no decorrer da obra. O campo da realidade é *afetado* e *constituído* em torno do Real.

A realidade de que Lacan trata nesse campo é que pode ser chamada de factual, de efetiva, eventualmente a realidade da percepção, que tem certas chaves de

²⁰⁴ NASIO, *Psicossomática...*, op. cit., p. 15.

²⁰⁵ DARMON, M., *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Trad. de E. do Valle. Porto Alegre, Artes Medicas, 1994, p. 116.

²⁰⁶ “... qualquer que tenha sido a insistência que desde então empenhamos para desenvolvê-lo – enunciando que esse campo só funciona ao se obturar pela tela da fantasia – isso ainda exige muita atenção”. “De uma questão preliminar...”, p. 560, n. 16.

²⁰⁷ “De uma questão preliminar...”, p. 560, n. 16.

interpretação. É nessa realidade que opera o princípio de realidade, que não é outra coisa senão a marca da não existência do objeto. O objeto mesmo está barrado pela campo da realidade, que tem em sua base formativa a fantasia de castração. Dessa forma, a realidade é, antes de tudo, psíquica, portanto se pode, a título de se compreender a lógica do funcionamento psíquico, descartar a distinção entre externo e interno, segundo os fatos da experiência clínica.

Temos uma derivação fundamental dessa nota de rodapé: a figura topológica que é proposta na nota é a banda de Moebius, cuja principal característica é ter apenas uma face. Ela se presta a Lacan como metáfora topológica da lógica do funcionamento psíquico que pode abordar a problemática freudiana do externo e interno. A banda de Moebius demonstra a posição do sujeito diante da realidade: a distinção entre externo e interno é artificial, principalmente em termos de realidade psíquica. Dunker lembra que a realidade psíquica pode ser entendida como a realidade posta em ato na transferência²⁰⁸. O que não está incluído na banda é justamente o objeto *a* que deriva de outro lugar que não a realidade psíquica, apesar de ser um dos seus determinantes. O objeto *a* é do registro do real.

Assim, no esquema R convergem os elementos da teoria lacaniana de até então no que tange a realidade: a articulação do imaginário constituído no estádio do espelho e na relação com o Outro primário a partir do primado do falo, que se torna uma das pontas do quadrado, e o registro do simbólico, sustentado pelo Nome-do-Pai e pela identificação que dará contornos ao Ideal de eu. Quinet resume:

“O esquema R representa as linhas de condicionamento do mundo percebido, enquanto linhas que circunscrevem o campo da realidade do sujeito. A realidade é condicionada pelo Simbólico, formatada pelo

²⁰⁸ DUNKER, C., “Ontologia negativa em Psicanálise: entre ética e epistemologia”, *Discurso*, São Paulo, 2007, n. 36, p. 220.

Imaginário, sustentando-se pela extração do objeto (a), o qual se encontra nem no tempo nem no espaço de nossa realidade”²⁰⁹.

Mas, antes de tudo, o esquema R busca esclarecer a realidade na psicose.

2. A psicose

A psicose é menina dos olhos de Lacan. Se Freud foi aquele que desvendou o funcionamento da neurose, Lacan foi quem se valeu dos ensinamentos freudianos para promover o mesmo avanço sobre a teoria e tratamento das psicoses.

Médico de formação como Freud, Lacan se dedica à psiquiatria, o que lhe rende um doutorado sobre a paranóia. Ainda que distante da psicanálise, parece que sua tese já marca uma tentativa de ruptura com a psiquiatria vigente. Mas o avanço em relação à psicose advém após seu mergulho e “adoção” da teoria de Freud.

Freud não se esquiva da psicose, mas estabelece uma prioridade diferente em relação à neurose. É notória sua posição de que as psicoses, chamadas também de neuroses narcísicas, não possibilitam a criação do vínculo de transferência necessários para o tratamento. Dessa forma, o estudo da psicose a partir da Psicanálise fica prejudicado, pois a pesquisa psicanalítica está intimamente ligada ao tratamento. Pesquisa e tratamento são quase uma mesma coisa. Quase. O caso Schreber nos mostra que há alternativas para seu estudo à impossibilidade transferencial da psicose.

Freud, ao descobrir a lógica inconsciente, que tem como núcleo a problemática edípica, estabelece uma chave de entendimento de diversos fenômenos, entre eles a psicose. Para análise do relato de Schreber, Freud lança mão das chaves de compreensão do funcionamento psíquico que desenvolvera até então, principalmente a premissa de que há no centro dos fenômenos patológicos um conflito entre moral e

²⁰⁹ QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, op. cit., p. 52.

desejos sexuais intoleráveis. Tal premissa permite desenvolver toda a análise do caso a luz da teoria psicanalítica.

Para Freud, existe uma lógica nos processos psicóticos, principalmente as alucinações e os delírios. Há, sem dúvida, avanços significativos na compreensão da psicose em Freud²¹⁰, mas é a partir de Lacan que a psicose ganha um estatuto especial. No *Seminário III*, Lacan afirma: “Penso que vocês já estão bastante orientados para compreender que a noção de estrutura já é por si própria uma manifestação do significante. [...]. No fim das contas, ao olhá-las de perto, a noção de estrutura e a do significante parecem inseparáveis”²¹¹.

Quinet aponta que Lacan toma a psicose como algo específico e com uma lógica própria, não como uma variação de espírito possível em qualquer pessoa²¹², como ainda hoje é vista a psicose segundo a psiquiatria. Freud apontava a psicose como uma defesa contra a homossexualidade, contudo Lacan situa a psicose em outro patamar: a psicose, assim no singular, é uma *estrutura* psíquica.

Pode-se, como faz Caligaris²¹³, apontar a função da estrutura: a estrutura é como uma forma de defesa, bem ao estilo freudiano, que possibilita ao sujeito se proteger de cair no gozo do Outro. Em outras palavras, a estrutura protege o sujeito do Real.

Uma estrutura, no seu sentido mais genérico, supõe uma construção mínima, na qual movimentar uma das partes faz com que todas as outras sejam afetadas pelo mesmo movimento. Na clínica lacaniana a estrutura implica na articulação dos três

²¹⁰ Cf. por exemplo, SIMANKE, R. T., *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo, Editora 34, 1994.

²¹¹ *Seminário III, As Psicoses*, p. 210.

²¹² QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003, p. 3.

²¹³ CALLIGARIS, C., *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

registros, o simbólico, o imaginário e o real. Nas três estruturas antevistas por Freud e estabelecidas por Lacan – neurose, psicose e perversão – encontramos um jogo entre os três registros, jogo no qual diversos conceitos se articulam de forma a possibilitar as variações estruturais, isto é, variações na forma de lidar com o significante. Assim, Lacan entende o sujeito a partir de conceitos como o de falo e castração, objeto *a* e gozo, desejo, etc. Mas nas três estruturas, retomando a interpretação de Calligaris, há um tipo de relação que diz respeito ao registro do Real. Assim, uma estrutura é uma forma do ser se situar diante de certos parâmetros.

Freud e Lacan não tratam da psicose como um déficit, como tantas vezes acontece. Lacan propõe uma abordagem diferente a partir dos registros e da teoria do significante. Todo o *Seminário III* segue nesse sentido: se a psicose não é um déficit do sujeito, suas condições estão dentro do mesmo campo que a neurose, a saber, o campo da linguagem. Assim, os mesmos operadores, mas estruturados especificamente, estão presentes no entendimento da psicose.

Quando Lacan traduz o termo freudiano *Verwerfung* por *forclusion*, põe em evidência uma das formas da psicose haver-se diante da realidade. Como aponta Quinet: “A forclusão se aplica a um fato que o locutor não considera como fazendo parte da realidade, ou seja, algo que desconsidera completamente”²¹⁴.

A forclusão talvez não seja um mecanismo exclusivo da psicose, mas é crucial na estruturação psicótica. Sabe-se que na psicose há forclusão da metáfora paterna no lugar do Outro, ou forclusão do Nome-do-Pai. A máxima lacaniana é que na estrutura psicótica está ausente o significante do Nome-do-Pai como ponto-de-estofa, ou seja, como amarra da cadeia significante. O mecanismo que leva a essa ausência é a

²¹⁴ QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, p. 15.

forclusão. Isso produz efeitos sobre o sujeito que alteram sua relação com os significantes, portanto com a própria realidade.

Tal processo evidencia a maneira como o sujeito se relacionar com os significantes e conseqüentemente com a realidade. Afinal, o Nome-do-Pai é, antes de tudo, um significante. O que está em jogo na psicose é a não-inscrição desse significante que, forcluído, tem conseqüências: a não inscrição da Lei simbólica.

Podemos dizer, brevemente, que a estruturação psicótica acontece de acordo com a localização do sujeito no desejo do Outro. O ponto central está na passagem do primeiro para o segundo tempo do Édipo, ou seja, na inscrição no sujeito da castração no Outro. O Outro, na psicose, se mantém dentro da ilusão de Outro onipotente e não barrado, como lugar da lei, mas não uma lei socializada. Mesmo com a incidência da Lei simbólica sobre a mãe, essa lei é subjetivada pela criança no nível do dom, onde fica a mercê da boa ou má vontade da mãe. A criança, assujeitada, se vê alvo dos caprichos desse Outro materno²¹⁵.

O que acontece é a não “superação” da relação dual, de tal forma que o sujeito não ingressa totalmente no registro simbólico. Conseqüentemente, a identificação com o falo do Outro materno se mantém. Na estrutura psicótica, o registro do imaginário detém certa prevalência sem ser contrabalanceado pelo simbólico, que reside no Outro.

Dessa forma, o que não entre em jogo na psicose é justamente a realidade da castração. A psicose coloca em evidência outro plano da realidade, marcada especificamente pela questão da castração. Aqui, mais do que em outro campo, se revela o falo como organizador da realidade e da produção de significação.

Na medida em pensarmos a estrutura como uma forma de estabelecer o campo

²¹⁵ Cf. QUINET, *Teoria e clínica da psicose*, p. 10.

da realidade, pode-se mais facilmente compreender algo da psicose e de sua maneira de se relacionar com a realidade. Cabe, contudo, situar lebrar que falamos aqui da realidade da castração, o que, na verdade, implica todo o conceito de realidade da psicanálise, pois é a castração – ou sua forclusão – que implicam na organização da realidade.

A realidade na psicose é uma realidade submetida a um Outro onipotente não castrado. A idéia de falo já está aí, mediando a relação do psicótico com o Outro onipotente, o psicótico identificado ao falo. Dessa maneira, mesmo sendo o falo um significante, portanto simbólico, ele põe a criança numa posição imaginária. Lacan fala, então, de um falo imaginário (ϕ).

Dessa forma, desde a definição de seu campo, a psicose é o que melhor põe em jogo a problemática da realidade. O louco está fora da realidade? Por que o que ele atua está tão em desacordo com o que se tem habitualmente como realidade comum?

Ora, a psicose não está fora da linguagem, mas fora do discurso. Soler, referindo-se a *O Aturdido*, define o discurso como “uma modalidade de vínculo social, como ordenado pela linguagem”²¹⁶. O ponto é fundamental. Qualquer um que lide com o fenômeno da psicose se vê diante da problemática da relação do psicótico com o simbólico. Ao não inscrever a Lei simbólica, na identificação parental e constituição do Ideal de eu, o psicótico não se insere como o neurótico num discurso que organiza a linguagem e, portanto, os significantes.

Na psicose, os parâmetros de constituição do campo da realidade são outros e, talvez, mais “frágeis”, mesmo que aceitemos que a psicose não é um déficit (seja mental, genético ou de desenvolvimento). No momento em que a criança se depara com a castração no Outro, opera-se sobre ela um furo no registro imaginário, pois ela já não

²¹⁶ SOLER, *Inconsciente a céu aberto da psicose*, op. cit., p. 63, nota 2.

se identifica ao falo. Podemos dizer que o que se estabelece aqui é uma invasão do real sobre o imaginário. Essa invasão pode ser resolvida com o recurso da metáfora paterna, que insere o sujeito na trama simbólica e na Lei. Pois bem, esse é um recurso que *falta* ao psicótico e tem efeitos em determinados momentos em que o real invade o sujeito. Tal falta não se reduz a deficit porque advém de uma “escolha” (não voluntária): da possibilidade que ocorra *ou não* a aceitação da castração.

O significante do Nome-do-Pai se insere como um significante primordial, que inicia a série de significantes e ordena: “O equilíbrio, a justa situação do sujeito humano na realidade, depende de uma experiência puramente simbólica, em um de seus níveis pelo menos, de uma experiência que implica a conquista da relação simbólica como tal”²¹⁷

Levando em conta esse raciocínio, deve haver significantes que iniciem a ordem significante, significantes de base. É nesse ponto que Lacan situa por exemplo o pensamento mágico e a mitologia, seja ela qual for: “não fica claro que essas mitologias visam à instalação, à posição em pé do homem no mundo? – e fazem-lhe saber quais são os significantes primordiais [...]”²¹⁸.

A forclusão de um destes significantes tem efeitos que serão vistos no esquema I, variação do esquema R. O sujeito se sustenta no campo da realidade a partir de dois significantes primordiais: o significante fálico e o Nome-do-Pai. Seguindo o raciocínio topológico do esquema R, ambos os pontos ocupam o mesmo lugar. Como diz Lacan:

“Tentemos agora conceber uma circunstancia da posição subjetiva em que o apelo ao do Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a

²¹⁷ *Seminário II*, p. 226.

²¹⁸ *Seminário III*, p. 228.

carência do próprio significante”²¹⁹.

Esse chamado será respondido, no entanto, com um vazio, pois o significante está forcluído. A forclusão é explicada aqui em termos do juízo de existência. Antes do significante ser recalcado, deve passar por uma *Bejahung* inicial, um juízo primário de sua existência. Ora, no caso da psicose, há uma forclusão desse significante, que nem sequer passa pela *Bejahung* inicial. Um chamado ao Nome-do-Pai, no caso da psicose, é respondido com um furo que produz inclusive um furo na significação fálica que sustenta o imaginário. Ocorre um processo de dissolução do imaginário pela elisão do falo.

É no momento do surto psicótico que a construção da realidade calcada no imaginário e simbólico fica mais evidente. A dissolução do imaginário no caso de Schreber leva à sensação de fim do mundo, ou seja, ao término da própria significação da realidade. A realidade perceptiva permanece, mas o *sentido* desta realidade se desfaz. A realidade só é restituída no momento em que Schreber constrói sua metáfora delirante, ao acreditar que se tornará mulher e terá uma relação sexual com Deus para povoar o mundo com uma nova raça humana.

Mesmo ancorada no simbólico e no imaginário, a realidade é constantemente afetada pelo real. O real, por sua vez, deve ser barrado pelo campo constituído na imbricação dos dois registros, o simbólico e o imaginário.

3. O real e a realidade

Deve-se, por fim, estabelecer a distinção entre real e realidade. Parece haver algum consenso quanto ao que diz respeito à diferença entre o registro do real e o

²¹⁹ “De uma questão preliminar...”, p. 563.

conceito de realidade. Diatkine diz: “A concepção lacaniana de ‘real’, bem diferente da de ‘realidade’, tem origens nas dificuldades que Freud encontrou para teorizá-la”²²⁰. Já Jorge afirma: “... o real, que não se confunde com a realidade, é o não-senso radical, ou, como diz Lacan, o ‘sentido em branco’”²²¹. Viviane também assume uma posição similar: “Mas que Real é esse? Não é o Real material, não é a realidade cotidiana: portanto, a Psicanálise nada tem a ver com uma adaptação do sujeito à realidade, já que o Real do qual se trata é o inconsciente”²²². Ou ainda Fink: “Ao neutralizar o real, o simbólico cria a ‘realidade social’, a realidade entendida como aquilo que é nomeado pela linguagem e pode, portanto, ser pensado e falado”²²³.

Já Dunker parece ter uma posição menos radical. Ele se pergunta por que separar o real da realidade na medida em que a realidade psíquica, ao menos no que tange as transformações propostas por Lacan, tem em si traços da realidade em efetividade, que implica em atualidade: “atualidade, existência, ou ainda atividade, são formas da concepção do real que primam pela asserção de sua positividade. Contrastam com formas de apreensão do real pela negatividade [...]”²²⁴.

Nossa posição se limita ao momento da obra de Lacan que vai até seu ensino de 1960. Ora, pelo menos até esse momento, entendemos que Real e realidade não são a mesma coisa, nem se pode confundir os dois. No entanto, tampouco pode substituir a relação entre ambos.

²²⁰ DIATKINE, G., *Jacques Lacan*. Trad. de F. F. Settineri. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999, p. 33.

²²¹ JORGE, M. A. C., *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005, p. 46.

²²² Cf. VIVIANE, A., “Representação e realidade” in PACHECO Fo., R. A., COELHO Jr., N., & ROSA, M. D., orgs., *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*, São Paulo, Casa do Psicólogo / EDUC, 2000, p. 50.

²²³ FINK, *O sujeito lacaniano*, op. cit., p. 44.

²²⁴ DUNKER, “Ontologia negativa em Psicanálise”, op. cit., p. 221.

Se em alguns momentos o adjetivo *real* se presta a nomear o que é da ordem da realidade para Lacan como, por exemplo, a idéia de *pai real* ou a *imagem real*, nem por isso o registro do Real é tido como parte da realidade. Vejamos alguns exemplos:

“o real é ou a totalidade ou o instante esvanecido. Na experiência analítica, para o sujeito, é sempre o choque com alguma coisa, por exemplo, com o silêncio do analista”²²⁵.

“O real, ou o que é percebido como tal, é o que resiste absolutamente à simbolização”²²⁶.

“Lembrem-se do seguinte a respeito da exterioridade e da interioridade – esta distinção não tem nenhum sentido no nível do real. O real é sem fissura [...]. Este real, para apreendê-lo, não temos outros meios – em todos os planos e não somente no do conhecimento – a não ser por intermédio do simbólico”²²⁷.

Estas três citações são retiradas de textos do início do ensino de Lacan sobre a psicanálise, respectivamente de 1953, 1954 e 1955. Eventualmente e de modo cava vez mais raro, Lacan faz uso em seus seminários do termo *réel* sem que esteja referido ao registro do Real, ou seja, antes de modo mais próximo do sentido comum do que do conceitual. Sintoma de que o conceito ainda não está plenamente consituído.

No *Seminário I*, por exemplo, no capítulo que Miller denomina de “A tópica do imaginário”, Lacan diz: “Todo o problema a partir de então é o da junção do simbólico e do imaginário na constituição do real [*réel*]”²²⁸. Lacan parece usar o termo *réel* quase como se fosse o registro, mas isso tornaria ininteligível o que disse imediatamente antes: “O real, ou o que é percebido como tal, é o que resiste absolutamente à simbolização”. A metáfora ótica apresentada no mesmo seminário se vale constantemente da idéia de construção de uma imagem que funcione como um objeto

²²⁵ “O simbólico, o imaginário e o real” in *Nomes-do-Pai*, p. 45.

²²⁶ *Seminário I*, p. 82.

²²⁷ *Seminário II*, p. 128.

²²⁸ *Seminário I*, p. 90.

real. Lacan não busca, então, situar o registro do Real, e sim o registro do Imaginário, apesar de falar constantemente em objeto e imagem real. O termo *réel* aqui deve ser tomado no sentido de realidade, e não enquanto o registro do Real, que já fora fixado como o que está fora da simbolização na aula anterior.

Ainda assim, o registro do Real e o termo real referente à realidade não se confundem nem mesmo no começo do ensino de Lacan.

A realidade em Lacan está quase sempre marcada pela presença do simbólico. Em sua realidade, o sujeito significa alguma coisa, produz sentido, tal como ocorre nos textos de Freud. A respeito do caso Dick, de Melanie Klein, Lacan diz: “não é, entretanto, uma realidade absolutamente desumanizada. Ela significa, ao seu nível. Ele já está simbolizada porque se lhe pode dar um sentido [*sens*]”²²⁹.

Lacan também fala de um *sentimento de realidade* em alguns momentos, que se aplica ao Imaginário. O que se configura, nesta distinção entre Real e realidade é que o primeiro é aquilo que está fora dos outros dois registros – o simbólico e o imaginário – enquanto a realidade se dá justamente na conjunção entre os dois registros excluindo o Real.

“Quer dizer que, na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito – vocês devem sabê-lo desde que lhes repito – é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra”²³⁰.

Se o Imaginário é da ordem da imagem, do imagético, o simbólico, sabemos, se constitui a partir do significante, da palavra. O significante intervém e se torna o campo de organização do imaginário de forma a ser visto também como o campo da significação, do sentido.

²²⁹ *Seminário I*, p. 85.

²³⁰ *Seminário I*, p. 97.

Em alguns momentos Lacan situa uma realidade pura, principalmente nos capítulos 6 e 7 do *Seminário I*, ao falar sobre o caso Dick. Na capítulo 7 ele a conceitua como se fosse aquela do juízo de existência de que Freud fala em *A denegação*. É uma realidade sobre a qual não incide julgamento de qualidade e sim de existência. Não é nem boa nem má, mas é ou não é. As coisas estão ou não. Seria aí que estaria o pequeno Dick, num momento que antecede logicamente ao estágio do espelho, que por sua vez constitui o Imaginário. Ou seja, a organização dessa realidade pura se altera na assunção fantasmática do corpo através do imaginário²³¹.

O caminho para precisar o registro do real se inicia no *Seminário VII*. Nele, Lacan afirma: “a realidade é precária”²³². E chama a atenção para uma novidade introduzida por Freud: se de início parece que o princípio de prazer é da ordem do inconsciente e o princípio de realidade da consciência, isso implica que o segundo lida diretamente com a percepção. Lacan diz que Freud se posiciona de outro modo: é o princípio de prazer que se guia pela percepção. “O processo primário [...] tende a se exercer no sentido de uma identidade de percepção”²³³.

Quanto ao princípio de realidade, Lacan retoma do pensamento de Freud segundo o qual ele se dá no inconsciente. Seria esta a formulação, no *Entwurf*, por exemplo, ou, mais tarde em *O inconsciente*: o pensamento só pode advir à consciência quando articulado em termos de palavras²³⁴. Ao longo das primeiras aulas desse seminário, Lacan trabalhará no sentido de precisar os conceitos de princípio de prazer e de realidade. Mas ao final do seminário, um outro conceito, o de gozo, que até então

²³¹ *Seminário I*, p. 96.

²³² *Seminário VII*, p. 43.

²³³ *Seminário VII*, p. 44.

²³⁴ *Seminário VII*, p. 45-46.

tinha tido um desenvolvimento marginal, ganha espaço.

Nesse mesmo seminário Lacan o define: “o gozo é a satisfação da pulsão”²³⁵. Braunstein faz a crítica dessa afirmação no que tange a satisfação, pois segundo ele não há nada de menos freudiano do que a idéia de que a pulsão é satisfeita. O que pode ser satisfeito é a necessidade, a pulsão por sua vez é uma entidade mítica, “que insiste, repete-se, tende a um branco que sempre falha e seu objetivo não se alcança com a saciedade, com a paz de sua satisfação, mas com o relançamento da flecha, sempre tenso o arco de sua aspiração”²³⁶.

Mas Braunstein concede que o gozo implica numa certa satisfação de uma pulsão, da pulsão de morte. A pulsão de morte para Freud é aquilo que há de demoníaco em cada um e que se manifesta de forma silenciosa, ou seja, sem palavras. Uma das principais manifestações da pulsão de morte é a compulsão à repetição. Coutinho Jorge nos oferece um rápido resumo de como Lacan trabalha a pulsão de morte e a compulsão à repetição. A primeira abordagem de Lacan nesse sentido se dá em termos da repetição como insistência da cadeia significante e, portanto, um fenômeno simbólico²³⁷. A pulsão de morte fica atrelada ao simbólico pois o simbólico traz um para-além da vida, distinguindo-se radicalmente da libido, que é do registro imaginário. Mas é no *Seminário XI* que Lacan modifica essa concepção quando lança mão dos conceitos de *automatôn* e *tiquê*. O primeiro se mantém de acordo com o que fora proposto até o momento, enquanto o segundo será de outra ordem, do registro do real:

²³⁵ “Problema do gozo , visto que ele se encontra como que soterrado num campo central, com aspectos de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingindo por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil ao sujeito, inacessível, talvez, uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão”. *Seminário VII*, p. 256.

²³⁶ BRAUNSTEIN, N., *Gozo*. Trad. de M. Seincman. São Paulo, Escuta, 2007, p. 60.

²³⁷ JORGE, *Fundamentos da Psicanálise de Freud...*, op. cit., p. 63.

“O automatôn representa a repetição em seu aspecto de insistência automática da rede dos significantes, ele é o retorno, a volta, a insistência dos signos através dos quais vemos comandados pelo princípio de prazer. A tique é precisamente aquilo que se situa mais-além desse automatismo, ela é seu ponto terminal – e inicial –, pois implica o encontro (faltoso) com o real que vigora por trás do funcionamento automático do significante”²³⁸.

Esses dois conceitos, imbricados com os dois diferentes registros, tem efeitos diversos: o automatôn é da ordem do sintoma neurótico, da invasão do simbólico sobre o real, da tentativa de simbolizar o trauma. Já tiquê é a insistência de algo que não se inscreve, que está no próprio núcleo do inconsciente, o real.

O gozo pode ser tomado como do campo do real, que não tem palavras, do que não se inscreve no campo da linguagem. Segundo Fink, o real correponderia a um tempo lógico, que antecede a palavra, como pré-simbólico ou pré-linguístico, tanto no que diz respeito a um tempo histórico no desenvolvimento do *homo sapiens*, quanto ao que se refere ao próprio processo de subjetivação do indivíduo. Esse tempo é o real. O simbólico, ao nomear o real, mata o real, no sentido que Lacan diz que a letra mata a coisa. O corpo despedaçado da criança seria desse tempo e o simbólico interfere nesse real do corpo significando-o:

“O real de Lacan é sem zonas, subdivisões, altos e baixos localizados ou lacunas e totalidades: o real é um tipo de tecido inteiro, indiferenciado, entrelaçado de forma a ser completo em todos os lugares, não havendo espaço entre os fios que são sua ‘matéria’. É um tipo de superfície ou espaço plano e sem emenda que se aplica tanto ao corpo de uma criança quanto a todo o universo”²³⁹.

Sobre o real incidirá o simbólico que, ai sim, produz um efeito de realidade, ainda segundo Fink, que pode ser dividida, repartida, recortada, eliminado o real. O real, dessa forma, não existe pois precede logicamente a linguagem. Contudo Fink concede que o real também pode ser visto não só como o que antecede ao simbólico, mas

²³⁸ JORGE, *Fundamentos da Psicanálise de Freud...*, op. cit., p. 64.

²³⁹ FINK, *O sujeito lacaniano*, op. cit., pp. 44-45.

também como o que não é simbolizado, que resta a ser simbolizado ou mesmo que resiste à simbolização. O simbólico incide sobre o real, anulando-o, mas nunca por completo. O resto de real aparece para o sujeito de algumas formas específicas: o trauma, a angústia, a falta, o gozo.

O gozo é aquilo da satisfação da pulsão de morte que é barrado pela Lei na entrada do sujeito no simbólico. Para se incluir no registro simbólico, a criança deve pagar, como diz Braunstein, pagamento que se dá em termos de perda de gozo. O gozo, dessa forma, pode ser entendido como aquilo que escapa à palavra e, portanto, também à significação.

Nesse sentido, fica mais claro pensar a realidade de forma distinta do real. O que está em jogo na realidade é algo que está para além do que a própria percepção. Tanto real como realidade estão calcados na percepção, mas há algo que incide sobre a realidade que não faz sobre o real: o campo da linguagem. A linguagem falha em significar por completo o real, que permanece imutável, impossível, inatingível.

Não obstante, o campo da realidade não é de todo desligado do registro do real. Ao contrário, o real interfere no campo da realidade, no que se articula com o imaginário e com o simbólico. Ao furar os dois registros, ao invadi-los ou bordeá-los, o real leva à produção de significação e ao deslizamento significante, sendo assim um dos pontos que trás a fluidez da realidade.

Esse é o mesmo estatuto do objeto *a*, ou seja, algo que não se inscreve. A partir desses dois componentes, Lacan inicia um movimento que dará melhor contorno ao registro do real, que já era pincelado até então, mas que ainda ocupava um lugar marginal em relação aos registros do imaginário e, principalmente, do simbólico. Movimento que culminará no nó borromeano, metáfora lacaniana que expressa sua

posição de não mais dar primazia a nenhum dos registros: todos eles são fundamentais na constituição do sujeito e interferem um nos outros, constituindo assim o próprio campo da realidade psíquica. Dessa maneira, a realidade humana deve ser entendida na imbricação dos três registros²⁴⁰. O real pode não ser equivalente a realidade, mas a realidade se constitui em torno do vazio que se produz na significação do real. A realidade não pode ser vista apenas em termos da negatividade do real. É o que Lacan expõe no esquema R.

Para Lacan, não podemos então falar diretamente em realidades. As realidades, no plural, remetem a condição de constituição do sujeito em relação ao simbólico. É da própria situação do simbólico o duplo sentido que abre espaço para um conjunto infinito de possibilidade de significação. Isso leva a variações de realidades, grupais, sociais, etc. A base destas “realidades” é sempre da ordem de uma realidade psíquica, com os mesmos marcadores. A realidade é, antes de qualquer coisa, psíquica, constituída na relação entre imaginário e simbólico e no velamento do real, que por sua vez interfere no outros dois registros, deixando marcas na realidade do sujeito.

²⁴⁰ Essa é a leitura que faz, por exemplo, Alexandro Viviane, “Representação e realidade”, op. cit., p. 47.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual, afinal o estatuto da realidade? E quanto às concepções de Freud e de Lacan, há ruptura, continuidade ou avanço?

Freud se vê às voltas como a questão de ter de formular explicações sobre fenômenos não apreensíveis segundo os cânones de cientificidade de sua época. Em particular, é levado a transcender as fronteiras entre normal e patológico e a repensar os próprios fundamentos da cultura. A concepção de realidade não poderia deixar de ser fortemente afetada.

A teoria da neurose aponta para o conflito entre o indivíduo e a realidade. O indivíduo se defende daquilo que vivencia como insuportável. O insuportável é o que Freud chama de traumático. Ora, trauma é um abalo da relação do indivíduo com a realidade, provocando seu afastamento dela, isto é, daquilo que ele apreende como realidade.

O centro da relação entre indivíduo e realidade é o desejo. O indivíduo, por ser desejante, deve estabelecer relações com a realidade exterior, pois é dela que lhe parece poder vir as condições para diminuir o ímpeto com que o desejo o move. Seu aparelho psíquico é constituído para mediar desejos e a realidade exterior. Isto é, para ser um aparelho de atribuição de sentido.

Atribuição de sentido que implica representação. A representação é antes de tudo um representante da pulsão, sem descartar também o fato de que ela representa a realidade exterior para o indivíduo. A realidade exterior, por conta do estado desejante do indivíduo, inscreve as percepções que levam à satisfação do desejo no interior desse

aparelho, criando assim um “mundo interno”, povoado pelos desejos, fantasias, lembranças, pensamento etc. O teste de realidade recebe a função de distinguir entre o que é interno e externo ao indivíduo.

Mas essa mediação que se dá entre o sujeito e a realidade exterior não se resume, de forma alguma, na construção de uma realidade interna que seja equivalente à realidade externa. Não é a equivalência do exterior que está em jogo para o aparelho psíquico, mas a presença ou não do objeto de satisfação. Para tanto, a realidade exterior deve ser assumida pelo indivíduo a partir de certas premissas, de um ou vários sentidos. É nesse eixo, do a atribuição de sentido, que o aparelho freudiano parece seguir. Não se trata de um jogo de reconhecimento, mas de um processo de atribuição de sentido. Sentido é constituído com determinados parâmetros, a saber, o complexo de castração, o princípio de realidade, o supereu e o ideal de eu.

A via lacaniana de se pensar a realidade, ao menos até 1960, se dá na leitura que faz de Freud. Lacan pensa a realidade a partir das três matrizes do funcionamento psíquico, o imaginário, o simbólico e o real. A questão está em quais efeitos a introdução dos registros terá na constituição da realidade para o sujeito.

O registro do imaginário oferece uma vertente pela qual se pode pensar determinados aspectos da teoria freudiana, principalmente o narcisismo e a teoria da libido. A criança atribui sentido à realidade mediada por sua posição narcísica que não é outra senão o reflexo do narcisismo do pai. O operador principal dessa via é o significante fálico: para a mãe, a criança configura o falo simbólico, enquanto que para a própria criança o que circula na relação entre ela e a mãe é o falo imaginário. Do assujeitamento da criança em sua relação com o Outro, se configuram as chaves da atribuição de sentido que, como todo sentido, é de ordem imaginária.

O simbólico está nesse jogo desde o princípio na medida em que a mãe já está inserida nele e a criança ocupa um lugar simbólico para o Outro materno. O simbólico tem seus efeitos sobre o sujeito quando o Outro primordial apresenta significantes para a criança que nomeiam a ela e ao que está ao seu redor. Ainda sobre o primado do falo, esses significantes se ajustam de acordo com essa condição imaginária.

A identificação fálica da criança cai no momento em que ela se depara com a falta no Outro. Começamos a falar aqui de um outro registro de funcionamento, a castração, agora marcada pela falta. Se antes a falta no Outro estava mascarada pelo dom, agora ela está aberta.

O desejo do Outro não recai somente na criança, que se vê envolvida num primeiro jogo de significação, ao poder substituir a mãe por um significante. Isso é manifesto na dialética do jogo de ausência e presença que instaura uma simbolização primordial.

O enigma do desejo da mãe terá como solução a entrada da função paterna a partir do significante do Nome-do-Pai. No caso da neurose, o sujeito constitui um ideal de eu que será chave no processo de atribuição de sentido.

Por fim, o registro do real, que será aos poucos cada vez mais importante na teorização lacaniana. O registro do real é aquilo que fica velado pela conjunção entre o simbólico e o imaginário, mas que tem efeitos sobre o sujeito. Aproxima-se, claro, do inconsciente freudiano. A realidade, por mais que esteja alçada pelo simbólico e pelo imaginário nunca deixa de afetada pelo real.

Ora, em primeiro lugar, o conceito de realidade em Freud e Lacan não são equivalentes, contudo, não são excludentes. O conceito de realidade em Freud implica num processo de atribuição de sentido. Assim como em Lacan, para quem a atribuição

de sentido se dá na conjunção imaginário/simbólico. O sentido é um efeito imaginário na cadeia significante.

Em segundo lugar, a atribuição de sentido é feita a partir de parâmetros que são dados na constituição do sujeito, seja ela qual for, neurótica, psicótica ou perversa.

Em terceiro, é comum a condição de desadaptação do sujeito em relação à realidade. Em Freud, isso se dá pela dialética entre cultura e pulsão. Tanto pulsão de vida como pulsão de morte são reprimidas pela cultura, o que acarreta numa perda do objeto que não será sanada. Levando a um estado de constante mal-estar do indivíduo na cultura, que se vê desamparado diante de uma realidade pouco satisfatória.

Já Lacan constrói a teoria do real, que fura a trama organizada pelo simbólico e imaginário de forma a invadir o sujeito. A entrada no universo da linguagem tem como efeito um apagamento do real, que não acontece por inteiro, deixando sempre um resto que insiste em retornar, mesmo não se inscrevendo. Esse resto pode ser sentido de diversas formas, inclusive como desamparo.

Por fim, em Lacan, a trama que percorremos passa pela noção de intersubjetividade. Se seguíssemos adiante na análise de seus textos, veríamos que Lacan deixa de lado a intersubjetividade, mas sem que o Outro deixe de ser significativo em seu trabalho.

Na seqüência de seu ensino, os matemas e as topologias irão se tornar cada vez mais freqüentes e, principalmente, a topologia dará contribuições importantes no que tange às estruturas e à teoria acerca do externo e interno, cuja distinção terá cada vez menos sentido.

Ao mesmo tempo, Lacan, aumentará a ênfase na importância do objeto *a* e, por conseguinte, na do registro do real. Por conta disso, a fantasia também cresce em

relevância, tornando-se cada vez mais central e eixo para a posição do sujeito diante da realidade. O conceito de *fantasia fundamental* se torna basilar no que diz respeito à costura entre os registros, assim como na compreensão dos fenômenos clínicos, inclusive o final de análise.

É possível também que o conceito de realidade em Lacan tenha sofrido modificações no momento em que põe os três registros em igualdade, ao postular a teoria dos nós, e ainda quando entram em jogo os discursos. Falta-nos verificar, mas nossa hipótese é que os desenvolvimentos posteriores a 1960 não implicam no abandono das formulações sustentadas até então.

BIBLIOGRAFIA

FREUD

Gesammelte Werke. Frankfurt, Fischer, 1999. 19 vols.

Obras Completas. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1970. 24 vols.

Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu, 1978-1986. 24 vols.

Œuvres complètes. Paris, PUF, 1988-?. 19 vols.

Foram expressamente referidos no texto:

A cisão do eu no processo de defesa. ESB XXIII / GW XVII.

A dissolução do complexo de Édipo. ESB XIX / GW XII.

A interpretação dos sonhos. ESB IV-V / *Die Traumdeutung*, GW II/III.

A negação. ESB, XIX / GW XIV.

A perda da realidade na e na psicose. ESB XIX / GW XIII.

Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. ESB X / GW VII.

As neuropsicoses de defesa. ESB III / GW I.

As pulsões e seus destinos. ESB XIV / GW X.

Cinco lições de Psicanálise. ESB XI / GW VIII.

Comunicação preliminar. ESB II / GW I.

Conferências introdutórias sobre Psicanálise. ESB XVI / GW XV.

Esboço de psicanálise. ESB XXIII / GW XVII.

Escritores criativos e devaneio. ESB IX / GW VII.

Estudos sobre a histeria. ESB II / GW I.

Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade. ESB IX / GW VII.

Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. ESB XII / GW VIII.

Hipnose. ESB I / GW Nachtragsband.

Histeria. ESB I / GW I.

História de uma neurose infantil. ESB XVII / GW XII.

- Homem dos Ratos. ESB X / GW VII.
- Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. ESB XI / GW VIII.
- Neurose e psicose. ESB XIX / GW XIII.
- Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia paranoides*). ESB XII / GW VIII.
- Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. ESB XXII / GW XV.
- O eu e o isso. ESB XIX / GW XIII.
- O fetichismo. ESB XXI / GW XIV.
- O futuro de uma ilusão. ESB XXI / GW XIV.
- O inconsciente. ESB XIV / GW X.
- O mal-estar na cultura. ESB XXI / GW XIV.
- O problema econômico do masoquismo. ESB XIX / GW XIII.
- Os chistes e a sua relação com o inconsciente. ESB I / GW VI.
- Prefácio à tradução de *De la suggestion*, de Bernheim. ESB I / GW Nachtragsband.
- Prefácio e notas da tradução de *Leçons du mardi*, de Charcot. ESB I / GW Nachtragsband.
- Projeto para uma psicologia científica. ESB I / *Entwurf*, GW Nachtragsband.
- Psicologia das massas e análise do eu. ESB XVIII / GW XIII.
- Psicopatologia da vida cotidiana. ESB VI / GW IV.
- Recalque. ESB XIV / GW X.
- Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. ESB I / GW GW Nachtragsband.
- Resenha de *Hipnotismo*, de August Forel. ESB I / GW Nachtragsband.
- Sexualidade feminina. ESB XXI / GW XIV.
- Sobre as teorias sexuais das crianças. ESB IX / GW VII.
- Sobre o narcisismo: uma introdução. ESB XIV / GW X.
- Totem e Tabu. ESB XIII / GW IX.
- Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. ESB VII / GW V.
- Um caso de cura pelo hipnotismo. ESB I / GW I.
- Uma criança é espancada. ESB XVII / GW XII.

Outros:

Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie. Hg. P. Vogel. Frankfurt am Main, Fischer, 2001.

Contribution à la conception des aphasies. Trad. Cl. van Reeth. Paris, PUF, 1983.

A interpretação das afasias. Trad. de A. P. Ribeiro. Lisboa, Ed. 70, 1979.

A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Ed. J. M. Masson. Trad. V. Ribeiro. São Paulo, Imago, 1986.

LACAN

Écrits. Paris, Seuil, 1970.

Autres écrits. Paris, Seuil, 2001.

Des noms-du-père. Paris, Seuil, 2005.

Les complexes familiaux dans la formation de l'individu. Essai d'analyse d'une fonction en psychologie. Paris, Navarin, 1984.

Seminários citados (para facilitar a referência, a numeração foi padronizada)

Le Séminaire, I. Les écrits techniques de Freud. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1975.

Le Séminaire, II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1978.

Le Séminaire, III. Les psychoses. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1981.

Le Séminaire, IV. La relation d'objet. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1998.

Le Séminaire, V. Les formations de l'inconscient. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1998.

Le Séminaire, VII. L'éthique de la psychanalyse. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1986.

Le Séminaire, X. L'angoisse. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 2004.

Le Séminaire, XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 1990.

Le Séminaire, XXIII. Le sinthome. Texte établi par J.-A. Miller. Paris, Seuil, 2005.

Traduções

Escritos. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998.

Outros Escritos. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003.

Nomes-do-Pai. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005.

Seminário I. Os escritos técnicos de Freud. Trad. de B. Milan. Rio de Janeiro, J. Zahar,

1996.

Seminário II. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Trad. de M. C. L. Penot e A. L. Q. de Andrade. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1985.

Seminário III. As psicoses. Trad. de A. Menezes. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.

Seminário IV. A relação de objeto. Trad. de D. D. Estrada. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1995.

Seminário V. As formações do inconsciente. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1999.

Seminário VI. O desejo e sua interpretação. "Inédito". Tradução livre da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

Seminário VII. A ética da psicanálise. Trad. de A. Quinet. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1995.

Seminário X. A angústia. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005.

Seminário XI. Os quatro conceitos fundamentais de Psicanálise. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1995.

Seminário XXIII. O sinthoma. Trad. de S. Laia. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2007.

COMENTADORES

ARRIVÉ, Michel, *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros.* Trad. M. Laranjeira e A. Mouzat. São Paulo, EDUSP, 1994.

ALTHUSSER, Louis, *Freud e Lacan. Marx e Freud.* Trad. W. J. Evangelista. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000⁴.

ASSOUN, Paul-Laurent, *Introdução à epistemologia freudiana.* Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

BAAS, Bernard, "Freud, a realidade psíquica e a tentação do transcendental", *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, pp. 9-23.

BRAUNSTEIN, Néstor, *Gozo.* Trad. de M. Seincman. São Paulo, Escuta, 2007.

CABAS, Antonio G., *A função do falo na loucura.* Trad. de C. Berliner. Campinas, Papyrus, 1988.

CALLIGARIS, Contardo, *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

CAZETO, Sidnei J., *A Constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do Século XIX.* São Paulo, Escuta, 2001.

- COELHO JR., Nelson E., *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo, Escuta, 1995.
- “Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana”, *Psicologia*, São Paulo, 1999, v. 10, n. 1, pp. 25-54.
- DARMON, Marc, *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Trad. de E. do Valle. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- DERRIDA, Jacques, *A escritura e a diferença*. Trad. M. B. M. N. da Silva. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- DIATKINE, Gilbert, *Jacques Lacan*. Trad. de F. F. Settineri. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- DOR, Joël, *Introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. C. E. Reis. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.
- DUNKER, Christian I. L., *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo, Escuta, 2002.
- “Clínica, linguagem e subjetividade”, *Revista Distúrbios da comunicação*, São Paulo, 2000, v. 12, n. 1, pp. 39-60.
- DUNKER, C., “Ontologia negativa em Psicanálise: entre ética e epistemologia”, *Discurso*, São Paulo, 2007, n. 36, pp. 217-242.
- ESTEVIÃO, Ivan R., *Sobre a universalidade na psicanálise: um estudo da teoria freudiana do complexo de Édipo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2003.
- FARIA, Michele, *Constituição do sujeito e estrutura familiar. O complexo de Édipo de Freud a Lacan*. Taubaté, Cabral, 2003.
- FINK, Bruce, *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Trad. M. L. S. Câmara. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel, *O nascimento da clínica*. Trad. de R. Machado. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- FULGENCIO, Leopoldo, *O método especulativo em Freud*. São Paulo, Educ, 2008.
- GABBI Jr., Osmyr, *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 2003.
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo, *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1995. 3 vols.
- HANNS, Luiz, *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1999.
- *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- JACKOBSON, Roman, “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” in

- Linguística e comunicação*. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix, 1995, pp. 34-62.
- JORGE, Marco Antônio C., *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005.
- & FERREIRA, Nadiá P., *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005.
- JULIEN, Philippe, *Psicose, perversão, neurose*. Trad. P. Abreu. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2002.
- KAUFMANN, Pierre, org., *Dicionário enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Trad. de V. Ribeiro e M. L. X. Borges. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996.
- LANTERI-LAURA, Georges, *Leituras das perversões*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1994.
- LAPLANCHE, Jean, *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Trad. L. Magalhães. Rio de Janeiro, J. Zahar Editor, 1997.
- *A sublimação*. Trad. A. Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, Jean, & PONTALIS, Jean-Bertrand, *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. P. Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- LEMAIRE, Anika, *Jacques Lacan: uma introdução*. Trad. D. Checchinato. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- MEZAN, Renato, *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- MILLER, Jacques-Alain, *Matemas I*. Trad. S. Laia. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996.
- MILNER, Jean-Claude, *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*, Rio de Janeiro, J. Zahar, Trad. M. A. Coutinho, 1996.
- MONZANI, Luiz Roberto, *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.
- “A ‘fantasia’ freudiana” in PRADO Jr., Bento, org., *Filosofia da Psicanálise*, São Paulo, Brasiliense, 1991, pp. 73-107.
- NASIO, Juan-David, *Psicossomática: as formações do objeto a*. Com intervenções de P. Benoît e J. Guir. Trad. F. Lequerc e M. Kertzman. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993.
- OGILVIE, Bertrand, *Lacan. A formação do conceito de sujeito (1932-1949)*. Trad. D. D. Estrada. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1988.

- PACHECO Fo., Raul A., COELHO Jr., Nelson, & ROSA, Miriam D., orgs., *Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise*. São Paulo, Casa do Psicólogo / EDUC, 2000.
- PORCHAT, Patrícia, *Freud e o teste de realidade*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.
- QUEIROZ, Edilene F., *A clínica da perversão*. São Paulo, Escuta, 2004.
- QUINET, Antônio, *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2000.
- *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro, Forense, 2000.
- RABINOVITCH, Solal, *A forclusão: presos do lado de fora*. Trad. L. Magalhães. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001.
- “*A significação do falo*”: uma leitura. Trad. de A. Lopes, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005.
- RICŒUR, Paul, *De l'interprétation*. Paris, Seuil, 1965.
- RITVO, Lucille, *A Influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Trad. de J. C. C. Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- ROSSI, Emiliano B., “[Para a] Tradução brasileira, comentada e anotada, de *Zur Auffassung der Aphasien – Eine kritische Studie* de Sigmund Freud”, *Anais do SETA*, 2008, 2, pp. 441-446.
- RUDGE, Ana Maria, *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998.
- SIMANKE, Richard T., *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo, Editora 34, 1994.
- STEIN, Conrad, *O psicanalista e seu ofício*. Trad. N. da Silva Jr. São Paulo, Escuta, 1988.
- SOLER, Coleter, *Inconsciente a céu aberto da psicose*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2000.
- VALAS, Patrick, *Freud e a perversão*. Trad. D. D. Estrada. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990.
- VIEIRA, Marcus André, *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001.
- VIVIANE, Alexandre L., “Representação e realidade” in PACHECO Fo., R. A., COELHO Jr., N., & ROSA, M. D., orgs., *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*, São Paulo, Casa do Psicólogo / EDUC, 2000, pp. 45-54.